

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAEL SACOVICZ

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE SOCIOLOGIA – INTERVENÇÃO  
DIDÁTICA A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE A TEMÁTICA.

CURITIBA

2023

RAFAEL SACOVICZ

RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E O ENSINO DA SOCIOLOGIA- INTERVENÇÃO  
DIDÁTICA A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE A TEMÁTICA.

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Doutora Maria Tarcisa Silva Bega

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Sacovicz, Rafael

Relações étnico-raciais e o ensino de sociologia intervenção  
didática a partir das percepções discentes sobre a temática. / Rafael  
Sacovicz. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado Profissional (Dissertação) – Universidade Federal do  
Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós- Graduação em  
Sociologia em Rede Nacional.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Tarcisa Silva Bega.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA EM REDE  
NACIONAL - 25016016039P8

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **RAFAEL SACOVICZ** intitulada: **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE SOCIOLOGIA INTERVENÇÃO DIDÁTICA A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE A TEMÁTICA**, sob orientação da Profa. Dra. MARIA TARCISA SILVA BEGA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 02 de Março de 2023.

Assinatura Eletrônica

03/03/2023 09:39:22.0

MARIA TARCISA SILVA BEGA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

04/03/2023 11:53:08.0

HILTON COSTA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ)

Assinatura Eletrônica

03/03/2023 16:30:00.0

VALÉRIA FLORIANO MACHADO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

---

Rua General Carneiro, 460 - 9º andar - sala 906 - Curitiba - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5173 - E-mail: profsocio.ufpr@gmail.com

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 261722

**Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prrpg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 261722**



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família, pela compreensão pelas faltas e pelo incentivo a percorrer esta jornada.

Agradeço a minha orientadora, Professora Doutora Maria Tarcisa Silva Bega, pelas conversas de apoio, pelas dicas de referências tão importantes para este projeto, pelo apoio e confiança que sempre demonstrou.

Agradeço aos professores e professoras do ProfSocio da UFPR, pelas aulas sempre instigantes, pelas sugestões perspicazes e decisivas para minha formação.

Agradeço, por fim, e especialmente, minha companheira Fernanda Duda Sacovicz, pela ajuda sempre a dispor, pelo apoio incondicional, pelo incentivo nas horas de desânimo, por estarmos sempre lado a lado.

“A educação não tem como objeto real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo. A educação feita mercadoria reproduz e amplia as desigualdades, sem extirpar as mazelas da ignorância. Educação apenas para a produção setorial, educação apenas profissional, educação apenas consumista, cria, afinal, gente deseducada para a vida.” (SANTOS, Milton. 1998)

## RESUMO

Este trabalho tem como proposta o estudo e desenvolvimento de uma intervenção didática na disciplina de sociologia visando a reflexão sobre as percepções dos jovens estudantes sobre a temática do racismo a partir das suas representações sociais. Considerando que o grupo de estudantes do colégio objeto desse estudo, localizado no município da Lapa (PR), é constituído por jovens moradores de uma comunidade marcada pela sua descendência europeia, principalmente alemães, e também moradores de uma Comunidade Remanescente Quilombola, percebe-se a necessidade de aprofundar a compreensão e entendimento desses jovens sobre as relações étnico-raciais marcadas historicamente por uma relação conflituosa e de opressão. Desta forma o trabalho será desenvolvido com o objetivo geral de desenvolver uma intervenção didática a partir das percepções dos jovens discentes sobre as temáticas relacionadas ao racismo, considerando as especificidades do contexto escolar e social em que estão inseridos. Como objetivos específicos busca identificar a percepção sobre o Racismo Estrutural entre os jovens estudantes do colégio; apresentar e aprofundar o conceito de Racismo Estrutural entre os jovens e; incentivar a construção de manifestações antirracistas desenvolvidas pelos discentes desta instituição escolar tendo em vista a realidade pertencente. Metodologicamente este trabalho dar-se-á através de uma pesquisa qualitativa, utilizando a metodologia da observação participante através de uma intervenção didática.

**Palavras-chave:** Sociologia, Juventude, Relações étnico-raciais, Ensino Médio.

## **ABSTRACT**

This work proposes the study and development of a didactic intervention in the discipline of sociology, aiming to reflect on the perceptions of young students on the theme of racism based on their social representations. Considering that the group of students from the school object of this study, located in the municipality of Lapa (PR), is made up of young people living in a community marked by their European descent, mainly Germans, and also residents of a Quilombola Remnant Community, it is clear the need to deepen these young people's understanding of ethnic-racial relations historically marked by conflict and oppression. In this way, the work will be developed with the general objective of developing a didactic intervention based on the perceptions of young students on themes related to racism, considering the specificities of the school and social context in which they are inserted. As specific objectives, it seeks to identify the perception of Structural Racism among young students at the school; present and deepen the concept of Structural Racism among young people and; encourage the construction of anti-racist manifestations developed by the students of this school institution in view of the belonging reality. Methodologically this work will take place through a qualitative research, using the methodology of participant observation through a didactic intervention.

**Keywords:** Sociology, Youth, Ethnic-Racial Relations, High School.



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Atividade impressa com croquis para os estudantes expressarem as representações de diferentes profissões.....	69
FIGURA 2: Lápis de colorir com diferentes tons de pele.....	71
FIGURA 3: Representações sobre profissionais da medicina, pessoas negras....	74
FIGURA 4: Representações sobre profissionais da medicina, pessoas brancas..	75
FIGURA 5: Representações sobre profissionais da engenharia, pessoas negras.....	77
FIGURA 6: Representações sobre profissionais da engenharia, pessoas brancas.....	78
FIGURA 7: Representações sobre profissionais de serviços domésticos, pessoas negras.....	80
FIGURA 8: Representações sobre profissionais de serviços domésticos pessoas brancas.....	83
FIGURA 9: Representações sobre profissionais da manutenção urbana, pessoas negras.....	84
FIGURA 10: Representações sobre profissionais da manutenção urbana, pessoas brancas.....	86
FIGURA 11: Material 1 produzido pelos estudantes.....	93
FIGURA 12: Material 2 produzido pelos estudantes.....	94
FIGURA 13: Material 3 produzido pelos estudantes.....	95
FIGURA 14: Material 4 produzido pelos estudantes.....	96
FIGURA 15: Material 5 produzido pelos estudantes.....	97
FIGURA 16: Material 6 produzido pelos estudantes.....	98
FIGURA 17: Material 7 produzido pelos estudantes.....	99
FIGURA 18: Material 8 produzido pelos estudantes.....	100
FIGURA 19: Material 9 produzido pelos estudantes.....	102

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1. Distribuição dos estudantes por gênero, segundo as turmas pesquisadas – Colégio Estadual Do Campo Antônio Lacerda Braga, Lapa, 2022.....	18
GRÁFICO 2. Distribuição dos estudantes por idade, segundo as turmas pesquisadas – Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, Lapa, 2022.....	19
GRÁFICO 3. Distribuição dos estudantes por local de moradia, segundo as turmas pesquisadas – Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, Lapa, 2022.....	20
GRÁFICO 4: Distribuição dos estudantes por autodeclaração racial, segundo as turmas pesquisadas – Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, Lapa, 2022.....	21
GRÁFICO 5: Distribuição dos estudantes por autodeclaração racial – pretos(as) e pardos(as), segundo as turmas pesquisadas – Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, Lapa, 2022.....	22
GRÁFICO 6: Distribuição percentual dos profissionais da escola por tipo de atividade exercida. Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.....	40
GRÁFICO 7: Distribuição dos professores e professoras por gênero, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.....	41
GRÁFICO 8: Distribuição dos trabalhadores da manutenção, limpeza e alimentação por gênero, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.....	41
GRÁFICO 9: Distribuição dos trabalhadores do setor administrativo e de gestão por gênero, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.....	42
GRÁFICO 10: Distribuição da equipe pedagógica por gênero, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.....	42
GRÁFICO 11: Distribuição do total de trabalhadores por gênero, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.....	43

GRÁFICO 12: Distribuição dos professores e professoras por autodeclaração racial, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.....	43
GRÁFICO 13: Distribuição dos trabalhadores da manutenção, limpeza e alimentação por autodeclaração racial, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.....	44
GRÁFICO 14: Distribuição dos trabalhadores do setor administrativo e da gestão por autodeclaração racial, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.....	45
GRÁFICO 15: Distribuição da equipe pedagógica por autodeclaração racial, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.....	45
GRÁFICO 16: Distribuição de todos os trabalhadores por autodeclaração racial, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.....	46

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Distribuição da população por cor segundo distribuição regional – 2010.....	48
TABELA 2: Distribuição de professores por cor segundo distribuição regional – 2010.....	48



## LISTA DE MAPAS

MAPA 1: Localização do município da lapa no território brasileiro.....	28
MAPA 2: Localização do município da lapa no estado do Paraná.....	29
MAPA 3: Localização do distrito de Mariental no município da Lapa/Pr.....	31
MAPA 4: Localização das comunidades Restinga, Vila Esperança e Feixo em relação ao distrito de Mariental no município da Lapa/Pr.....	34
MAPA 5: Localização das escolas no distrito de Mariental no município da Lapa/Pr.....	37

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CRQ – Comunidades Remanescentes Quilombolas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Brasileira

IDH – Índice de desenvolvimento Humano

PROFSOCIO - programa de Mestrado Profissional em Sociologia

FCP – Fundação Cultural Palmares

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	17
2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
<b>3 CONHECENDO AS REALIDADES</b> .....	29
3.1 LOCALIZAÇÃO, ASPECTOS SOCIAIS E EDUCACIONAIS.....	29
3.2 ASPECTOS DAS COMUNIDADES ATENDIDAS NO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO ANTÔNIO LACERDA BRAGA.....	32
3.3 CARACTERIZANDO A ESCOLA.....	37
<b>4 PERCEPÇÕES SOBRE A JUVENTUDE NO CONTEXTO ESCOLAR</b> .....	48
4.1 CONCEITOS RELACIONADOS À JUVENTUDE.....	48
4.2 ESCOLA COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE JUVENTUDES.....	52
<b>5 SOCIOLOGIA E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS</b> .....	55
5.1 A SOCIOLOGIA E A COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS.....	55
5.2 RACISMO ESTRUTURAL.....	57
5.3 RACISMO E A ESCOLA.....	60
5.4 CONTRIBUIÇÕES DAS LEIS 10.639/03 E 11.645/08.....	63
<b>6 INTERVENÇÃO DIDÁTICA</b> .....	66
6.1 COMPREENDENDO AS PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O RACISMO.....	66
6.2 COMPREENDENDO O RACISMO ESTRUTURAL .....	85

6.3 CONSTRUINDO A CONSCIENTIZAÇÃO ACERCA DO RACISMO ESTRUTURAL.....	87
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>108</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>112</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Considerando os objetivos do programa de Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO de desenvolver propostas que relacionem as teorias sociológicas com as ações docentes no cotidiano escolar, contribuindo com as discussões teóricas e o aperfeiçoamento profissional, este trabalho de pesquisa que produz uma intervenção didática testada em sala de aula<sup>1</sup>, no Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, localizado no município da Lapa-PR. Seu propósito é oferecer subsídios que possibilitem arraigar diferentes elementos que permitam a reflexão e a ressignificação do contexto escolar, com destaque a um dos conteúdos estudados da disciplina de sociologia, no Ensino Médio.

Parte-se do pressuposto que a educação deve ser realizada pensando nos e para os alunos e alunas, num processo de reflexão sobre as contribuições que a sociologia oferece ao processo de desnaturalização e ressignificação da realidade. Para tanto, é necessário investir esforços que permitam efetivar as possibilidades desta ciência na educação básica, de modo a desenvolver uma prática pedagógica voltada para um contexto escolar marcado por relações étnico-raciais historicamente conflituosas. Ou seja, para compreender as percepções e perspectivas juvenis dos estudantes sobre como e por que tais relações marcam seu cotidiano escolar.

Este trabalho tem como objetivo geral desenvolver uma intervenção didática visando a produção de materiais por jovens estudantes do Ensino Médio,

---

<sup>1</sup> Existem 3 modalidades de trabalho de conclusão a ser apresentado no ProfSocio, expressando preocupação com aperfeiçoamento da atividade profissional cotidiana do mestrando:

I) Dissertação: consiste na análise de temas cuja elaboração deve ser orientada no sentido de refletir acerca da repercussão desses temas para o ensino da sociologia e/ou para a qualificação do olhar do docente de sociologia sobre a realidade escolar.

II) Intervenção pedagógica: consiste na elaboração de um conjunto sequencial de atividades para aulas de sociologia ou de um conjunto de ações a serem realizadas no âmbito da escola e entorno, com vistas a aplicar uma perspectiva sociológica que promova a sensibilização de gestores, qualifique a prática docente e/ou aumente a inserção da escola na comunidade, a partir de temas e problemas diretamente vinculados ao contexto da sociologia como disciplina escolar.

III) Material pedagógico: consiste na elaboração de recursos que ofereçam suporte para professores e/ou alunos de sociologia.

na disciplina de sociologia em uma escola pública da Lapa (PR), que permita analisar suas percepções acerca das relações étnico-raciais.

A partir disso, os objetivos específicos delimitam-se em:

- Compreender as percepções dos discentes em relação às relações étnico-culturais construídas no contexto escolar;
  - Investigar como o racismo é representado nas diversas manifestações culturais e artísticas consumidas por este grupo de jovens;
  - Analisar as manifestações dos alunos e alunas contra o racismo considerando os contextos e realidade da instituição;
  - Desenvolver reflexões sobre práticas pedagógicas para a disciplina de sociologia que contribuam para o debate da temática das relações étnico-raciais;
- e
- Refletir sobre a relação entre o contexto escolar e a construção das percepções juvenis sobre a temática racial.

O trabalho buscará desenvolver o relato do desenvolvimento, aplicação e análise de uma intervenção didática que poderá apoiar aos professores e professoras da disciplina de sociologia, com foco na temática do debate étnico-racial. Assim, deve-se compreender a intervenção didática como sendo:

Investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências (DAMIANI, et al., 2013, p. 58).

É possível compreender a intervenção didática como uma ferramenta de trabalho pedagógico que objetiva desenvolver possibilidades e contribuições para o processo de ensino-aprendizagem tendo como característica ser aplicada com o objetivo de oferecer condições, através de uma investigação científica, buscando a solução de problemas reais (DAMIANI, Magda Floriana et al., 2013, p. 59).

Nesta perspectiva, este trabalho será desenvolvido tendo como ponto de partida as experiências e vivências dos jovens estudantes de um colégio localizado no município da Lapa, Paraná. Esta instituição foi definida para ser o objeto de pesquisa por ter como peculiaridade o fato de atender dois grupos étnicos muito distintos: descendentes de imigrantes europeus, principalmente alemães e

moradores de uma comunidade remanescente quilombola, constituída pelas descendentes dos africanos e afro-brasileiros escravizados.

Os conflitos ligados às diferenças étnico-raciais e culturais construídas historicamente, marcam o cotidiano escolar desta instituição, gerando a necessidade do aprofundamento e contextualização a respeito desta temática. Nesta perspectiva, enfatizam-se as contribuições da disciplina de sociologia no desenvolvimento de práticas voltadas para a superação e desnaturalização dos pensamentos e práticas sociais marcados pela interseccionalidade racial.

Considerando a proposta de organização da disciplina de Sociologia na educação básica, delimita-se a aplicação da intervenção didática na 2ª série do Ensino Médio, pois é nesta etapa do ensino-aprendizagem no currículo da disciplina de Sociologia que ocorre a abordagem de conteúdos voltados à compreensão e reflexão sobre as diversidades sociais, étnicas e culturais, sendo necessário o desenvolvimento de práticas que permitam um maior aprofundamento acerca desta temática.

Neste contexto, serão desenvolvidas as atividades de intervenção didática para a disciplina de Sociologia, sobre as relações étnico-raciais, voltadas para a produção de materiais por parte dos alunos e alunas que possibilite ~~realizar a~~ analisar ~~sobre~~ suas percepções sobre a temática em questão, considerando as especificidades da sua realidade no contexto escolar.

A proposta de intervenção didática se dará em duas etapas buscando levantar materiais que representem diferentes dimensões sobre a percepção sobre o racismo por parte do discentes. Visando verificar a presença do Racismo Estrutural entre os estudantes, na primeira etapa será realizada uma atividade na qual o grupo deverá representar através de uma ilustração, profissionais de diversas áreas: pessoas que trabalham com medicina, engenharia, serviços domésticos e manutenção urbana. Neste processo alunos e alunas serão orientados a caracterizar os indivíduos de acordo com seu exercício profissional.

Esta etapa possibilitará analisar a forma como os jovens apreendem a participação dos diferentes grupos étnicos no mercado de trabalho e suas

diferentes representações sociais, sendo um importante indicador sobre a existência de um racismo estruturado e arraigado nas compreensões desses estudantes. Existe uma representação social muito intensa sobre as relações de trabalho e os cargos ocupados por pessoas de diferentes grupos étnicos, explicitando a hierarquia social presente na sociedade, que delimita a distância entre os grupos marginalizados socialmente e os grupos que ocupam posições elevadas.

Na segunda etapa da intervenção didática, após o conhecimento e aprofundamento sobre o conceito do racismo estrutural, será solicitado aos estudantes a produção de um material de conscientização sobre o tema, podendo ser cartazes, folders ou postagens em redes sociais (vídeos, imagens ou textos). Esta etapa propõe que o estudante deixe de ser apenas um consumidor e torne-se um produtor de informação, possibilitando que esse indivíduo repense a importância acerca destas influências.

A produção dos materiais de conscientização permitirá analisar a postura dos jovens discentes em relação aos movimentos antirracistas, que poderá ir de uma aparente passividade à criticidade em relação as relações étnico -raciais. A forma como os estudantes desenvolverem os materiais e imagens, e sua intensidade retratarão sua indignação ou a sua acomodação sobre os aspectos e temas voltados para as relações étnico-raciais, permitindo ao desenvolvimento de uma análise complexa sobre as percepções juvenis sobre a temática.

É importante ressaltar que as etapas da intervenção didática e análise dos materiais produzidos pelos alunos e alunas devem sempre considerar as especificidades que estruturam as relações socioculturais do espaço escolar em que estão inseridos. Todo o processo deverá considerar as relações historicamente construídas entre os descendentes de imigrantes europeus e os descendentes de africanos escravizados, compartilhando o mesmo espaço escolar, localizado no espaço marcado pela descendência europeia, visando analisar se existem marcas destas relações nas expressões e representações dos jovens estudantes deste colégio.



Considerando a hipótese de que as relações étnico-raciais entre alunos e alunas desta instituição escolar é marcada pela presença do Racismo Estrutural, busca-se o desenvolvimento de uma análise a respeito das percepções juvenis sobre as relações étnico-raciais existentes no contexto da instituição escolar, fundamentados aos conteúdos e temáticas abordados pela disciplina de Sociologia e a partir disto, oferecer possibilidades de trabalho e reflexão aos docentes de Sociologia em sala de aula.

Este trabalho que se propõe a planejar, executar e avaliar uma intervenção didática, justifica-se pela necessidade de compreender as transformações que as juventudes passam na contemporaneidade e a sua relação com os espaços que ocupam, evidenciando o papel da escola neste processo, como afirmam Carrano, Dayrell e Maia (2014, p.119) “os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados”.

Apoiado nesta perspectiva, a pesquisa tem como objeto de estudo as relações juvenis estabelecidas em um contexto escolar caracterizado por uma marcante diversidade étnica e cultural entre seus discentes descendentes de europeus e afrodescendentes, justificando assim a necessidade de desenvolver um estudo que permita a compreensão destas relações, pois “o jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferenciam (...)” (DAYRELL, 2007, p. 1107).

Considerando o contexto das relações discentes estabelecidas neste colégio destaca-se a necessidade de desenvolver ações didáticas voltadas para as especificidades, com ênfase ao papel do jovem como protagonista da sua realidade:

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. (DAYRELL, 2003)

Assim é importante compreender os aspectos étnico-raciais, históricos e culturais que norteiam estas relações e, a partir delas, desenvolver uma intervenção didática voltada para sua realidade, promovendo uma educação voltada para a

realidade dos estudantes, partindo da compreensão de como são produzidas as percepções sobre as relações étnico-raciais entre os jovens estudantes.

A pesquisa se justifica-se por apresentar uma relevância social na medida em que, através da compreensão das percepções dos jovens sobre o as relações étnico-raciais, surgem as possibilidades de construção de diferentes instrumentos que permitam a compreensão das manifestações do racismo e opressão, assim como o impacto sobre os discentes de uma escola caracterizada por suas relações raciais dicotômicas.

Portanto, este trabalho assim se estrutura: na introdução busca detalhar os objetivos gerais e específicos, a delimitação do objeto de pesquisa, a justificativa e as motivações que levaram à realização deste trabalho. No segundo capítulo é apresentada a metodologia e a utilizada para o desenvolvimento do trabalho e a fundamentação teórica, que irá destacar o diálogo com os principais pensadores desta temática.

No terceiro capítulo apresentará um breve debate a respeito do conceito da juventude e sua relação com o contexto escolar. Sobre esta temática, busca-se desenvolver reflexões sobre a construção do conceito de juventude e sua relação com os espaços sociais que ocupam, destacando sua relação com a escola e como esta instituição influencia a construção do sujeito jovem.

No quarto capítulo são desenvolvidas reflexões sobre os debates, na sociologia, sobre as relações étnico-raciais, por meio de levantamento quanto às contribuições desta disciplina escolar para a compreensão sobre o racismo e a educação, no que tange às relações étnico-raciais. Busca-se a apropriação da sociologia como ferramenta de desnaturalização e reflexão de tais relações marcadas por diversidades. Nesta perspectiva, também se propõe-se evidenciar as contribuições das leis 10.639/03 e 11.645/08, que estipulam a obrigatoriedade do debate, reflexão da História e Cultura africana e afro-brasileira no ensino fundamental e médio.

No quinto capítulo, descrevem-se aspectos históricos e sociais das comunidades que são atendidas pela instituição escolar foco da intervenção didática, realizando uma análise sobre a estrutura e estratificação existentes neste

local específico, destacando alguns aspectos singulares desta escola para mapear a realidade dos estudantes. Também será realizada a descrição das dinâmicas da instituição escolar, dos educadores e dos funcionários, o que permitirá realizar uma análise acerca da representatividade dentro do contexto escolar.

Por fim, o sexto e último capítulo detalhará o processo de intervenção didática, que busca desenvolver uma ação didática na disciplina de sociologia voltado para o levantamento e produção de materiais pelos estudantes, que possibilitem analisar as suas percepções sobre a temática das relações étnico-raciais, tendo como principal foco as questões relacionadas ao racismo estrutural.

## 2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

No que diz respeito à metodologia utilizar-se-á uma abordagem com enfoque na pesquisa qualitativa, a qual, segundo Minayo (2012), está centrado na compreensão do objeto de estudo a partir do olhar da pessoa que lá está, realizando a imersão em sua realidade e sensibilidade. Pode-se compreender assim que a pesquisa qualitativa não se apega a valores numéricos e estatísticos, permitindo uma análise das vivências, ações e percepções, o que vai ao encontro com o objetivo desta pesquisa em compreender aspectos e percepções de um grupo social específico.

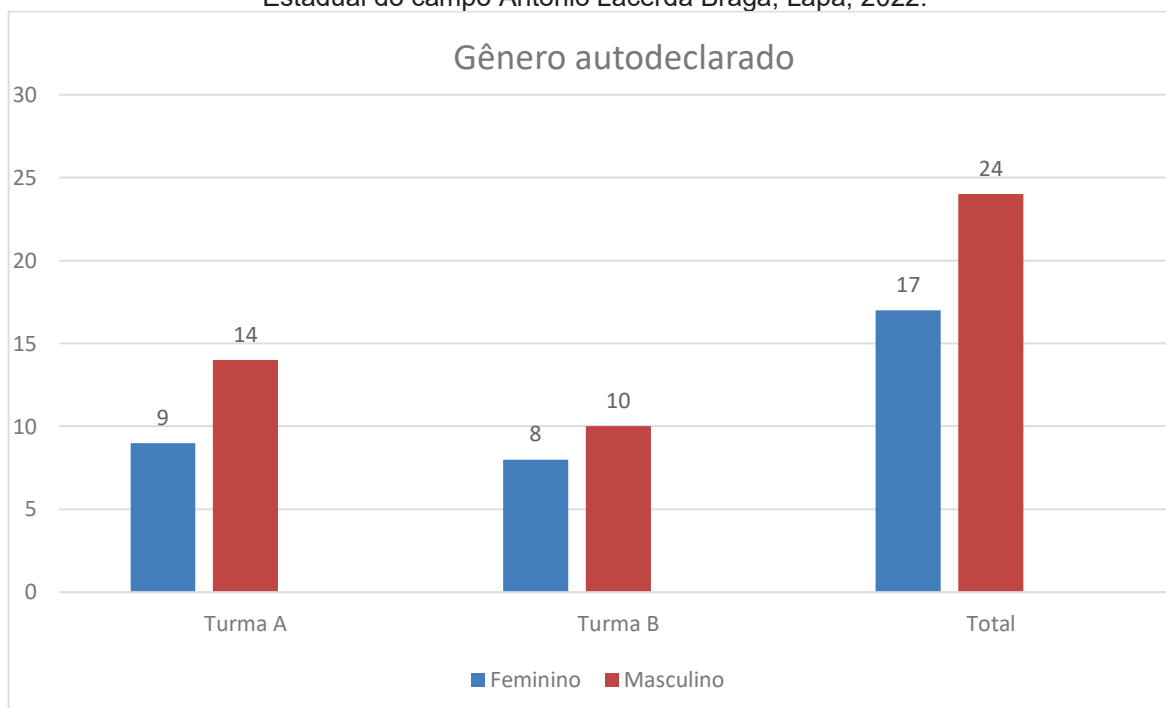
A delimitação das turmas para a realização da pesquisa qualitativa se dá pelo fato de que no atual currículo escolar de sociologia é na segunda série do ensino médio que os discentes aprofundam os conteúdos, reflexões e debates acerca da temática racial, permitindo que a pesquisa esteja contextualizada ao processo de ensino e aprendizagem das turmas pesquisadas, que serão duas (A e B).

Antes de iniciar a pesquisa qualitativa foi realizado um levantamento nas turmas para definir o perfil dos estudantes através de um questionário estruturado o qual foi possível verificar que: A turma A tem um total de 23 estudantes e a turma B, 18 estudantes, totalizando 41 estudantes. Sobre a distribuição deste grupo por gênero<sup>2</sup>, na turma A, 9 se identificam com o gênero feminino e 14 se identificam com o gênero masculino, na turma B, 8 se identificam com o gênero feminino e 10 se identificam com o gênero masculino, apresentando um total de 17 alunas e 24 alunos (Gráfico 1).

---

<sup>2</sup> A pesquisa utiliza a distribuição por gênero, que é um termo com conotações mais psicológicas e culturais ao invés do conceito de sexo, um termo biológico.

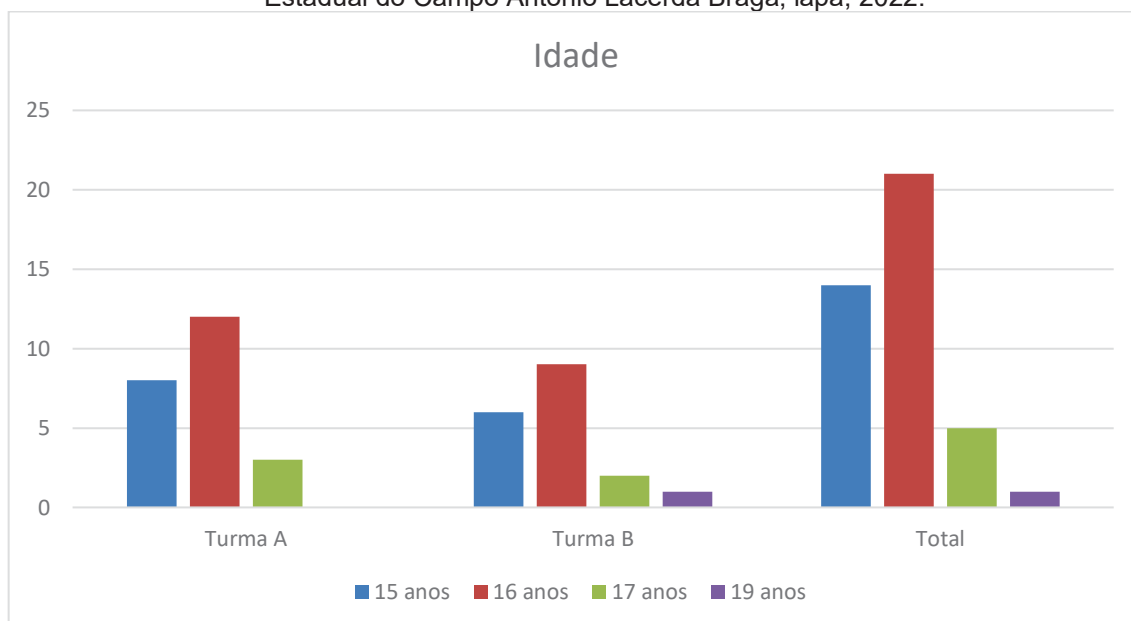
GRÁFICO 1. Distribuição dos estudantes por gênero, segundo as turmas pesquisadas – Colégio Estadual do campo Antônio Lacerda Braga, Lapa, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor

Em relação a idade dos estudantes a distribuição ocorre da seguinte forma, na turma A são 8 estudantes com 15 anos, com 12 com 16 anos e 3 com 17 anos. Na turma B são 6 estudantes com 15 anos, 9 com 16 anos, 2 com 17 anos e 1 com 19 anos. No total são 14 estudantes com 15 anos, 21 com 16 anos, 5 com 17 anos e 1 com 19 anos (Gráfico 2). Ou seja, verifica-se que entre as turmas objetos de estudo a situação de idade escolar dos alunos está correta, existindo apenas um caso com situação de atraso escolar.

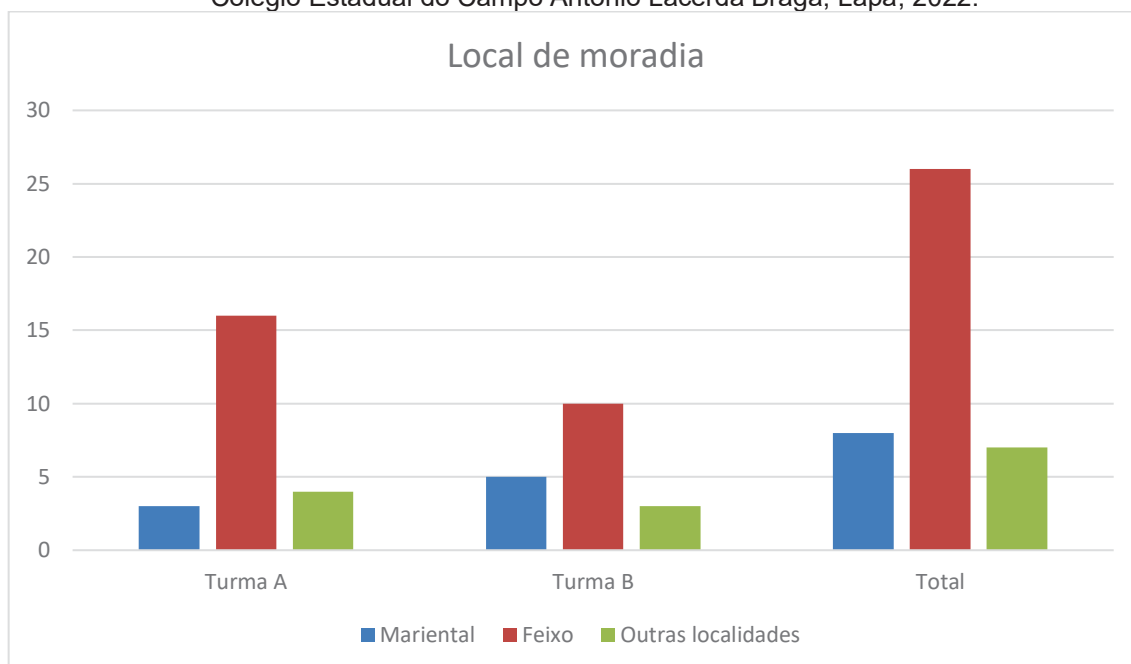
GRÁFICO 2. Distribuição dos estudantes por idade, segundo as turmas pesquisadas – Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, Iapa, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor

Em relação ao local de moradia, na turma A, 3 estudantes são moradores de Mariental, comunidade caracterizada pela descendência alemã, 16 estudantes moram no Feixo, comunidade de remanescentes quilombolas e 4 afirmam morar em outra localidade; na turma B, 5 estudantes moram em Mariental, 10 moram no Feixo e 3 moram em outra localidade, assim nas duas turmas, existem 8 moradores de Mariental, 26 moradores do Feixo e 7 estudantes de outras localidades (gráfico 3). É possível verificar que a maior parte do grupo de estudantes é oriunda das comunidades próximas a Mariental, em sua maioria pessoas que são remanescentes quilombolas, que representam 63,41% do grupo, demonstrando a necessidade de ações e planejamento voltados para essa marcante diversidade entre os seus alunos e alunas.

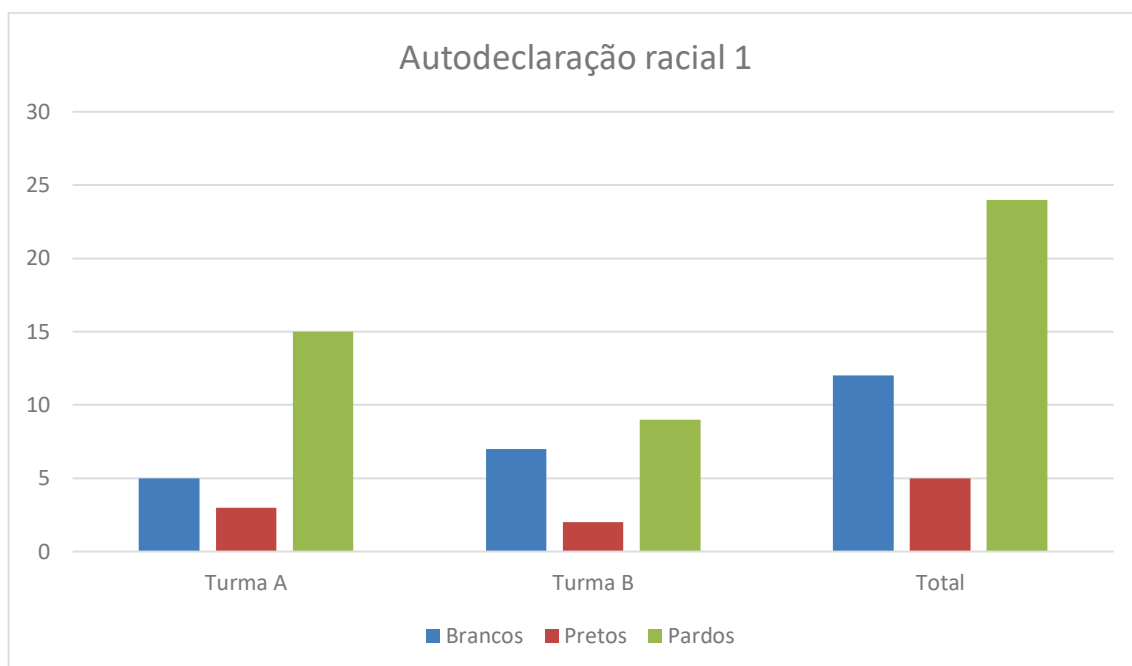
GRÁFICO 3. Distribuição dos estudantes por local de moradia, segundo as turmas pesquisadas – Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, Lapa, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor

Sobre a autodeclaração racial dos estudantes, na turma A, 5 se autodeclararam brancos(as), 3 se autodeclararam pretos(as) e 15 se autodeclararam pardos (as); na turma B, 7 se autodeclararam brancos(as), 2 se autodeclararam pretos(as) e 9 se autodeclararam pardos(as), desta forma as duas turmas totalizam 12 estudantes autodeclarados brancos(as), 5 autodeclarados pretos(as) e 24 autodeclarados pardos(as) (Gráfico 4). Esses dados expressam a presença marcante de indivíduos que se autodeclararam pardos(a), reforçando as informações do gráfico anterior que, juntos, demonstram turmas que são marcadas por um grupo de jovens com uma ancestralidade negra, e que demonstram se identificar com suas origens.

GRÁFICO 4: Distribuição dos estudantes por autodeclaração racial, segundo as turmas pesquisadas – Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, Lapa, 2022.

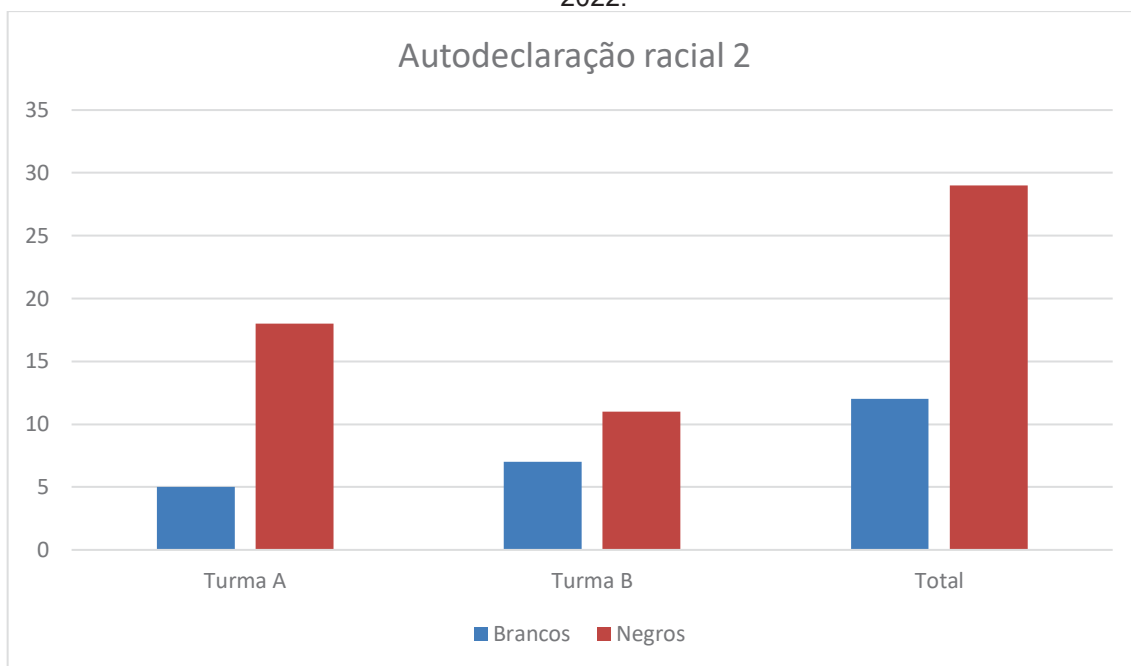


FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor

No desenvolvimento desta pesquisa será utilizado o termo negro para se referir ao grupo constituído por pretos(as) e pardos(as), como nominado pelas pesquisas do IBGE, entendendo que o termo negro expressa também a construção de uma identidade política para este grupo, sendo assim, a turma A é composta por 5 estudantes autodeclarados brancos(as) e 18 estudantes autodeclarados negros (as), a turma B é composta por 7 estudantes autodeclarados brancos (as) e 11 estudantes autodeclarados negros (as), apresentado um total de 12 estudantes autodeclarados brancos(as) e 29 estudantes autodeclarados negros (as) (Gráfico 5). Estes dados representam a presença marcante da identidade negra entre as turmas, que deve ser entendida como uma construção social, histórica, cultural e plural.



GRÁFICO 5: distribuição dos estudantes por autodeclaração racial - pretos(as) e pardos(as), segundo as turmas pesquisadas – Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, Lapa, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor

Com a definição do perfil do grupo pesquisado e o enfoque na pesquisa qualitativa, adiciona-se a utilização do recurso metodológico da observação participante, que tem sua origem na antropologia e na sociologia e é muito utilizada no levantando de informações quando os indivíduos se encontram em atividades e situações naturais, desta forma, representa uma “variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas” (MINAYO, 2002)

Essa abordagem metodológica apresenta importantes contribuições para a pesquisa, pois permite o contato pessoal do pesquisador com o contexto sociocultural do ambiente observado, possibilitando acompanhar as experiências construídas e vivenciadas pelos sujeitos, compreendendo os sentidos e significados atribuídos dentro daquele contexto específico (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Destaca-se que a observação participante para pesquisas no contexto escolar, contribuem de forma significativa no processo de análise das especificidades em que os estudantes estão inseridos e como este contexto gera influências nas percepções, ações e construções sociais dos estudantes. Desta

forma, a observação participante contribui na produção de uma análise densa das interações sociais no seu contexto natural, considerando todas as suas dinâmicas, utilizando sua própria linguagem e expressões cotidianas, e desta forma possibilite uma análise adequada do contexto de um sistema social descrito a partir de uma série de perspectivas dos participantes. (MARIETTO e SANCHES, 2013).

## 2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O processo de ensino e aprendizagem é um fenômeno complexo que exige dos sujeitos envolvidos uma visão ampla e descentralizada. A educação está em constante transformação e precisa ser objeto de estudos e reflexões permanentes, sempre considerando todas as perspectivas possíveis. Neste sentido é necessário estimularmos constantemente a construção de uma educação transformadora e emancipatória.

A sociologia como disciplina escolar apresenta significativas contribuições para este processo, aprofundando e questionando o processo educativo reprodutor. Assim, destaca-se a relevância de desenvolver reflexões pertinentes sobre o papel da sociologia da educação, pensando principalmente nas contribuições dessa disciplina na desnaturalização de pensamentos e ações, permitindo mecanismos que permitam aprimorar o processo educativo e transformar o processo de ensino-aprendizagem.

A educação ocorre de diversas formas no contexto social, sendo construída e desenvolvida de acordo com as diferentes camadas sociais, representando um fator de manutenção dessa hierarquização. Para Bourdieu (1998) a relação de ensino (comunicação pedagógica) é formalmente igualitária, mas que reproduz e legitima as desigualdades; esse processo se dá quando tradicionalmente a escola cobra dos estudantes o domínio de habilidades e conhecimentos comuns as classes mais altas.

Bourdieu busca demonstrar como as condições de participação social dos indivíduos estão pautadas em uma herança social, marcada pelo processo de reprodução constante em uma sociedade, denominado de estrutura estruturante.

Assim, a sociedade pode ser compreendida como uma estrutura estruturante enquanto as relações nela estabelecidas estão constantemente sendo reestruturadas a partir das ações dos seus indivíduos. A educação tem grande importância neste processo, por se trata de bem simbólicos, moldando as estruturas do pensamento dos indivíduos, e consecutivamente suas ações (BOURDIEU, 1989).

Nesse sentido, é possível compreender que o processo de ensino e aprendizagem precisa ser revisto, no qual deve se desenvolver de forma inclusiva, voltada para as perspectivas das diferentes realidades e camadas sociais. É necessária a compreensão de que a escola deve ser pensada e praticada pensando no estudante, em suas diversidades, especificidades e dimensões, desconstruindo a perpetuação de uma educação estruturada para a manutenção de uma hierarquia desigual, opressora e voltada para os interesses das elites.

Mannheim (1982) destaca que a educação sempre teve um objetivo de moldar as gerações e controlar todos os fatores de sua personalidade formando suas capacidades para se tornarem agentes do desenvolvimento social. Desta forma, precisamos refletir sobre a complexidade do papel dos educadores nesta perspectiva, sendo responsáveis por determinar os estímulos para propiciar uma autoconstrução dos estudantes, considerando sempre as inúmeras possibilidades didáticas e de intervenções pedagógicas.

A necessidade de pensar e praticar a educação na contemporaneidade torna-se muito evidente. Compreender os efeitos do processo educativo e formador é fundamental para que seja possível desenvolver uma complexa reflexão sobre o desenvolvimento social, cultural, econômico e político. É necessário também evidenciar o papel da educação como um ato e opção política, assim, busca atender as expectativas e necessidades de um tempo e de uma ideia. Paulo Freire (1988) destacou a educação como um ato político afirmando que professores e alunos devem ter consciência das 'políticas' que norteiam o processo educativo, como e o que os alunos são ensinados está a serviço de uma agenda política. Nesta perspectiva, este trabalho se desenvolve em torno de uma proposta de intervenção didática como ênfase nas relações étnico-raciais, pautadas nas contribuições e possibilidades do ensino e aprendizagem da disciplina de sociologia no Ensino

Médio, permitindo refletir sobre as desigualdades e a necessidade de uma educação questionadora no que diz respeito as relações de dominação.

No estudo e compreensão das relações étnico-raciais é fundamental ter uma ampla visão, De acordo com Cardoso (2010) os estudos realizados sobre as relações étnico-raciais representam o opressor (colonizador) expondo e retratando as problemáticas do oprimido, o que evidencia uma necessidade de compreender o papel deste opressor nesta relação, destacando também a branquitude nesse contexto. Assim, é importante a compreensão de todos os agentes responsáveis pela organização social e os diferentes papéis sociais acerca das relações étnico raciais estabelecidas.

Em conseguinte, Piza (2002) retrata a invisibilidade branca, o qual o indivíduo branco não se enxerga como um indivíduo racionalizado, isso demonstra uma identidade não marcada, esse não entendimento sobre a identidade racial e seus privilégios, essa falta de consciência do lugar que ocupa no espaço social são mecanismos que fomentam, geram a mantém desigualdades raciais.

Desigualdade raciais que são marcadamente sociais e que evidenciam a presença, na sociedade, das atitudes de preconceito e racismo, a serem entendidas como fenômenos relacionados, mas que têm dimensões diferentes. O preconceito refere-se a uma dimensão psicológica, a uma ideia preconcebida, mas sem a sua confirmação na realidade social. O preconceito pode residir na esfera pessoal ou na coletiva, trazendo elementos para a formação de um senso comum sobre um determinado assunto ou grupo. O racismo pode ser entendido como uma forma de preconceito, o preconceito racial, ou seja, faz referência às ideias preconcebidas sobre raça, etnias e grupos sociais, e geralmente tem uma conotação negativa, enraizados por meio dos estereótipos que reforçam uma imagem distorcida e geralmente com características e comportamentos hegemônicos.

Neste contexto, destaca-se a importância de ações educacionais voltadas para o respeito e valorização das especificidades e características dos diversos grupos e culturas, partindo sempre do princípio de que todos apresentam suas próprias vivências que moldam suas experiências concretas no contexto socioeconômico e educacional. De acordo com Buti (2021) a educação tem uma

importância fundamental no processo de compreender e valorizar as diversidades e diferenças, assim, o espaço escolar deve ressaltar as potencialidades de uma metodologia e abordagens pedagógicas voltadas para a imersão e incorporação, permitindo sair da discussão teórica e desenvolvendo vivências concretas.

Nesta perspectiva Walsh (2009) desenvolve uma crítica muito construtiva sobre o fato dos pensamentos da diversidade étnica e cultural representam um movimento neoliberal e criando uma falsa sensação de valorização e aceitação das múltiplas culturas e etnias. Desta forma o multiculturalismo teria o papel de reforçar as diferenças e propiciar a manutenção de uma hierarquia marcada pelo eurocentrismo, que valoriza o protagonismo do colonizador em relação aos grupos colonizados.

Mesmo que existam movimentos que visam a valorização da diversidade cultural e do multiculturalismo, estas iniciativas estão fundamentadas em uma perspectiva de dominação exercida pelos colonizadores e assim desenvolvem novas formas de reprodução e estabilidade de uma hierarquia que marca as relações étnico-raciais, pautada na manutenção dos privilégios historicamente conquistados pela branquitude.

A compreensão das relações étnico-raciais no contexto escolar depende de uma perspectiva de aprofundamento das vivências e experiências coletivas, através de uma imersão cultural, resgatando as vivências e saberes próprios, permitindo construir uma nova percepção sobre a história e as relações socioculturais. Como afirma Fanon (1968, p 52):

“A descolonização, que se propõe a mudar a ordem do mundo, é, como se vê, um programa de desordem absoluta. Mas ela não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um entendimento amigável. A descolonização, como sabemos, é um processo histórico: isto é, ela só pode ser compreendida, só tem a sua inteligibilidade, só se torna translúcida para si mesma na medida em que se discerne o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo.”

Nesta perspectiva, é possível destacar a importância da construção de intervenções pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem, ressaltando a necessidade de repensar a educação e o processo que nela ocorre, pois, a

compreensão da realidade vai muito além da leitura e textos programáticos, é necessário viver, ver e sentir o que nos rodeia. A sala de aula é um espaço que revela as diversas representatividades de seus vários integrantes, com destaque ao poder de expressão dos estudantes, o que nos leva a questionar a construção histórica do protagonismo do professor(a) dentro desta relação. Assim, ressalta-se a importância de intervenções pedagógicas que valorizem e estimulem a participação e as percepções dos estudantes como ponto de partida para o desenvolvimento de um conhecimento amplo e, consecutivamente com maior significado.

Considerando os pensamentos de Latour (2007), o processo de produzir o conhecimento está mais relacionada a uma articulação ou afetação e menos de referência. Demonstrando que para o estudante é muito mais significativo articular seus conhecimentos e percepções prévias para construir novos significados e conhecimentos, ao invés de buscar esse conhecimento em referências que não apresentam significados para suas vivências e experiências.

O planejamento de intervenções pedagógicas permite rever a prática docente, trazendo diferentes perspectivas para o contexto da sala de aula, evidenciando a necessidade de ver e rever a prática docente. Segundo Freire (2001, p. 36) “não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontraram um no corpo do outro. Pois, enquanto ensino continuo buscando, reprocurando[...]”

Sendo assim, é possível compreender que a elaboração de intervenções pedagógicas, voltadas para os saberes e experiências dos estudantes e alunas, planejadas e desenvolvidas no contexto da sala de aula deixam de lado o protagonismo do professor(a), voltando-se para interação, onde tanto o docente como o discente passam a desenvolver laços que ensinam e aprendem de forma recíproca.

As experiências de vida dos diferentes grupos oferecem caminhos pedagógicos que possibilitam a construção significativa de conceitos e teorias, assim, visualiza-se a relevância das práticas pedagógicas voltadas para as percepções dos discentes sobre os diversos temas presentes em seu cotidiano. A necessidade de valorizar e estimular os conhecimentos prévios dos estudantes e alunas no contexto escolar faz-se cada vez mais necessária.

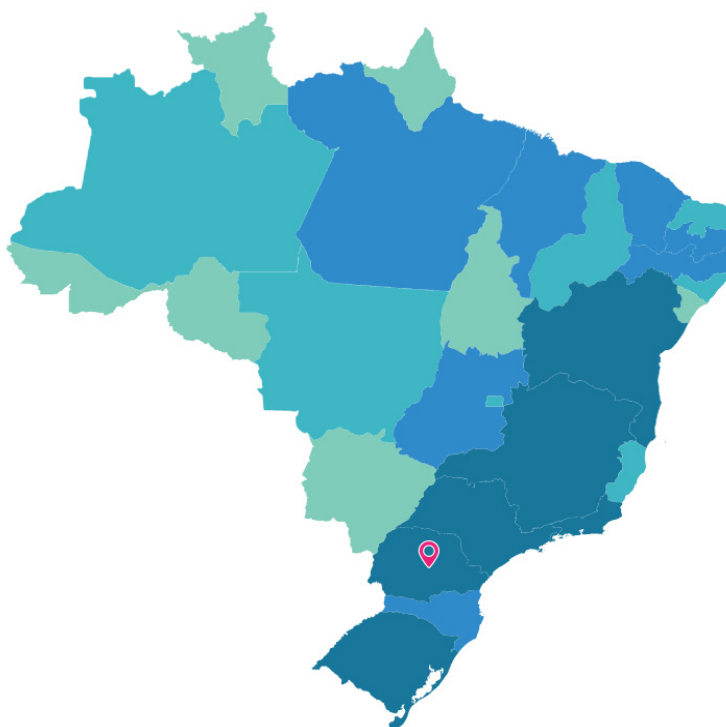
### 3 CONHECENDO AS REALIDADES

#### 3.1 LOCALIZAÇÃO, ASPECTOS SOCIAIS E EDUCACIONAIS.

Ao desenvolver esta pesquisa baseada em uma intervenção didática, torna-se necessário contextualizar as especificidades que norteiam o espaço escolar que é o foco do trabalho, afinal conforme o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998, vol 1, p. 21-22): “as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação”.

Sendo assim, a instituição escolar em que a intervenção didática foi realizada no estado do Paraná (Mapa 1), no município da Lapa (Mapa 2), que está localizada no segundo planalto do relevo do Estado, situada na região Sul do Paraná, região Metropolitana de Curitiba, cuja cidade polo é a capital do estado do Paraná, Brasil.

MAPA 1: LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DA LAPA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO



FONTE: IBGE (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/panorama> )

MAPA 2: LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DA LAPA NO ESTADO DO PARANÁ



**FONTE:** Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná

Considerando as origens e a formação territorial e social do município da Lapa:

A Lapa teve início como povoado no tempo dos tropeiros, por volta de 1731, quando por aqui passavam e faziam pouso os homens responsáveis pelo comércio animal do país, compondo o Caminho das Tropas ou Caminho de Viamão. No entanto, há registros de que já em 1541 andou por estas terras o primeiro desbravador, D. Alvar Nunez Cabeza de Vaca, a mando do Rei da Espanha, e depois dele outros desbravadores e bandeirantes. Porém, muito antes do homem branco chegar, há indícios arqueológicos da habitação de povos indígenas das tribos Kaingang e Guarani. (LAPA)

O município é nacionalmente reconhecido pela sua importância histórica pela sua contribuição na Revolução Federalista, devido ao evento conhecido como 'O Cerco da Lapa', que formou uma frente de resistência aos movimentos federalistas, considerados um dos maiores feitos cívico militar do Brasil.

A extensão territorial do município, ocupando a sexta posição em extensão do estado, propicia uma grande diversidade em cultural, econômica e social. De acordo com a última divisão territorial datada de 31/12/1963, o município é constituído de 3 distritos: Lapa, Água Azul e Mariental, e apresenta uma população urbana de 60,59% e a população rural de 39,41%, sendo assim, um município com população rural acima da média do estado, de 14,69% e do país, de 15,65%. (IBGE, 2010)



De acordo com o último censo, no ano de 2010, a população do Estado do Paraná era de 10.444.526 pessoas, sendo que o município da Lapa era de 44.932 pessoas. Neste mesmo levantamento identificou-se que o Paraná apresenta um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,749, ocupando a 5ª posição entre os estados do Brasil, e o município da Lapa apresentou 0,706 de IDH. O último mapa de pobreza e desigualdade foi realizado no ano de 2003, este levantamento indicou que o estado Paraná apresenta uma incidência da pobreza de 39,07%, e o município da Lapa 38,96%, a incidência da pobreza subjetiva<sup>3</sup>, do Paraná apresenta 25,47% e a Lapa 21,23% e o índice de GINI do Paraná é de 0,47% enquanto o do município da Lapa é de 0,39%.

Em relação aos aspectos educacionais, o estado do Paraná, no ano de 2021, teve como resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)<sup>4</sup> dos anos iniciais do ensino fundamental na rede pública o índice de 6,1, ficando em segundo lugar no ranking nacional, no mesmo ano os anos finais do ensino fundamental na rede pública o estado do Paraná apresentou o índice de IDEB de 5,2, ficando no 3º lugar entre os estados do país, no ensino médio o estado apresentou o IDEB de 4,9. No ano de 2021, o Paraná teve 1.348.296 matrículas distribuídas em 6.147 estabelecimento de ensino fundamental, e 378.660 matrículas em 2.032 estabelecimento do ensino médio, tendo em 83.337 docentes no ensino fundamental e 33.180 docentes no ensino médio.

O município da Lapa, com uma taxa de escolarização de 6 a 14 anos de 98,8%, apresentou neste mesmo ano o índice de 6,3 de IDEB na etapa dos anos iniciais da educação pública, ocupando a posição 112º entre os municípios do estado, enquanto os anos finais obtiveram o 233º lugar no estado com o índice de 5,1 e no ensino médio o município teve o IDEB de 4,6. Em 2021 obteve 5.475 matrículas no ensino fundamental e 1.734 matrículas no ensino médio, o município

---

<sup>3</sup> De acordo com Kageyama; Hoffmann (2006, p. 81) a pobreza subjetiva pode ser compreendida como “pobreza é sentir que não se tem o suficiente para seguir adiante”, ou seja, é construída de acordo com a percepção de cada indivíduo sobre a sua condição de vida.

<sup>4</sup> O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, foi criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino.

conta com 34 estabelecimentos de ensino que oferecem o ensino fundamental, com 342 docentes e 11 escolas que oferecem o ensino médio, com 59 docentes.

### 3.2 ASPECTOS DAS COMUNIDADES ATENDIDAS NO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO ANTÔNIO LACERDA BRAGA.

Próximo a região central do município da Lapa, cerca de 10 quilômetros de distância, encontra-se o distrito de Mariental (Mapa 3).

MAPA 3: Localização do distrito de Mariental no município Da Lapa/Pr



FONTE: Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná, 2006

De acordo com a Lei Municipal n.º 171, de 25-06-1955, foi criado o distrito de Mariental (ex-povoado) e anexado ao município de Lapa. A definição de distrito está relacionada a uma subdivisão do município que tem uma sede, com maior concentração populacional. Não tem autonomia administrativa, o comando fica a cargo da sede do município, mas tem organização da pequena produção e atendimento das primeiras necessidades da população em seu entorno. O distrito pode ser criado por lei municipal, mas deve atender a lei estadual. (PINTO, 2003, p. 57).

Desta forma, o Mariental, como distrito do município, agrega em sua territorialidade várias comunidades, centralizando as principais demandas e

necessidades desta população, como escolas, posto de saúde, comércio e igrejas, na área urbana do distrito. Assim, essa comunidade adquire um papel de centralização das relações sociais, econômicas e culturais dentro dessa região distrital.

Sendo o foco principal desta pesquisa a instituição escolar deste distrito que está localizada na comunidade de Mariental, torna-se necessário compreender as especificidades e características deste local marcada pela colonização de imigrantes de origem alemã, no ano de 1878:

“No dia 09 do mês de junho de 1878, domingo de Pentecostes, os nossos pioneiros imigrantes, puderam se instalar, oficialmente e definitivamente, nas terras do fazendeiro Joaquim Pacheco. O povoado recebeu o nome de Colônia Mariental (vale de Maria) ... Isso tudo foi possível graças a um acordo entre o governo do estado e governo imperial com o fazendeiro Joaquim Pacheco, cujas as terras foram compradas pelo governo e distribuídas aos colonos.” (MÜLLER, 2003, p. 229)

Os aspectos geográficos da região tiveram importância na acolhida destes imigrantes, contribuindo no desenvolvimento das mais variadas atividades econômicas, tendo a agricultura como um dos principais pilares. A origem étnica e cultural exerceu uma forte influência na construção dos hábitos culturais e econômicos da comunidade. A presença dos antepassados alemães na comunidade é evidenciada nos modelos arquitetônicos (ANEXO 1), no nome das ruas, que ressaltam nomes dos colonizadores, um monumento em homenagem as primeiras 21 famílias que ocuparam e colonizaram essa comunidade (ANEXO 2) e uma festa típica que resalta os aspectos culturais e a presença dos alemães que já está em sua terceira edição.

Considerando a sua história, formação territorial e influências na construção e manutenção cultural, percebe-se então que a comunidade Mariental é fortemente influenciada pela sua ancestralidade europeia e pela visão construída de colonizador. Nesta perspectiva é importante compreender que historicamente existe a percepção desta comunidade e seus indivíduos a percepção “de uma identidade baseada em prioridades e políticas públicas de classes ou grupos dominantes” (RODRIGUES, 2021, p. 52), indo de acordo com o “movimento Paranista que tentou construir uma sensação de ufanismo regional baseado no

processo de imigração europeu nas mais variadas cidades que o estado detém” (RODRIGUES, 2021, p. 52).

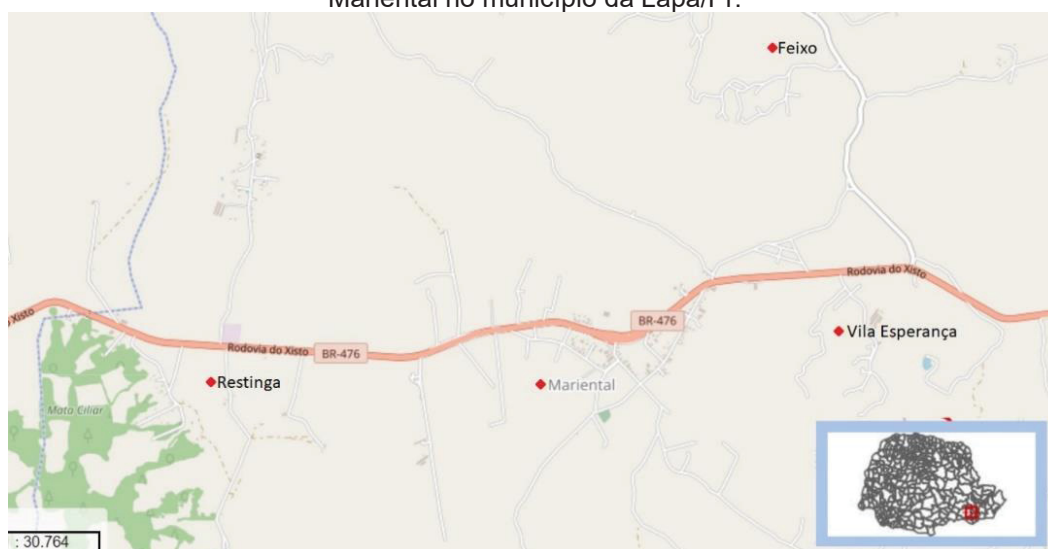
Esta construção fica mais evidente quando compreendida em um contexto distrital, pois parte das comunidades que constituem esse distrito, localizadas ao redor da comunidade de Mariental são Comunidades Remanescentes Quilombolas, que de acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social:

“...são grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas e com ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.” Decreto nº 4887/03.2º”

É importante ressaltar que o reconhecimento das comunidades quilombolas estão fortemente relacionadas a construção da identidade da comunidade em relação a história de opressão sofrida pelos antepassados que foram escravizados, o que marca uma forte oposição à história e cultura da comunidade de Mariental, marcada por uma história colonizadora.

Existem três comunidades remanescentes quilombolas reconhecidos no território que constitui o distrito de Mariental, as comunidades do Feixo, a Vila Esperança e Restinga (Mapa 4).

Mapa 4: Localização das comunidades Restinga, Vila Esperança e Feixo em relação ao distrito de Mariental no município da Lapa/Pr.



FONTE: Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná, 2006.

A comunidade do Feixo, está localizada a cerca de 18 quilômetros do centro da Lapa e a 5 quilômetros da comunidade de Mariental. A comunidade localiza-se nos primeiros quilômetros da chamada Rodovia da Maçã (PR 512), que apesar de ser considerada uma rodovia, é uma estrada de chão batido, que faz a ligação entre os municípios da Lapa e de Balsa Nova (ANEXO 3). Essa comunidade apresenta a seguinte organização:

“Seis “bairros” a compõem: o Paiol, os Maria Antônio, o Rincão, os Bora, os Polacos e a Campina. Cada um desses “bairros” são divididos em vilas com o sobrenome das famílias, como a Vila dos Pavão, dos Gomes e dos Batistas, situadas no Rincão. Cada família tem seu pedaço de terra cercado e procura construir as casas de cada filho dentro desse espaço para dar continuidade a essa organização” (RANGEL, A.R.; LARA, L.M., 2011)

A comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares como Comunidade Remanescente Quilombola em 10 de outubro de 2006. O território que hoje compõem a comunidade fazia parte da fazenda Santa Amélia, que pertencia a Hipólito Alves de Araújo, o bacharel em Direito e embaixador que ocupou importantes cargos na política brasileira. A Fazenda Santa Amélia utilizava mão de obra escravizada e inspirado pelo movimento abolicionista, antecipou a promulgação da Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, o seu proprietário libertou os negros que eram de sua propriedade em 1880 (PAULA, 2007, p.07).

Com o evento da abolição dos negros escravizados, o fazendeiro cedeu parte de suas terras aos recém libertos, essas terras já eram cultivadas pelos negros, sendo as regiões mais retiradas da sede da fazenda, terras com relevo bastante acidentado dificultando a produção agrícola, “por ser uma extensa área, cada qual se tornou responsável pelo seu quinhão<sup>5</sup>, aos poucos famílias multiplicaram-se e as proles aumentaram.” (PAULA, 2007, p.07).

Assim, atualmente a comunidade do Feixo é reflexo de uma construção histórica e social marcada pela preservação da ancestralidade negra e uma importante relação familiar, com trajetória histórica própria, com uma relação territorial específica, relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

---

<sup>5</sup> O que cabe ou deveria caber a uma pessoa ou coisa.

Além da comunidade do Feixo, os ex-escravizados da Fazenda Santa Amélia também receberam terras que deram origem a outra comunidade: Restinga, localizado às margens da BR 476, cerca de 10 quilômetros da região central da Lapa, e a cerca de 3 quilômetros de Mariental (ANEXO 4). A comunidade da Restinga recebeu a certificação da Fundação Cultural Palmares, em 12 de dezembro do ano de 2006, por ter se autodeclarado Comunidade Remanescente Quilombola.

Essa comunidade é relativamente pequena,

“detectou-se que os atuais moradores descendem basicamente de quatro grandes grupos familiares, os Martins, os Leandro da Silva, os Almeida e os Santos, que se formaram ainda no início do século XX, provavelmente a partir da década de 20 daquele século” (SILVA e CIGOLINI, 2018, p. 110-111).

No distrito de Mariental, também se encontra a Vila Esperança, certificado pela FCP como comunidade remanescente quilombola, composta por moradores quilombolas que originalmente ocupavam terras no Feixo, mas foram alvo de golpes de um fazendeiro da região que prometeu comprar as terras desse grupo, dando-lhes novas terras com boa infraestrutura e casas de alvenaria (ANEXO 5).

Nesta negociação o fazendeiro não cumpriu com a sua obrigação, deixou-lhes com menos terras, onde atualmente encontra-se a Vila Esperança e não realizou os pagamentos combinados pelas terras no Feixo. Segundo os moradores, os seus pais e avós não tinham a consciência do real valor das glebas e quão importante o pedaço de chão era para a preservação e manutenção de suas vidas, desta forma, foram vítimas de uma enganação, e as terras eram vendidas ou trocadas muito fáceis, por preços extremamente baixos, sem garantia alguma (GTCM, 2010 apud RIBAS, 2019, p. 25).

Estas comunidades apresentam muitas especificidades e características muito particulares, mas desenvolvem uma relação muito próxima constituindo juntos o distrito de Mariental, que centraliza na comunidade de Mariental as principais demandas de todas as comunidades, como a educação, que é o principal objeto de pesquisa deste trabalho. Nestas comunidades encontram-se três escolas para atender as necessidades de todos os indivíduos destas comunidades.



Atendendo as necessidades dos anos iniciais do ensino fundamental existem duas escolas municipais: Escola Municipal do Campo Martin Afonso de Souza, localizada na comunidade do Feixo e oferece ensino da pré-escola ao 5º ano, e a Escola Municipal do Campo Martin Hammerschmidt, que também oferece ensino da pré-escola ao 5º ano. Após concluir os anos iniciais do ensino fundamental, os estudantes destas comunidades passam a frequentar a instituição de ensino Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, localizada na comunidade de Mariental, responsável por garantir a oferta dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e o Ensino Médio (MAPA 5).

MAPA 5: Localização das escolas no distrito de Mariental no município da Lapa/Pr



FONTE: Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná, 2006.

### 3.3 CARACTERIZANDO A ESCOLA

O processo educacional é fundamental no processo de desenvolvimento das comunidades, sendo responsável pela manutenção das vivências, costumes e tradições, mas também tem a função de desenvolver nas novas gerações o interesse de buscar novos conhecimentos, instigando o crescimento pessoal e social, como afirmou Durkheim:

“os órgãos de ensino estão, em cada época, em relação com as outras instituições do corpo social, com os costumes e as crenças, com as

grandes correntes de ideias. (...) Mas eles têm também uma vida própria, uma evolução que é relativamente autónoma, no decorrer da qual eles conservam muitos dos traços da sua estrutura antiga. Eles defendem se, por vezes, contra as influências que se exercem sobre eles, do exterior, apoiando se sobre o seu passado.” (DURKHEIM, 1995, p. 04)

Este trabalho está pautado no desenvolvimento de uma intervenção didática, assim evidencia-se a necessário compreender o campo educacional que os indivíduos estão inseridos. A escola tem um papel fundamental como uma instituição social, pois representa um

“conjunto de normas que definem saberes a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses saberes e a incorporação desses comportamentos, normas e práticas que são subordinadas a finalidades que podem variar segundo as épocas” (JULIA, 1995, p. 10).

Desta forma destaca-se a relevância da escola no contexto social, os indivíduos das comunidades passam a integrar a comunidades escolar a partir dos 4 anos de idade, pois em nenhuma das comunidades do Distrito existe a oferta de vagas para educação infantil em creches, os estudantes ingressam na pré-escola I, que constitui a etapa da educação infantil nas duas escolas municipais do distrito.

No ano letivo de 2022, a Escola Municipal do Campo Martim Afonso de Souza, localizada na comunidade do Feixo, atende nos períodos matutino e vespertino 154 estudantes matriculados na instituição, que estão distribuídos em 9 turmas, sendo 3 turmas com 44 matrículas na etapa da educação infantil, destas 2 turmas de pré-escola I, 1 turma de pré-escola II, e 6 turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, 110 matrículas, sendo 2 turmas de primeiro ano, 1 turma de segundo ano, 1 turma de terceiro ano, 1 turma de quarto ano e 1 turma de quinto ano.

Neste mesmo ano letivo, estabelecido na comunidade do Mariental, a Escola Municipal do Campo Martin Hammerschmidt, reúne um total de 232 matrículas, que são atendidos nos períodos matutino e vespertino, que estão organizados em 17 turmas, sendo 3 turmas da educação infantil com 57 estudantes matriculados, sendo 1 turma de pré-escola I e 2 turmas de pré-escola II. Nos anos iniciais da educação fundamental possui 10 turmas, atendendo 167 matrículas organizados



em 2 turmas de primeiro ano, 2 turmas de segundo ano, 2 turmas de terceiro ano, 2 turmas de quarto ano e 2 turmas de quinto ano. A instituição também oferece atendimento educacional especializado a 8 estudantes.

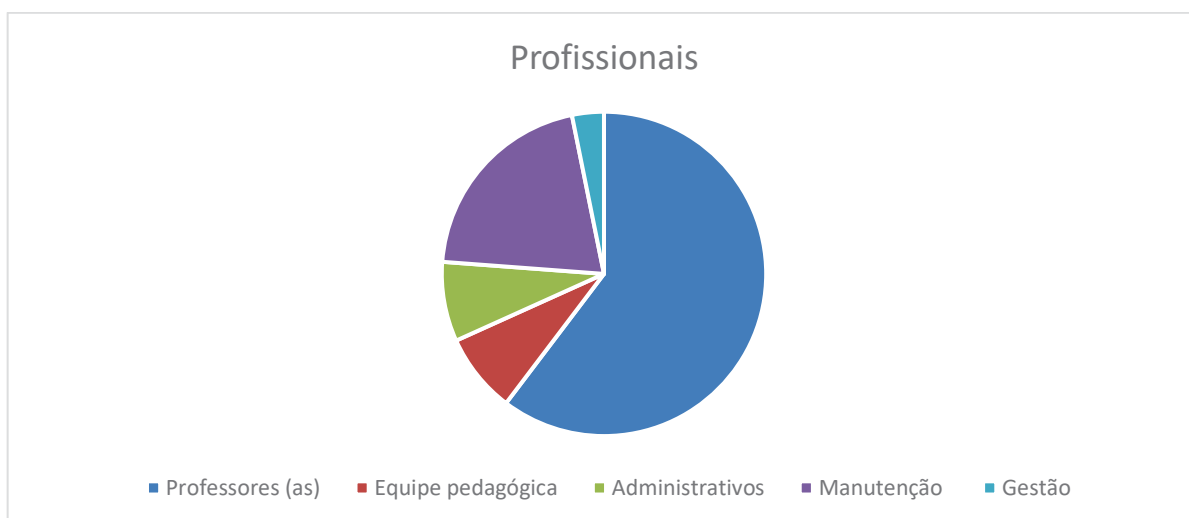
Após concluir os anos iniciais do ensino fundamental, os estudantes passam a frequentar os anos finais do ensino fundamental no Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, inaugurado no ano de 1981, e que desde 2013 oferece essa etapa de ensino na modalidade integral, ou seja, os estudantes tem aula durante o período matutino e vespertino, totalizando 9 aulas diárias. No ano letivo de 2022 o colégio tem 7 turmas voltadas para o ensino fundamental, anos finais, sendo 02 turmas de sexto ano, 01 turmas de sétimo ano, 02 turmas de oitavo ano e 02 turmas de nono ano, totalizando 176 matrículas.

Essa mesma instituição, desde o ano de 2000, também é responsável pela oferta do Ensino Médio para os moradores da comunidade, que se dá no período noturno, que no ano letivo de 2022 tem 5 turmas, 1 turma de primeira série, 2 turmas de 2 série e 2 turmas de terceira série, totalizando 120 matrículas.

Como a intervenção didática é voltada para os estudantes que estudam no segundo ano do Ensino Médio, a caracterização será focada na instituição escolar que oferece essa modalidade de ensino, sendo assim, será realizada um aprofundamento das características do Colégio Estadual Do Campo Antônio Lacerda Braga como buscando compreender as dinâmicas e construções sociais desta instituição.

Atualmente o colégio apresenta no ano letivo de 2022 um total de 63 funcionários, sendo 13 trabalhadores da manutenção, limpeza e alimentação, 5 trabalhadores na equipe pedagógica, 38 professores e professoras, 5 trabalhadores do setor administrativo e biblioteca, além de 1 profissional que está na função de direção e 1 direção auxiliar. (Gráfico 6)

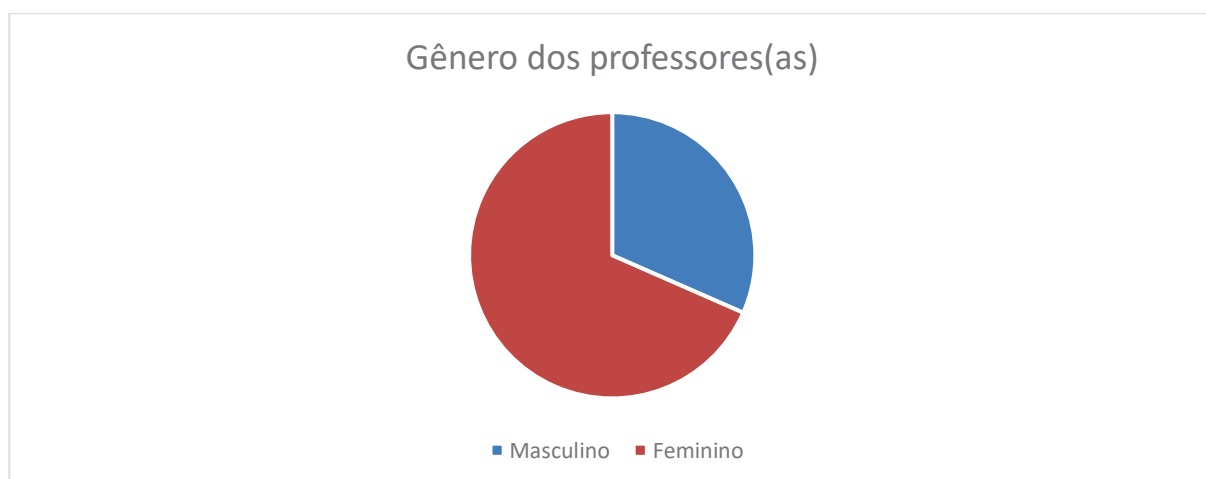
GRÁFICO 6: Distribuição percentual dos profissionais da escola por tipo de atividade exercida. Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor, 2022.

Os profissionais do colégio apresentam a seguinte caracterização considerando a autodeclaração de gênero<sup>6</sup> e autodeclaração racial: entre os 38 professores e professoras, 12 se identificam com do gênero masculino e 26 identificam-se como do gênero feminino (Gráfico 7)

GRÁFICO 7: Distribuição dos professores e professoras por gênero, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022

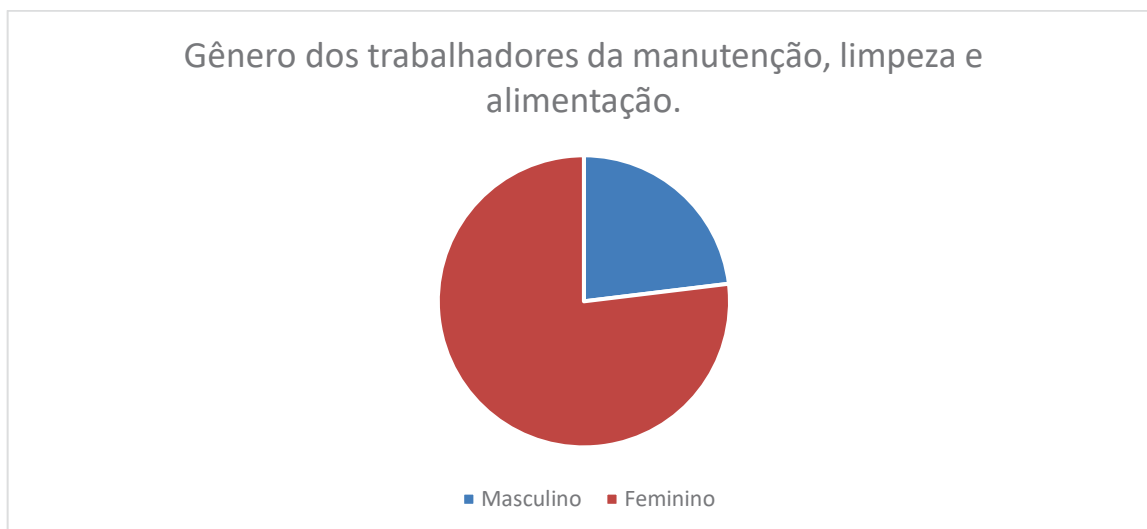


FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor, 2022.

<sup>6</sup>A pesquisa utiliza a distribuição por gênero, que é um termo com conotações mais psicológicas e culturais, ao invés do conceito de sexo que se refere a um termo biológico.

Entre os trabalhadores da manutenção, limpeza e alimentação, 3 se identificam com o gênero masculino e 10 identificam-se com o gênero feminino (Gráfico 8)

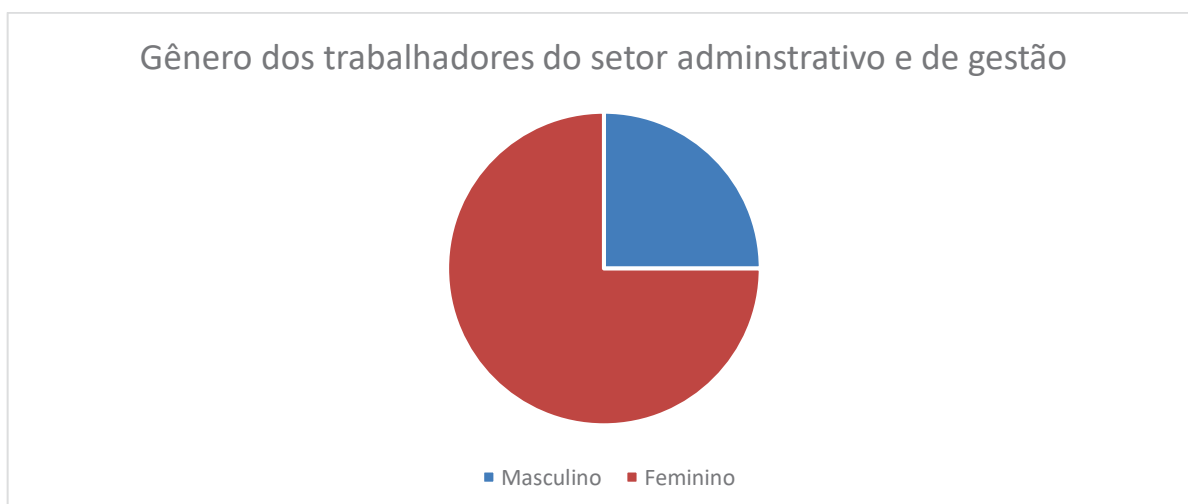
GRÁFICO 8: Distribuição dos trabalhadores da manutenção, limpeza e alimentação por gênero, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor, 2022.

Nos setores administrativo e de gestão, 7 funcionárias se identificam com o gênero feminino e 1 com o gênero masculino (gráfico 9).

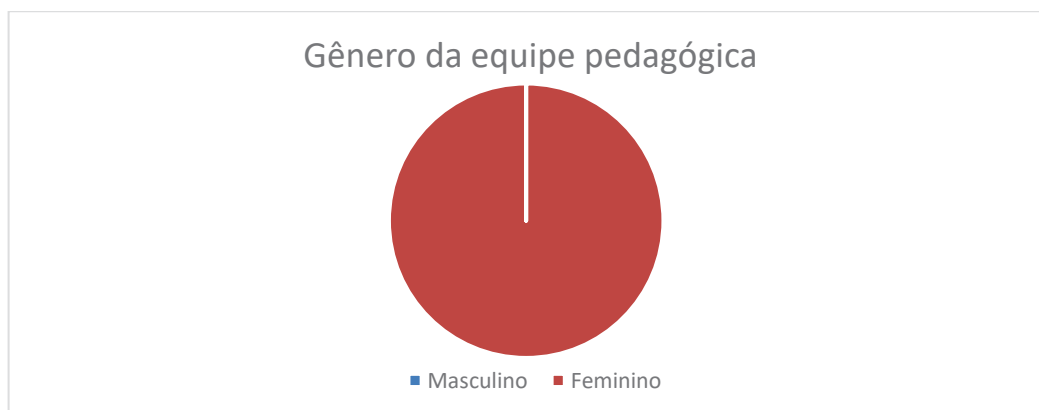
GRÁFICO 9: Distribuição dos trabalhadores do setor administrativo e de gestão por gênero, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor, 2022.

Na equipe pedagógica, as 05 trabalhadoras identificam-se com o gênero feminino (Gráfico 10).

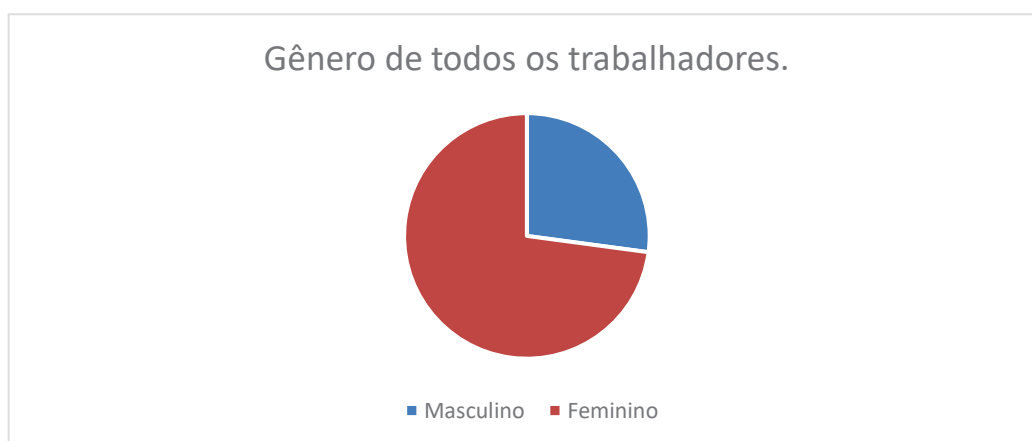
GRÁFICO 10: Distribuição da equipe pedagógica por gênero, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor, 2022.

Desta forma, considerando o total dos trabalhadores, 16 se identificam com o gênero masculino e 47 identificam-se com o gênero feminino (gráfico 11)

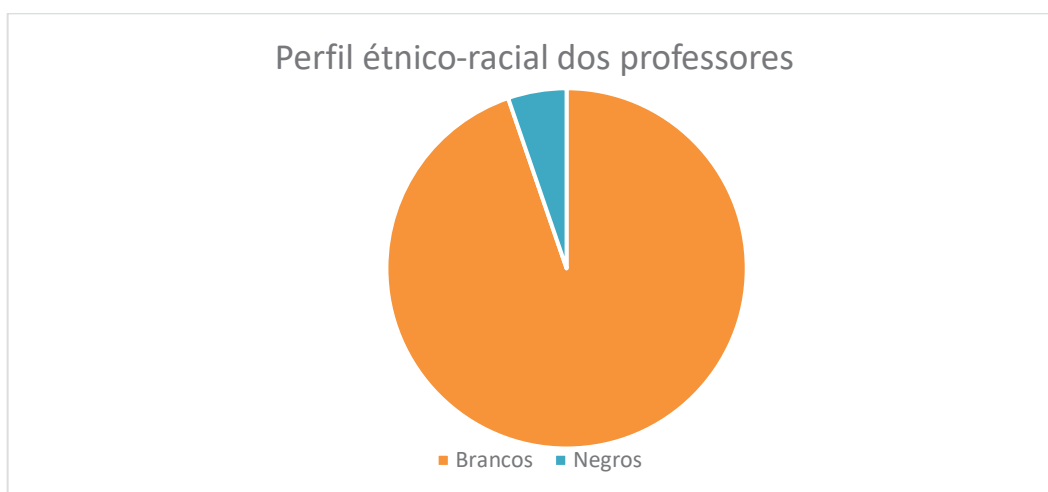
GRÁFICO 11: Distribuição do total de trabalhadores por gênero, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor, 2022.

Para compreender o perfil étnico-racial dos profissionais da instituição foi considerando o nominado do IBGE, o termo negro ou pessoa negra, engloba o grupo constituído por pretos(as) e pardos(as), sendo assim, entre os professores e professoras, 36 se autodeclaram brancos(as) e 2 autodeclaram negros(as) (Gráfico 12).

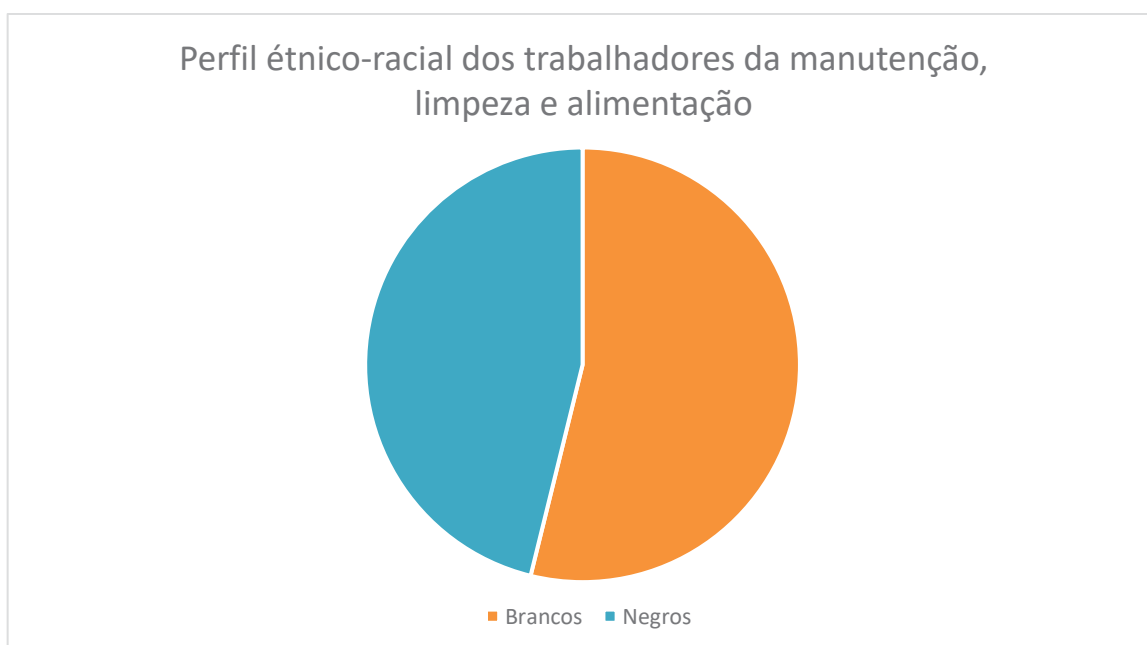
GRÁFICO 12: Distribuição dos professores e professoras por autodeclaração racial, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor, 2022.

Entre os trabalhadores da manutenção, 7 se autodeclaram brancos(as) e 6 autodeclaram pessoa negra (Gráfico 13).

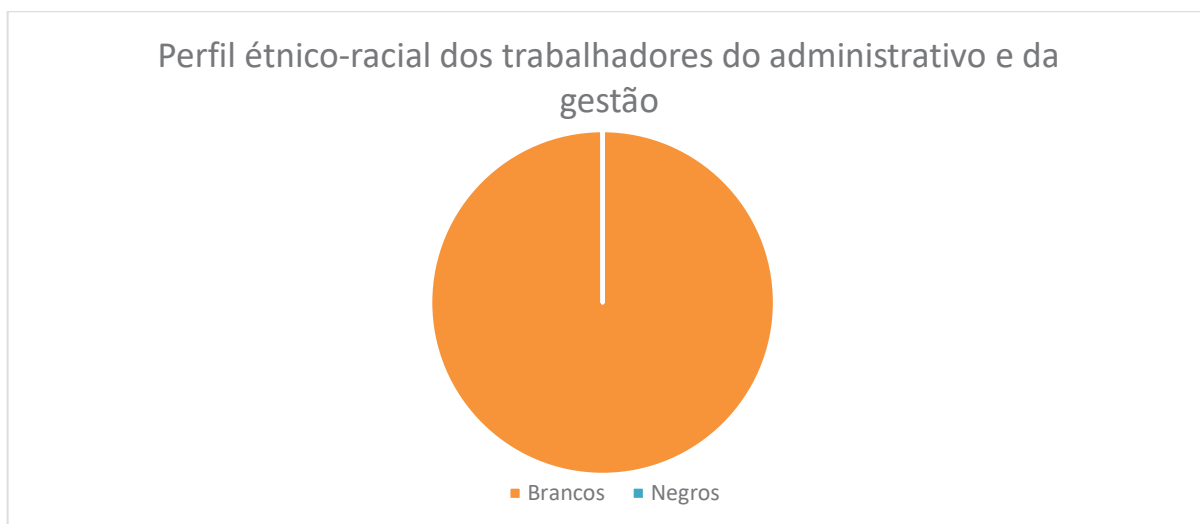
GRÁFICO 13: Distribuição dos trabalhadores da manutenção, limpeza e alimentação por autodeclaração racial, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor, 2022.

Entre os trabalhadores do setor administrativo e da gestão, todos se autodeclararam pessoas brancas (Gráfico 14).

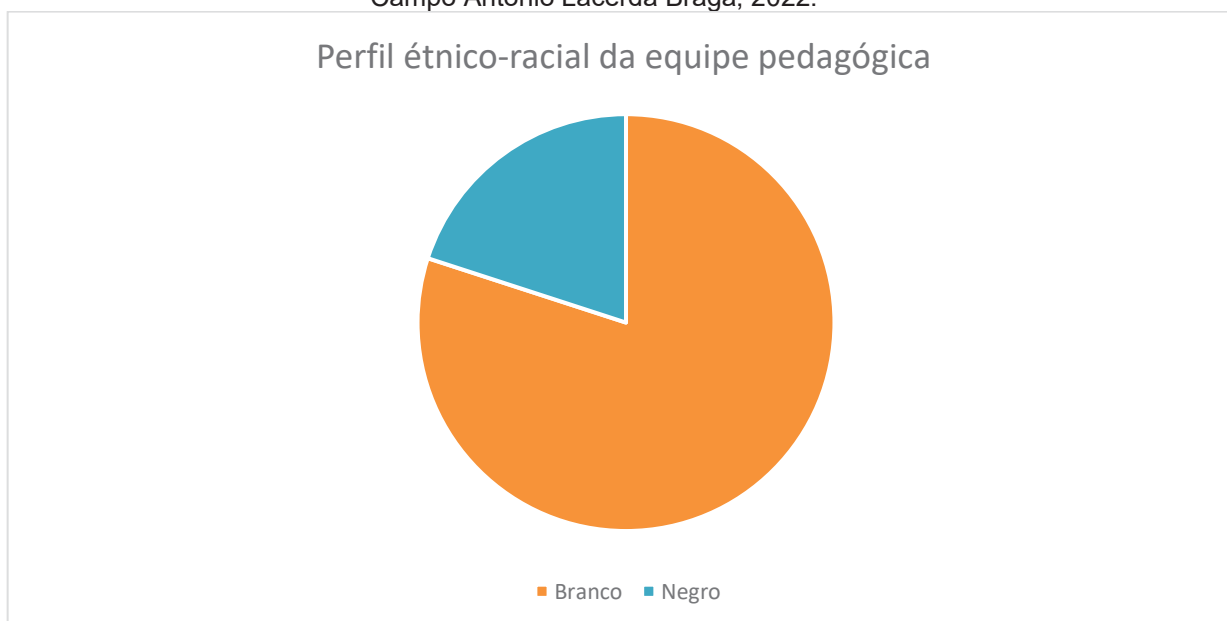
GRÁFICO 14: Distribuição dos trabalhadores do setor administrativo e da gestão por autodeclaração racial, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor, 2022.

Na equipe pedagógica, 4 se autodeclararam brancos(as) e 1 autodeclara-se como negra (Gráfico15).

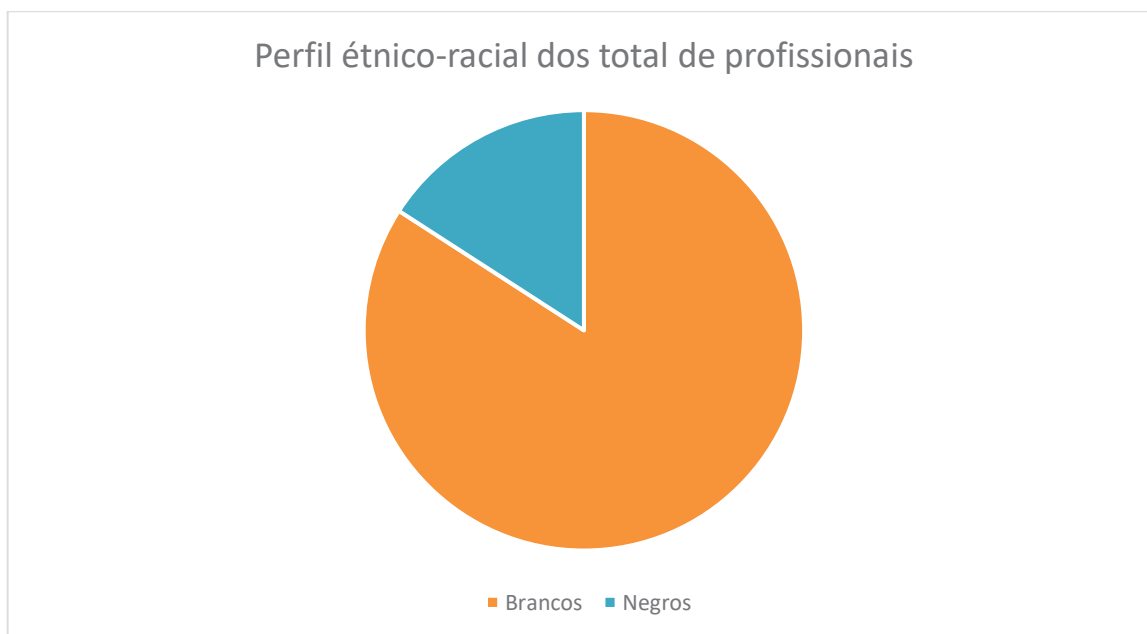
GRÁFICO 15: Distribuição da equipe pedagógica por autodeclaração racial, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor, 2022.

Desta forma, considerando o total dos trabalhadores, 53 se autodeclararam brancos(as) e 10 autodeclararam negros(as) (Gráfico 16).

GRÁFICO 16: Distribuição de todos os trabalhadores por autodeclaração racial, Colégio Estadual do Campo Antônio Lacerda Braga, 2022.



FONTE: Pesquisa elaborada pelo autor, 2022.

Considerando as informações expostas, é possível compreender que o colégio apresenta uma caracterização marcada pela presença feminina na instituição, evidenciando um fenômeno que ocorre em todo o país, de acordo com os dados do Censo da Educação Básica 2017, as mulheres formam 81% do professorado na educação básica brasileira, reforçando uma construção histórica de que a docência é uma área profissional feminina, pois:

Ser professora representava um prolongamento das funções domésticas e instruir e educar crianças, sob o mascaramento da missão e da vocação inerentes as mulheres, significava uma maneira aceitável de sobrevivência, na qual a conotação negativa com o trabalho remunerado feminino esvaía-se perante a nobreza do magistério (ALMEIDA, 1996, p. 74).

O processo de feminização da educação é resultado de uma percepção marcada pelo estereótipo de que a docência é um ato de cuidar e educar, sendo necessário uma sensibilidade que historicamente é voltada para o papel do gênero

feminino, de acordo com Novaes (1984, p. 96), os homens não procuram trabalhar na área do magistério pelo fato de que existe uma tradição que essa é uma profissão feminina, baseando-se na ideia construída socialmente de que “Lidar com criança é serviço de mulher”

É necessário compreender que a presença da mulher na educação “foi um potencial de poder e de liberação e não de submissão e desvalorização como se tem pretendido fazer acreditar.” (ALMEIDA, 1998, p. 78). É comum que as análises sobre a presença majoritária das femininas na docência inferiorizem a importância histórica das professoras como sujeitos de resistência e rompimento aos padrões impostos, evidenciando assim a necessidade da valorização e do protagonismo feminino na construção da sociedade.

Outro importante aspecto que merece destaque ao compreender as características dos profissionais do colégio é o fato de que entre o total dos profissionais do colégio 84,1% se autodeclararam brancos(as), enquanto 15,9% se autodeclararam como pessoas negras, demonstrando a sua pequena presença na instituição. Na análise ocupacional, a maior parcela de pessoas negras se encontra entre os funcionários da manutenção, limpeza e alimentação, que representam 46,2% deste grupo de trabalhadores.

Entre o grupo de docentes, apenas 5,3% se autodeclararam como pessoas negras e 94,7% se autodeclararam pessoas brancas, apresentando um percentual bastante desigual comparado ao levantamento do IBGE em 2015, que aponta que 55,9% dos docentes brasileiros se autodeclararam brancos(as), enquanto 44% dos docentes se autodeclararam pessoas negras, ainda representando uma distribuição desigual, pois 56,1% dos brasileiros(as) se declaram negros(as).

Quando comparado aos dados que caracterizam o perfil dos docentes da região sul do Brasil, onde o colégio está localizado, as informações estatísticas se aproximam, mas ainda apresenta um distanciamento bastante acentuada entre brancos(as) e negros(as):



TABELA 1: Distribuição da população por cor segundo distribuição regional - 2010

REGIÃO SUL	Negros	Branços
Area metropolitana	13,8%	86,3%
Urbano não metropolitano	11,5%,	88,5%
Rural	14,8%	85,2%
<b>TOTAL:</b>	<b>13,4%</b>	<b>86,6%</b>

FONTE: Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia

É possível observar no quadro comparativo abaixo, que o colégio expressa uma diferença percentual muito marcante acerca de professores(as) negros(as) e brancos(as):

TABELA 2: Distribuição de professores por cor segundo distribuição regional - 2010

	Negros	Branços
Escola	5,3%	94,7%
Região sul	13,4%	86,6%
Brasil	44%	55,9%

FONTE: Pesquisa do autor e Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia

Essas diferenças expressam um fator importante para analisar as disparidades étnico-raciais de nosso país, ressaltando que mesmo com as inúmeras transformações no âmbito da educação no Brasil, muitos avanços são necessários, ainda existe muito o ser realizado. Ao analisar os dados e as disparidades na educação, é possível compreender as influências de uma estrutura que mantém bases antigas que não são compatíveis com a sociedade multirracial brasileira.

## 4 PERCEPÇÕES SOBRE A JUVENTUDE NO CONTEXTO ESCOLAR

### 4.1 CONCEITOS RELACIONADOS À JUVENTUDE

Ao compreendermos a organização social é evidente que esse processo sofre fortes influências das diferentes classes de idades, pois apresentam normas de conduta e cobranças sociais que se dão de maneira implícita, gerando diversas coerções aos indivíduos e grupos sociais de acordo com a faixa etária que se encontra. Essa influência fica clara ao perceber como o tratamento entre os sujeitos ocorre de forma diversificada quando consideramos a sua idade, desta forma é possível verificar que a sociedade gera expectativas quando se refere ao contexto etário, assim surge uma expectativa de que os sujeitos exerçam diferentes papéis sociais que são construídos socialmente.

Considerando a força que a idade imprime à compreensão social, torna-se necessário evidenciar o papel da Juventude nessa perspectiva. De acordo com Groppo, Zaidem Filho e Machado (2000, p. 08) na ótica de um sistema e de uma racionalidade construída pela modernidade, é possível compreender o jovem enquanto uma pessoa que se encontra na faixa etária de 15 a 29 anos. Como categoria social, entende-se a Juventude como uma situação social e uma representação sociocultural desenvolvida por uma sociedade e seus sujeitos jovens para criar justificativas e significados aos comportamentos, condutas e atitudes. Logo, não pode ser caracterizada de forma homogênea e estática, pois trata-se de uma representação da diversidade social e cultural, que constrói e vivencia as múltiplas formas e possibilidades dentro do contexto social de seu período ou sua época.

Entendendo a Juventude dentro de uma perspectiva social, e necessário ressaltar que faz parte à uma classe etária marcada pelo inevitável processo de tomada de decisões pessoais que geram um grande impacto na vida social, tornando esse período marcado pelas dúvidas e conflitos. O processo que marca a mudança do sujeito jovem para a vida adulta envolve a passagem pela escola, sua inserção no mercado de trabalho, a independência, constituição familiar, filhos e casamento, que sofre modificações ao longo da trajetória de vida e impactos do contexto social, podendo, ou não, serem efetivadas.

Assim, a compreensão sobre a juventude é um fator de extrema importância para o desenvolvimento de estudos empíricos sobre os mecanismos de sua organização, mediados pelas interpretações e concepção social relacionadas às correntes teóricas presentes no campo acadêmico. Groppo (2017) destaca a existência de três vertentes sociológicas fundamentais sobre a juventude, destacando a complexidade desta temática e como a compreensão do jovem no contexto social passa por um processo de ressignificação e transformação, revendo e desnaturalizando as construções de seu papel social.

As teorias tradicionais sobre a juventude são fortemente influenciadas pelo estrutural-funcionalismo de Parsons, o qual compreende a juventude apenas como uma faixa etária, assim como a infância e a velhice, sendo entendida como natural e evidente, marcando uma etapa de transição entre a infância e a vida adulta, sendo assim o seu foco de análise não está no que a juventude é, mas em que ela se tornará (GROPPO, 2017). Nesta concepção, trata da incorporação dos valores e rotinas das instituições sociais que atravessam a vida particular e familiar, atingindo um nível social, com destaque à socialização secundária. (PARSONS, 1968).

Assim, é possível compreender que as teorias tradicionais sobre a juventude realizam uma análise relativamente superficial sobre esse grupo, desconsiderando as subjetividades em torno desta fase etária, principalmente como agentes de transformação social. São compreendidos sobre uma perspectiva de passividade, apenas como receptores das normas e padrões sociais construídos historicamente.

Em seguida destaca-se a teoria crítica sobre a juventude que, segundo Groppo (2017), pode ser subdividida em três de acordo com o seu caráter, sendo duas com viés 'reformista' e uma 'revolucionária'.

As teorias de caráter reformistas são influenciadas por Karl Mannheim (1982) e sua teoria das gerações<sup>7</sup>; e pelo psicanalista Erik Erikson (1987),

---

<sup>7</sup> De acordo com Feixa e Leccardi (2010, p. 189), "Mannheim considerou as gerações como dimensão analítica profícua para o estudo da dinâmica das mudanças sociais (sem recorrer ao conceito de classe e ao núcleo da noção marxista de interesses econômicos), de "estilos de pensamento" de uma época e da ação. Estes, de acordo com Mannheim, foram produtos específicos – capazes de produzir mudanças sociais – da colisão entre o tempo biográfico e o tempo histórico.

responsável pela a noção de moratória social<sup>8</sup>. Estes estudiosos reconhecerem na juventude um papel que possibilita a transformação, mas apresentam desconfianças em relação aos movimentos juvenis com características radicais e desta maneira defendem uma reforma da sociedade moderna.

A teoria de caráter revolucionário entre as teorias críticas sobre a juventude está ligada a ‘corrente classista’, que pautados nos estudos culturais de Birmingham, busca desconstruir a percepção de uma cultura juvenil além da das classes, questionando a visão de que a juventude é uniforme. Reinterpreta a categoria a partir da noção de subculturas juvenis nascidas, no interior da classe trabalhadora britânica, desde os anos 1950. (HALL; JEFFERSON, 1982).

Considerando as teorias críticas sobre a juventude é possível assumir uma reflexão questionadora em relação à estruturação deste grupo etário, principalmente quanto à sua homogeneidade, para além da etária. Os jovens apresentam aspectos e características que expressam suas diferentes realidades sociais, familiares, de gênero, de raça/cor e localização geográfica indicando a necessidade de análises e ressignificações de seus papéis na sociedade.

A terceira teoria sobre a juventude de acordo com Groppo (2017) deriva das teorias pós-críticas. Nesta perspectiva existe um processo de ressignificação do conceito de juventude, buscando inclusive a negação da ideia de juventude como momento de transição para a vida adulta, que se restringe apenas à vivência da socialização secundária.

Entre as teorias pós-críticas destacam-se o pós-estruturalismo e pós-modernismo, que negam tanto a estrutura das categorias etárias, como a da primeira modernidade, as quais relativizaram a concepção de socialização e de categorias etária. Propõem que as juventudes contemporâneas vivenciam e

---

Ao mesmo tempo, as gerações podem ser consideradas o resultado de descontinuidades históricas e, portanto, de mudanças. Em outras palavras: o que forma uma geração não é uma data de nascimento comum – a “demarcação geracional” é algo “apenas potencial” – mas é a parte do processo histórico que jovens da mesma idade-classe de fato compartilham (a geração atual).

<sup>8</sup> De acordo com Groppo (2015, p. 12) é possível compreender o conceito de moratória social com a “separação relativa dos jovens do mundo adulto e público para o aprendizado de hábitos e valores básicos, que os predisponham a assumir papéis sociais requeridos pela sociedade quando se tornarem adultos.”

exercem diversas socializações. As teorias pós-críticas contestam o sentido tradicional da socialização, compreendendo que este evento é mais plural e ocorre através de uma participação ativa e efetiva dos sujeitos.

A partir das concepções das teorias pós-críticas é possível compreender um novo entendimento acerca da juventude que compreende a sua posição ativa e plural no contexto social, sendo agente de transformação e ressignificação desses lugares que ocupa. Por exemplo, não é possível entender o jovem como um indivíduo submisso e sem ação diante da organização e fundamentação do espaço que vive.

Gropo afirma que os processos que permitem a construção moderna da juventude, assim como suas contradições, são resultantes de uma experiência única da burguesia aristocrata, ou seja, é a representação de uma juventude urbana, branca, masculina e ocidental. Sendo assim, a ampliação desta concepção, como direito, para as classes sociais subalternizadas foi de maneira bastante tardia (GROPPO, 2000, p 16). Desta forma, considerando a presença de uma concepção hegemônica acerca da juventude, que reflete a estrutura social patriarcal, racista e capitalista, é necessário evidenciar o papel político social de transformação e ressignificação em torno da Juventude na construção da sociedade contemporânea. Logo, falamos de juventudes.

Considerando as contribuições de Pierre Bourdieu (1983, p. 112 -113), a Juventude não passa de uma palavra que é utilizada para indicar a concepção de que a divisão etária é resultante de um processo de construção que é socialmente definida pelos conflitos entre os jovens e os velhos. Isso evidencia que sempre seremos o jovem ou o velho de outro indivíduo, pois, a idade é um dado biológico que passou a ser socialmente manipulado e manipulável. Na perspectiva bourdiesiana, tanto a juventude como a velhice não seriam apenas dados, mas representam construções sociais para ter um sentido ou significado: precisam desta contraposição, sendo construções relacionais, portanto, sem sentido, se estiverem isolados.

Os diversos contextos e especificidades sociais e culturais, resultam na construção de comportamentos, símbolos e identidade próprios para os diversos

grupos juvenis. Nesse processo de construção deve-se levar em consideração vários fatores, tais como o período histórico, a classe social, raça, gênero, orientação sexual, etnia, etc. (ESTEVEZ; ABRAMOWAY. 2007, p. 21). Portanto, é possível afirmar que as juventudes são responsáveis pela construção da sua forma de perceber o mundo e, a partir disso, desenvolverem os significados do que é ser jovem, considerando suas condições de gênero, classe, raça e sexualidade.

Evidencia-se também o papel da juventude como indivíduo consumidor, que espelha o fenômeno desta dimensão constitutiva do modo de produção capitalista (o consumo), que passa a ditar a maneira como as sociedades se organizam, como fator que atribui status aos sujeitos. Dentro desta perspectiva, a incidência de uma cultura extremamente consumista determina de forma muito relevante as construções de sentido das juventudes contemporâneas.

Para Costa (2004) as juventudes na sociedade de mercado têm muitas perspectivas, que convergem em apenas duas saídas principais. A primeira é a perpetuação do modo de vida pautado no sucesso econômico, do cuidado obsessivo com o próprio prazer e da indiferença em relação ao mundo; e a segunda seria a construção de uma sociedade onde todos possam satisfazer suas necessidades elementares, e assim, criar formas de sermos felizes.

Nessas perspectivas apresentadas torna-se evidente que o conceito de juventude é muito amplo, devendo ser sempre utilizado no plural, em função das diversas culturas juvenis que daqui derivam, resultantes das combinações de todas as condições individuais e coletivas, que estão em constante transformação e ressignificação. As juventudes refletem sua época, seu lugar e contexto social. A diversidade resultante dessas combinações permite que sejam compreendidas como sinônimo de transformação e reestruturação das demandas sociais e culturais, contribuindo no processo de questionamento e desnaturalização de inúmeras construções sociais historicamente definidas por contextos hegemônicos.

#### 4.2 ESCOLA COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE JUVENTUDES

Sabe-se que a escola é uma instituição social fundamental na atribuição e transmissão de comportamentos socialmente dominantes, sendo um dos fatores mais significativos no processo de socialização dos sujeitos. A escola representa

um significativo espaço para as juventudes, pois é nele que ocorrem grande parte de suas relações e interações sociais, modelando, em alguma medida, sua percepção sobre a realidade. De acordo com José Gimeno Sacristán (2005 [2003], p. 139) a escola é “uma invenção cultural singular caracterizada por sua aparência física reconhecível, uma forma de utilizar o espaço e o tempo”.

É necessária evidenciar o real papel da escola sobre tais relações e como elas afetam a construção do indivíduo em sua juventude. Segundo Philippe Ariès (1978), escola é o espaço que permitiu a emergência das categorias de infância e juventude como etapas destacadas do desenvolvimento da vida na modernidade. A escola, ao se tornar uma instituição social, permite o reconhecimento dessas fases, diferentemente do que acontecia na Idade Média, em que o jovem era socializado juntamente com os adultos.

E evidente então, que o espaço escolar é fundamental no processo da construção e percepção do jovem na sociedade, oferecendo uma fronteira espacial para os jovens e permitindo o entendimento de seu papel social. Esse processo, que permite um espaço e tempo isolado dos indivíduos jovens na sociedade, permitiu uma autocompreensão, principalmente por oferecer um processo de socialização entre iguais, com percepções e intensões similares.

Nesse contexto, a educação escolar passa a apresentar um importante papel para a organização social. Segundo Mannheim (1982) a educação sempre teve por objetivo a modelagem das gerações e o controle dos fatores de sua personalidade, direcionando suas capacidades para que se tornem agentes do desenvolvimento social. Nesta perspectiva, é necessária a reflexão sobre a complexidade da escola como um espaço de autoconstrução juvenil.

Compreender o papel da instituição escolar e do processo educativo é fundamental para se pensar acerca do desenvolvimento social, cultural, econômico e político, tendo como protagonista o indivíduo jovem, destacando a relevância do processo de socialização que a escola exerce e seus efeitos. A partir dos estudos de Setton (2008) sobre a socialização, pode-se observar que todos apontam para a necessidade de repensar este processo na atualidade, evitando generalizações. O autor busca ressaltar a necessidade de considerar o desenvolvimento dos

sujeitos em um contexto social, e para isso destaca a necessidade de uma reflexão sobre a diversidade humana e suas distintas formas de compreender a realidade social. Desta maneira, a subjetividade é um fator de grande relevância para compreender o papel da educação e do desenvolvimento social. Subjetividade esta, que tem sido descartada em muitas situações. Ele destaca a necessidade de que a escola que esteja voltada para as especificidades e diferenças existentes entre os sujeitos, deixando de lado um esquema de reprodução e perpetuação de hierarquias sociais e culturais.

De acordo com Bourdieu (1996, p.35) “a reprodução da estrutura de distribuição cultural se dá na relação entre as estratégias da família e a lógica específica da instituição escolar”. Logo, a escola apresenta um papel histórico na manutenção e padronização dos comportamentos, moldando as ações e hábitos de acordo com um interesse em comum. Evidencia-se que o sistema educacional é historicamente estruturado para a manutenção de uma hierarquia que reforça as desigualdades (sociais, de classes e valores, por exemplo), refletindo uma estruturação opressora voltada para os interesses das elites.

Desta forma, a escola permite que o jovem fique exposto a uma forma de socialização mantenedora da sociedade, tornando-se uma ferramenta de reprodução e manutenção dos aspectos sociais que reforçam os interesses capitalistas e elitistas. Logo, é necessário refletir sobre o papel alienante que a escola pode exercer tanto na construção da personalidade juvenil como de sua percepção sobre a sociedade e relações sociais.

Partindo do pressuposto de que a escola é responsável por uma estruturação social que mantém e reforça sistemas hierárquicos marcados pela desigualdade social, econômica, racial e de gênero, como instituição social permite a aproximação e permanência dos jovens dentro de um mesmo espaço, permitindo a troca de vivências e experiências. Dayrell (2007, p.10) compreende que, abordar a escola em um contexto cotidiano é possível demonstrar a dimensão educativa das relações sociais que são construídas em seu interior. Assim, a escola se torna um espaço de encontro entre iguais, permitindo a convivência com o diferente, de maneira distinta daquela encontrada na família e no trabalho, com as subjetividades



mais próximas, oportunizando os jovens a falarem de si, trocarem ideias e sentimentos.

Essa aproximação juvenil, longe da influência familiar permite a construção de uma aliança que gera resistência as intenções alienantes da escola. As relações juvenis construídas no contexto escolar são “formuladores de cultura” (AMARAL; FERREIRA, 2014, p. 217). A cultura construída por essa juventude é marcada por uma energia vibrante, por um espírito curioso, questionador, construtivo, e por vezes explosivas, críticas exacerbadas e autocentradas, marcando com frequência conflitos.

Essa cultura juvenil demonstra como a relação entre escola e a juventude representa um importante fator na construção da resistência e de identidade. Essa parcela da sociedade representa o poder de manutenção e também de ressignificação, assumindo uma importante protagonismo no processo questionador, de reflexão e conscientização sobre todas as demandas sociais. Dayrell e Carrano (2014, p. 104) ressaltam que “os jovens são sujeitos de experiências, saberes e desejos. Eles se apropriam do social e reelaboram práticas, valores, normas e visões de mundo [...], interpretam e dão sentido ao seu mundo”. Desta forma, é possível destacar que a juventude deve ser vista como sujeito de ação, que através de suas vivências constrói, produz e ressignifica a sociedade.

## **5 SOCIOLOGIA E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

### **5.1 A SOCIOLOGIA E A COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.**

Historicamente as diferenças físicas foram utilizadas como parâmetro para criar hierarquias entre os sujeitos. Com os avanços das grandes navegações e o processo de colonização europeia sobre os outros continentes reforçou a utilização dos fenótipos para diferenciações que demarcam um discurso que constrói povos superiores e inferiores, com principal intuito de justificar o processo de exploração e dominação dos europeus sobre os povos nativos. Criam-se justificativas que buscavam explicar os abusos e explorações cometidos contra esses povos: tudo isso sustentado por teorias raciais e eugênicas.

As teorias raciais visam comprovar o pressuposto de que os seres humanos podem ser classificados por meio de uma divisão de raças, definidas pelas características fenotípicas, assim como definir os diversos graus de evolução dos diferentes grupos étnicos resultando em uma hierarquia fundamentada na ideia de que alguns grupos são superiores e outros inferiores, geneticamente e culturalmente.

As teorias que reforçaram as ideias do evolucionismo social e as correntes deterministas valorizavam o modo vida e os aspectos genéticos da população europeia branca, deram origem à corrente de pensamento reconhecida como “racismo científico”, que teve uma ampla aceitação e difusão entre os séculos XVII até meados do século XX. Na perspectiva do racismo científico buscavam, através de teorias científicas, uma comprovação da supremacia dos indivíduos brancos em relação as demais etnias, justificando a exploração e dominação sobre elas.

É possível perceber que o racismo científico teve um papel fundamental na construção e difusão do racismo, partindo do pressuposto de que os sujeitos brancos(as) representariam uma raça superior, mais evoluída e mais civilizada, o que permitiria a exploração, dominação e escravização das populações de outros grupos étnicos, pois dentre os fenótipos utilizados por essas teorias, a cor da pele e detalhes corporais teriam um grande destaque: os sujeitos com a pele mais

escura (fora do modelo ariano e europeu) não seriam considerados relevantes dentro da hierarquia construída pelo racismo científico.

É evidente que o racismo científico teve efeitos trágicos para as populações que foram exploradas e oprimidas devido a essa classificação que reforça o pensamento racista. Justificou a existência da escravidão, gerando a marginalização, exclusão e segregação de diversas gerações. Nesta perspectiva, destaca-se a importância das ciências sociais, no processo de compreensão acerca dos efeitos negativos e drásticos do racismo científico na sociedade contemporânea e na busca da superação destes impactos<sup>9</sup>.

## 5.2 RACISMO ESTRUTURAL

Historicamente o sentimento de superioridade moral e biológica, fundamentadas no cristianismo e também em produções que se diziam científicas, possibilitou condições que justificaram uma sociedade de práticas públicas de violência explícita (ELIAS, 1994). Os movimentos marcados pelo racismo científico sustentaram por muito tempo as relações colonialistas e imperialistas, que promoveram a ocupação, exploração e a dominação de povos e de seus territórios, utilizando-se de argumentos das pseudociências e da religião. Por isso é importante compreender que a construção da noção de raça tem um papel político relevante, pois foi esse conceito que permitiu naturalizar as diferenças que sustentam as desigualdades, legitimando uma segregação nefasta e perversa que causou o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários, muitas vezes autóctones como os indígenas ou povos originários.

Nessa perspectiva a discriminação racial torna-se evidente através de ações concretas que causam desvantagens a grupos devido a sua identidade racial. Almeida (2019) destaca que o racismo é resultado de uma relação de poder, pois retrata a possibilidade de atribuir vantagens e desvantagens a um determinado grupo, reforçando a estratificação social diferenciada entre os grupos racialmente definidos, o que afeta as possibilidades de ascensão social de reconhecimento ou

---

<sup>9</sup> Apenas na segunda metade do século XX, as teorias científicas começaram a ser questionadas. Estudos desenvolvidos na área da antropologia demonstraram a autonomia das culturas e a inexistência de determinações biológicas capazes de colocar um grupo étnico como superior em relação a outros.

material. Lelia Gonzalez e Carlos Hasembalg (1982) vão além, e defendem que o racismo, tem sua essência residente em uma negação total ou parcial da existência de humanidade no povo negro e outros povos não brancos, e é nessa justificativa que encontram o exercício de dominação sobre os povos de cor.

A discriminação racial é responsável por materializar o racismo, que precisa ser compreendido a partir de um caráter sistêmico, ou seja, é resultante de um processo estrutural, não podendo ser apenas entendido como ato ou atos discriminatórios, mas como resultante das relações de subalternidade e privilégios, sendo representados pelos grupos raciais reproduzidos no âmbito político, social e econômico. (ALMEIDA, 2019)

A hegemonia de determinados grupos sobre outros deve ser compreendido como algo planejado, construído dentro de um sistema, não podendo deixar de considerar que a perspectiva do racismo e a exploração socioeconômica estão articulados quando o objetivo é limitar e reprimir a comunidade negra (GONZALEZ e HASENBALG, 1982). É possível compreender que toda ação marcada pela discriminação racial busca evidenciar uma suposta supremacia que visa a manutenção de uma hierarquia que viabiliza a apropriação do capital econômico e, conseqüentemente o controle do capital cultural e social, representando uma dominação econômica, dos saberes e conhecimentos e o controle das relações sociais (BOURDIEU, 1983).

Considerando as relações marcadas pelo processo de dominação, torna-se relevante destacar os conceitos de branquitude, branquidade e negritude. De acordo com Edith Piza (2005), a branquitude passa a ser desenvolvida a partir de um estágio marcada pela conscientização e negação dos privilégios vívidos pelo indivíduo branco, que passa a desenvolver o reconhecimento da não existência de qualquer direito ou vantagem estrutural dos brancos em relação aos negros. O conceito branquidade define os pensamentos e comportamentos de indivíduos brancos que defendem uma condição ideal e única, marcada por um privilégio de ser um humano branco, defendendo o direito e a manutenção deste privilégio. Nesta perspectiva, o conceito de negritude caracteriza o movimento da fase de conscientização dos povos negros africanos, acerca da opressão colonialista e

marca a busca por reencontrar toda a subjetividade negra que foi perdida pela dominação da cultura branca ocidental.

Aprofundando a análise acerca da discriminação racial contra a população negra, é possível compreender que existem inúmeros fatores que determinam as diversas formas de segregação racial, sendo que os aspectos sociais são os cada vez mais amplos. Nesse sentido, e pensando o contexto brasileiro, a discriminação racial assume proporções e dimensões muito robustas que se entrelaçam ao cotidiano e desenvolve uma falsa percepção de normalidade. Ou seja, a normalidade do discriminatório.

Essa construção torna-se um fator de significativa relevância no que diz respeito à construção social, desenvolvendo associações e reforçando estereótipos negativos acerca da população negra, com prejuízos indescritíveis a ela e realimentam variadas formas de segregação. É nesta perspectiva que se origina o conceito do Racismo Estrutural, que expõe o processo em que ele se torna presente na estrutura social, ou seja, a discriminação racial ganhou uma proporção tão intensa que se naturaliza em diversos contextos de uma sociedade, contribuindo, por um lado, para a formação de um grupo com alicerces e ideias racistas e discriminatórios, responsável pela vulnerabilidade da população negra. Por outro, esta naturalização se interioriza nos corpos e na subjetividade dos grupos vitimizados, que se tornam desfavorecidos socioeconomicamente, realimentando a possibilidade de novas violências.

O Racismo Estrutural deve ser compreendido como um sistema opressivo, que se manifesta através das relações de poder, dicotomizando as relações nas personagens do opressor e do oprimido, considerando a ideia da racialização destes indivíduos. No Brasil, é possível compreender que o racismo é um fator determinante na estrutura das relações sociais, econômicas e políticas. Nesta perspectiva, Almeida destaca:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômica, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (ALMEIDA, 2019, p. 38)

Essas relações de poder definem a estrutura das relações sociais evidenciando uma naturalização das discriminações raciais. De acordo com Almeida (2019), para compreender essa naturalização é necessário que o racismo seja percebido como um processo político e histórico, sendo também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos em que a consciência e os afetos estão ligados às práticas sociais, ou seja, o racismo se perpetua através da produção de um sistema de ideias que explicam “racionalmente” a desigualdade racial. E mais, que desenvolva indivíduos que não se abalem pela discriminação e violência racial.

Ao refletirmos sobre o processo histórico e político do Racismo Estrutural no Brasil devemos ressaltar que dos 522 anos de Brasil (considerando o início da colonização), 388 destes anos foram marcados pela escravidão, o que representa mais 70% de nossa história, sendo responsável por moldar as relações sociais e econômicas de nosso país. “No Brasil, desde o ano zero, a instituição que englobava todas as outras era a escravidão[...]” (SOUZA, 2019, p. 42). A escravidão é a gênese da sociedade brasileira. Essa influência está enraizada de forma tão contundente em nossa história e formação social que pode ser entendida como a principal responsável pelo Racismo Estrutural no país.

Portanto, os estereótipos e estigmas construídos historicamente sobre a população negra no Brasil, desenvolvem um processo de naturalização que não é criado por esta ou aquela instituição social, mas ocorre através de uma reprodução social, ou seja, se existem quaisquer formas de regalias de grupos raciais, demonstra que o racismo é um fator que determina aquela ordem social.

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, de modo e até familiares, não sendo patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre pelas costas dos indivíduos e lhe parece legado pela tradição. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais e políticas. (ALMEIDA, 2018, p. 38-39).

Desconstruir a ideia do racismo como uma problemática moral e individual significa compreendê-lo como parte da estrutura social, responsável por reforçar e segregar parte da população, desenvolvendo barreiras e naturalizando a exclusão

social. Desenvolver um olhar crítico sobre as representações e abordagens acerca da população negra, em nosso cotidiano, possibilita perceber o racismo como algo presente nas relações sociais. Sem esta percepção, não há uma discussão coerente em relação as questões raciais, sendo reproduzido de forma normalizada. Para que haja uma efetiva transformação no que diz respeito ao racismo em nossas sociedades faz-se necessário a construção de práticas antirracistas e o incentivo a estudos que buscam o combate ao racismo.

### 5.3 RACISMO E A ESCOLA.

O racismo é parte da estrutura social, construído histórica e politicamente, contribuindo para a perpetuação de práticas que efetivam a segregação social, econômica e cultural. Vários estudos, com destaque as contribuições de Silvio de Almeida, Djamilia Ribeiro, Conceição Evaristo, Abdias Nascimento, Sueli Carneiro, entre outros, confirmam o fato do Brasil ser uma sociedade fortemente marcada pelo racismo, que por muito tempo se ancorou no mito da democracia racial<sup>10</sup>, desenvolvendo uma naturalização extremamente prejudicial à população negra.

A escola como uma importante instituição social exerce um significativo papel no que se refere à manutenção do racismo. De acordo com o IBGE, em 2010, 43% da população se autodeclarou branca, e 56% da população se autodeclarou negra (pretos e pardos)<sup>11</sup>. Este último grupo representa a maior parcela da população e, por consequência a maioria dos jovens que estudam em escolas públicas que, segundo Silva (2011), são espaços que manifestam ações e omissões com prejuízos no processo de aprendizagem dos estudantes negros (as), minando a constituição de suas identidades. Isso ocorre devido ao grande período de branquitude estabelecida como um padrão incontestável, refletindo a organização da esfera educacional. A instituição escolar para esta autora:

[...] embora concebida, nos termos dos textos legais e objetivos pedagógicos, para garantir e divulgar princípios de justiça e igualdade, tem divulgado e reforçado visão unitária e não plural de sociedade. Tem

---

<sup>10</sup> Conceito desenvolvido por Gilberto Freyre que afirmava que no Brasil o racismo era inexistente, principalmente devido a grande miscigenação característica do país. Segundo essa teoria pretos e brancos desenvolveram um convívio harmônico, onde todas as oportunidades e acessos eram iguais.

<sup>11</sup> O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) utiliza preto e pardo como classificação de cor ou raça nas pesquisas de censo demográfico desde 1872. Para formar a classificação de negros, é comum que seja somada a população preta à população parda.

propiciado a formulação de representações que desvalorizam os diferentes, aqueles que não se encaixam nos padrões difundidos pela referida visão unitária. Tem propiciado representações que geram, junto aos diferentes, tidos como não iguais, percepção de inferioridade que lhes seria inata e quase sempre incorrigível (SILVA, 2011, p. 22)

De acordo com Munanga (2005), as ferramentas cotidianas da escola que retratam os povos e culturas não ocidentais, são formadas por representações depreciativas e preconceituosas, também presentes nos materiais didáticos, ultrapassa-os e se efetivam nas relações sociais entre os estudantes e deles com seus professores(as). O autor também ressalta que o racismo no espaço escolar também se consolida na escola devido à falta docentes realmente preparados para desenvolver a debate sobre a temática, ignorando as situações de discriminação que ocorrem no cotidiano escolar. Logo, há dificuldades para desenvolver discussões sobre o problema e conscientizar os estudantes.

Nessa perspectiva, é possível compreender que os estudantes negros(as) não se sentem devidamente representados pelo sistema educacional, pois dificilmente existe uma representação positiva deste grupo. Esse sistema reforça estereótipos, discriminações e racismo, que desagua desde no abandono escolar ou um retardo no seu processo educacional, contribuindo para a reprodução de um Racismo Estrutural. Ou seja, é um círculo vicioso que provoca situações de risco, marginalização e vulnerabilidade social.

Essa visão infundada, reproduz mecanismos que favorecem a supremacia branca e retrata a falta de preparo docente ao se referir às questões étnico-raciais no cotidiano do contexto escolar. Nesse contexto, demonstra a necessidade de um aprofundamento e uma construção sólida do pensamento e de pesquisas acerca desta temática. A manutenção desse processo de pesquisa e aprofundamento dos professores(as) contribui para a superação dos estereótipos e estigmas construídos historicamente, tornando o espaço escolar um espaço de debate, reflexão e conscientização. Para desenvolver a transformação dessa realidade é preciso partir pelo reconhecimento de que a sociedade brasileira é racista, a partir disso desenvolver ações voltadas para a luta antirracista (MUNANGA, 2005).

Aliado à necessidade da construção de atividades e projetos antirracistas, as escolas também devem incentivar ações voltadas para o autorreconhecimento por parte dos estudantes negros(as). Historicamente, inclusive dentro das escolas,



a sociedade brasileira construiu a estigma da pessoa negra como algo depreciativo. A pele negra é marcada por representações extremamente negativas e desfavoráveis, relacionadas à agressividade, à feiura, à ignorância e à inferioridade, fazendo com que muitos negros(as) não se sintam representados(as) e orgulhosos(as), gerando um processo de repulsa. De acordo com Sousa (2016, p. 45) “ser considerado negro ou preto, além de ser uma forma de se sentir inferior, de ser hostilizado e xingado pelos demais pares também é uma forma de enxergar sua identidade em desvantagem diante da sociedade”.

A negação enquanto negro pode ser compreendida como uma forma de proteção, fazendo com que muitos sujeitos não se identifiquem como negros(as), optando por se declarar como morenos, pardos ou outras formas de auto definições. Pois historicamente

[...] alimentou-se a ideia de que os mulatos mais claros e educados seriam sempre economicamente absorvidos, integrados cultural e socialmente e cooptados politicamente pelo padrão branco. Por isso, o negro busca, em muitos momentos aproximar-se desse padrão, como forma de assumir posições menos privilegiadas na hierarquia social e diminuir as possibilidades de sofrer discriminação e preconceito (SANTOS; MOLINA NETO, 2011, p. 526).

Faz-se necessário então, que o as escolas tornem-se espaços que desenvolvam reflexões, debates e aprofundamento sobre a temática do racismo. Para isso se concretizar é importante os investimentos na formação continuada dos professores(as) voltadas para as questões da diversidade étnico-racial, possibilitando melhores encaminhamentos pedagógicos, não eximindo a necessidade destes profissionais buscarem se informar sobre a temática, evitando e sabendo como encaminhar situações discriminatórias.

Nesta perspectiva, as escolas também precisam construir ações voltadas para que os estudantes negros(as) se reconheçam como tal, valorizando e sentindo orgulho de sua cor, sua história e sua cultura. O não reconhecimento de si como indivíduo que pertence ao espaço escolar é um fator desmotivante do estudante negro(a). Por isso, é evidente a urgência de desenvolvimento ações de autorreconhecimento, tornando-se uma importante ferramenta na luta antirracista.

#### 5.4 CONTRIBUIÇÕES DAS LEIS 10639/03 E 11.645/08.

Ao refletir sobre a presença do racismo no contexto escolar é necessário ressaltar a importância de políticas públicas que fomentem a reflexão e o aprofundamento por parte da instituição, dos professores(as) e estudantes sobre a diversidade étnico-racial. Construir mecanismos que possibilitem a conscientização sobre a presença do racismo, reconhecendo a sua existência e o seu impacto nas relações sociais é fundamental para que a luta contra o racismo possa ser efetivada na prática.

No Brasil destacam-se as sanções das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que regulamentam a presença da História e da cultura afro-brasileira e indígena na educação básica do país, tornando-se uma importante ferramenta de luta contra o racismo no contexto educacional brasileiro. A primeira lei (nº 10.639/2003) objetiva a obrigatoriedade de inclusão no currículo escolar, a abordagem da História e Cultura Afro-brasileira e indígena, incluindo nos calendários letivos o dia 20 de novembro como Dia da Consciência Negra (BRASIL, 2003). Essa lei acrescentou novos artigos, que se referem a essas propostas, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96. Essas mudanças definem a necessidade da abordagem nos conteúdos programáticos, do resgate e da importância acerca das lutas e resistências históricas da população africana, afro-brasileiros e indígena, superando a visão eurocêntrica construída e transmitida no Brasil.

De acordo com Gomes (2009, p. 40) a Lei 10.639 de 2003 está relacionada à garantia do direito à educação, incluindo neste o direito à diferença. Sua efetivação como política pública voltada para a educação brasileira superou caminhos tensos e complexos, o que demonstra seu potencial de induzir e realizar ações direcionadas à sustentação de políticas de direito e de reforço às questões raciais em uma perspectiva mais ampla e inclusiva.

Em 10 de março de 2008 esta lei passa por algumas mudanças que originou a lei 11.645/2008, que objetiva que "nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Ensino Médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" (BRASIL, 2008). As duas leis sancionadas representam uma conquista importante para os movimentos sociais que lutam pelo reconhecimento e pela identidade, e buscam através das políticas públicas ações

que possibilitem o respeito e valorização da história e cultura afro-brasileira na educação escolar.

De acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Culturas Afro-Brasileira e Africana (2005, p. 14):

Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel predominante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminatórios, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários.

Portanto, há um aparato legal a ser cumprido e as mudanças não devem ocorrer apenas como um “aconselhamento jurídico”, mas como desenvolvimento de uma postura crítica acerca do papel da história afro-brasileira como parte integrante da formação social e da cidadania dos estudantes. Munanga afirma que:

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. (MUNANGA, 2005, p. 17)

Mesmo sabendo que o debate étnico-racial não deve ser entendido ou visto apenas como uma questão jurídica, ou seja, que deve ser mais amplo e presente em todos os aspectos da sociedade, é necessário ressaltar importância da articulação entre essas políticas públicas e o processo educacional, o qual adquire um papel fundamental no processo de luta contra o racismo. É a escola que atua como protagonista no desenvolvimento da conscientização da sociedade, possibilitando o questionamento e a superação de uma história fundamentada na discriminação.

## 6 INTERVENÇÃO DIDÁTICA

A forma como uma aula é planejada é executada representa uma das maiores preocupações dos docentes em todas as áreas e disciplinas. Pensar em uma metodologia que desperte a atenção dos estudantes possibilitando que os objetivos esperados sejam alcançados é um desafio constante na rotina de um educador, no processo de dinamizar suas aulas, tornando-as acessíveis e cativantes aos discentes.

Para construir um processo de intervenção didática é necessário refletir sobre a construção de caminhos que possibilitem superar barreiras construídas culturalmente, socialmente e historicamente. Nesta perspectiva é indispensável que o docente considere as especificidades dos sujeitos inseridos no processo de ensino e aprendizagem, pois “[...] um ato de conhecimento em que os educandos assumem o papel de sujeitos cognoscentes em diálogo com o educador, sujeito cognoscente também” (FREIRE, 2011, p. 76).

Tornar os estudantes o centro do processo de planejamento da metodologia de uma aula representa um importante recurso de superação das dificuldades e barreiras encontradas pelos docentes nesta etapa. Assim, torna-se fundamental o entendimento de que “a construção do conhecimento é tarefa para a compreensão do mundo onde as pessoas vivem, material e simbolicamente.” (GHIGGI, 2010, p. 113)

A metodologia desta intervenção didática busca construir uma prática docente que tem como ponto de partida as percepções discentes acerca do assunto a ser tratado, permitindo desenvolver reflexões pautadas nas suas visões, construções e entendimentos, tornando-as mais significativas e próximas deste sujeito.

### 6.1 COMPREENDENDO AS PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O RACISMO

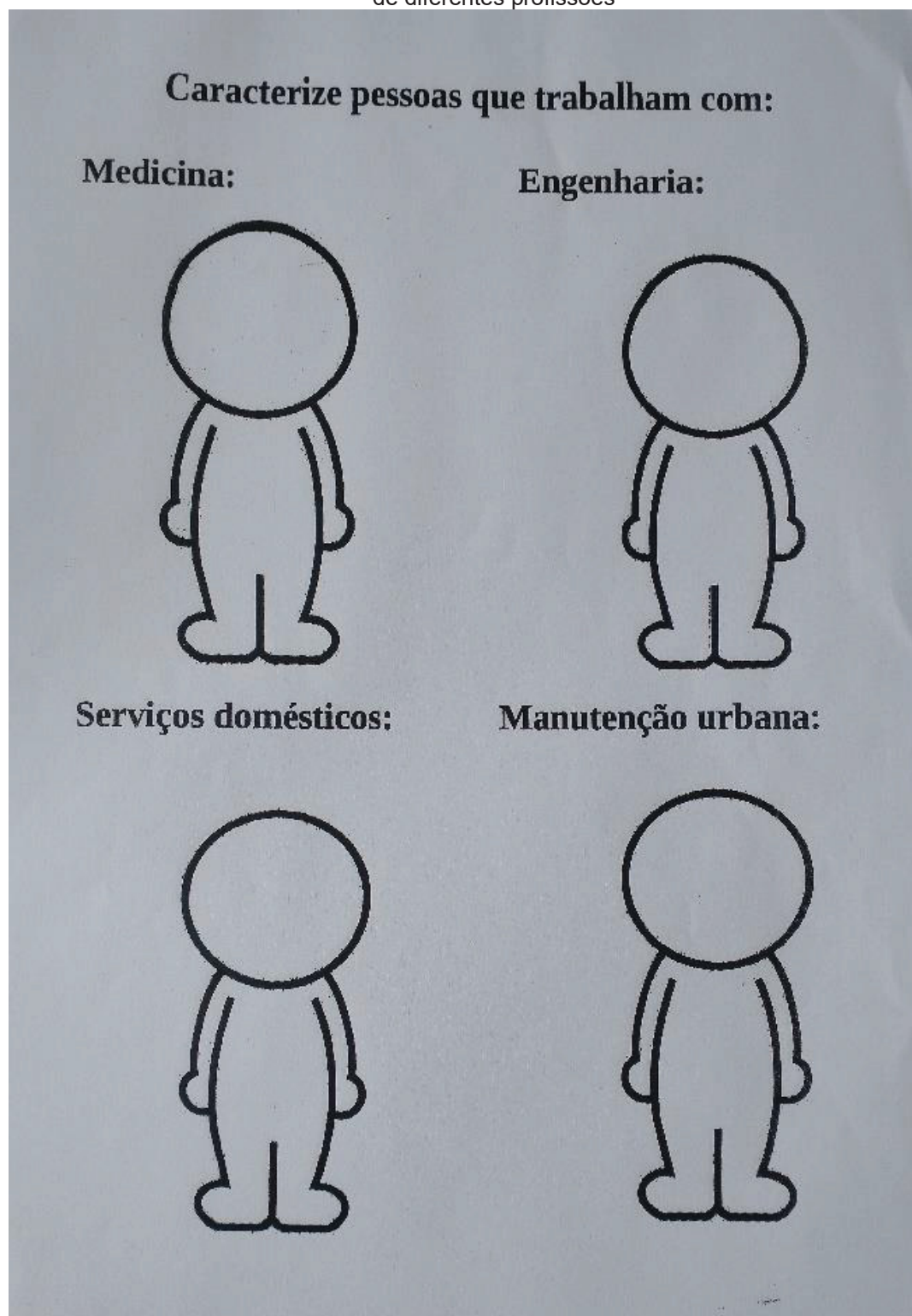
O professor(a) não é o detentor de todos os saberes; sua função está relacionada à seleção de conteúdo, realizar levantamento do que os estudantes conhecem sobre a temática e, a partir disso, selecionar materiais pertinentes e

orientar os estudantes na análise dos materiais, desenvolvendo comparações e conclusões.

Na primeira etapa desta intervenção didática realiza-se um levantamento sobre as percepções dos estudantes sobre a temática do Racismo Estrutural. Com a intenção de que esse levantamento não sofresse nenhuma influência, não foi realizada quaisquer formas de explanação sobre a temática da aula e da atividade.

Os discentes realizaram uma atividade em que deveriam caracterizar diferentes profissionais de acordo com a construção social e histórica em que está inserido. Para isso receberam uma atividade impressa com quatro 'croquis de pessoas' com profissões de diferentes áreas: medicina, engenharia, serviços domésticos e manutenção urbana (Figura 1). A proposta de usar esse croqui busca auxiliar os estudantes que apresentam dificuldades em desenhar. Aqueles que gostam ou apresentam habilidade com o desenho poderiam realizar a atividade sem o auxílio do croqui, respeitando as limitações artísticas e possibilitando o protagonismo dos estudantes em relação a atividade.

FIGURA 1: Atividade impressa com croquis para os estudantes expressarem as representações de diferentes profissões



A definição destas profissões partiu da constatação prévia, pelo professor, que a economia e o mercado de trabalho são áreas fortemente marcadas pelas representações sociais, principalmente quando relacionadas às questões raciais.

O mercado de trabalho é um reflexo da construção histórica de uma sociedade, evidenciando todos os aspectos marcantes em suas relações, como as desigualdades raciais, afinal, “a herança escravista faz com que o mundo do trabalho seja particularmente racista” (RIBEIRO, 2019, p. 52).

O mercado de trabalho representa um importante fator que expõe a presença do Racismo Estrutural nas sociedades, demonstrando os comportamentos que impedem possibilidades de ascensão e inclusão da população negra, com demarcações bem definidas de ocupações. “Há anos inúmeras pesquisas têm demonstrado que a raça é um marcador determinante da desigualdade econômica.” (ALMEIDA, sem numeração, 2019). As desigualdades raciais devem ser compreendidas em uma perspectiva cumulativa<sup>12</sup>, ou seja, se as pessoas negras não têm acesso à educação, com dificuldades para ingressar no mercado de trabalho, além de terem pouco contato com informações sobre cuidado com a saúde. Consequentemente, sem poder aquisitivo e informação sobre cuidados com a saúde, a população negra terá mais dificuldade não apenas para conseguir um trabalho, mas para permanecer nele. (ALMEIDA, sem numeração, 2019).

Nessa perspectiva, o mercado de trabalho representa uma estrutura social que expõe como as desigualdades raciais são amplas e complexas, desenvolvendo representações sociais sobre funções e empregos que exigem maiores níveis de escolaridade e responsabilidades, consequentemente maiores salários. Sendo assim, trabalhos como medicina e engenharia, que exigem alta escolaridade, são historicamente exercidos por brancos(as), enquanto trabalhos que exigem pouca escolaridade e ocorrem de forma braçal são realizadas por pessoas negras.

“Racismo faz com que a pobreza seja ideologicamente incorporada quase que como uma condição “biológica” de negros e indígenas, naturalizando a inserção do mercado de trabalho de grande parte das pessoas identificadas com estes grupos sociais com salários menores e condições de trabalho precárias”. (ALMEIDA, sem numeração, 2019).

O desenvolvimento da atividade permite que os estudantes expressem as influências acerca destas representações sociais, expondo as influências do racismo no âmbito do trabalho que, por sua vez, é o reflexo de uma estrutura muito

---

<sup>12</sup> O conceito de causa cumulativa de G. Myrdal, é a base de seu pensamento para compreender o desenvolvimento de países e regiões: “envolve, naturalmente, uma constelação circular de forças, que tendem a agir e a reagir independentemente” (Myrdal, 1960).



complexa. Como os estudantes não sabiam a temática que seria abordada, foram realizadas algumas orientações para auxiliar no desenvolvimento da atividade: Os estudantes deveriam evidenciar as características dos personagens de acordo com as profissões que eles exercem, o gênero, a raça e até a vestimenta que usam dentro ou fora do ambiente de trabalho.

Para a realização da atividade, foi disponibilizado, além do croqui, materiais de colorir, como lápis de cor, giz de cera e canetinhas coloridas, entre eles foi cedido uma caixa de lápis de colorir com diferentes tons de pele (Figura 2), buscando incentivar os estudantes a explorarem essa característica de seus personagens.

FIGURA 2: Caixa de lápis de colorir com diferentes tons de pele.



A realização desta atividade está em conformidade com a proposta da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, garantindo o papel de protagonista dos discentes para que o processo de ensino e aprendizagem seja construído considerando o desenvolvimento de abstração, reflexão, interpretação, proposição e ação, motivando a autonomia. Visa também valorizar os diversos papéis sociais que são construídos pelos jovens, além de sua condição de estudante. (BRASIL, 2019, p. 467). Busca também atender a habilidade de:



“utilizar as linguagens gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.” (BRASIL, 2019, p. 572).

O desenvolvimento da atividade ocorreu de forma bastante tranquila. Os estudantes demonstraram curiosidade sobre o intuito da atividade, alguns sugeriram que seria uma atividade para discutir as questões de gênero e trabalho, mas nenhum relacionou às questões raciais. Foi possível verificar que os estudantes se sentiram confortáveis com a realização da atividade, foi um momento de bastante descontração que possibilitou um rompimento na rotina escolar.

Após concluída esta etapa da intervenção didática, foi realizada uma exposição de todos os trabalhos produzidos pelos estudantes fixando-os em um barbante no quadro da sala. Em seguida, foi solicitado que todos apreciassem os trabalhos realizados, e questionado sobre o que os estudantes observaram nestes trabalhos e quais pontos chamaram a atenção.

Os seguintes pontos foram levantados pelos discentes:

- Muitos estudantes e alunas levantaram o fato de que os trabalhos domésticos são representados por papéis femininos e a engenharia por personagens masculinos.
- Alguns estudantes apontaram que as roupas e os cabelos dos personagens que exercem medicina e engenharia são mais modernas e da moda, enquanto os personagens da manutenção urbana e trabalhos domésticos são representados com roupas simples e fora da moda.
- O grupo destacou que a maior parcela das representações realizadas caracterizou os personagens da medicina e engenharia como pessoas brancas e os personagens da manutenção urbana e serviços domésticos como pessoas negras.

Os dois primeiros pontos permitem demonstrar que este exercício possibilita realizar a exploração de diferentes assuntos, temas e conteúdo, como as desigualdades de gênero e o mercado de trabalho e as relações de consumo e as classes sociais. O terceiro ponto atende às intenções da pesquisa de permitir que

os próprios estudantes identificassem que existe uma “imagem” construída socialmente sobre as diferentes profissões indicadas na atividade e que essa “imagem” têm um perfil racial.

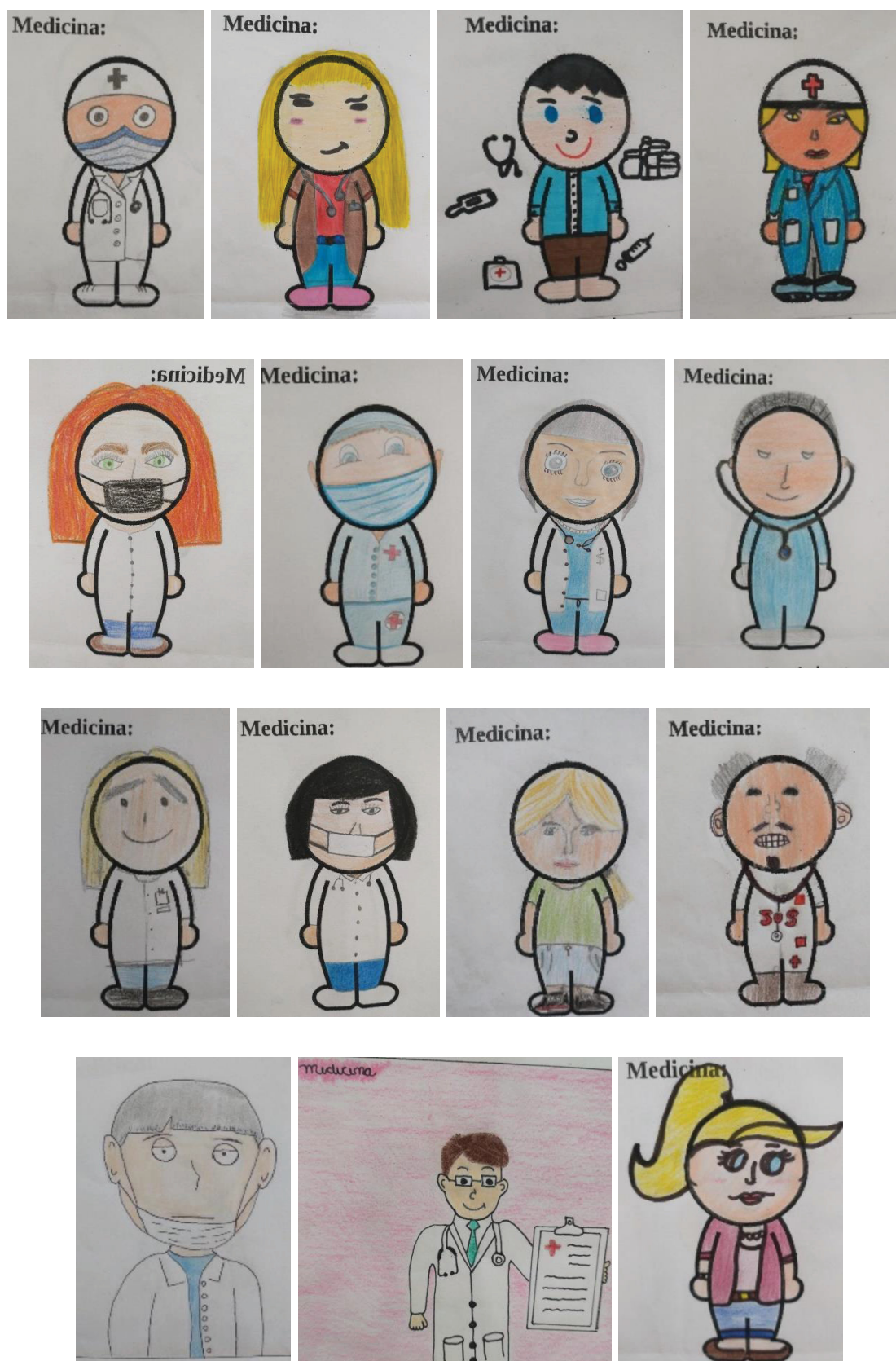
A partir da indicação dos estudantes que as representações realizadas carregam uma influência racial, foi solicitado ao grupo que indicasse a qual grupo racial os personagens elaborados pertenciam, levando em consideração as cores utilizadas para representar a pele desses personagens e aspectos relacionados ao cabelo e rosto. De um total de 41 estudantes, 38 entregaram a atividade solicitada contribuindo para a análise.

Iniciamos a atividade pelos personagens que trabalham na área da medicina, os estudantes realizaram a seguinte definição: das 38 representações, 30 foram caracterizados como brancos(as) e 8 apresentam uma caracterização de pessoas negras, ou seja, 78,9% dos estudantes percebeu os profissionais da medicina como pessoas brancas enquanto, 21,1% desse grupo percebe esses profissionais como pessoas negras.

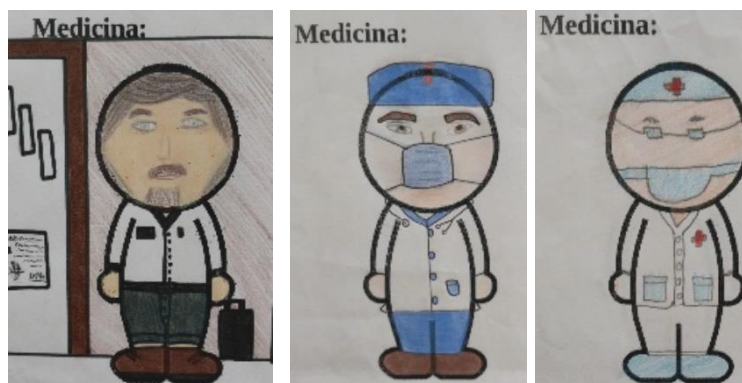
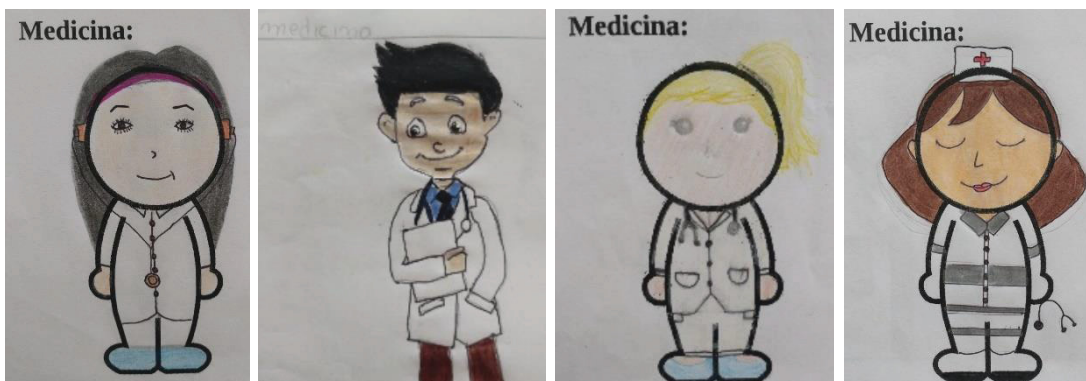
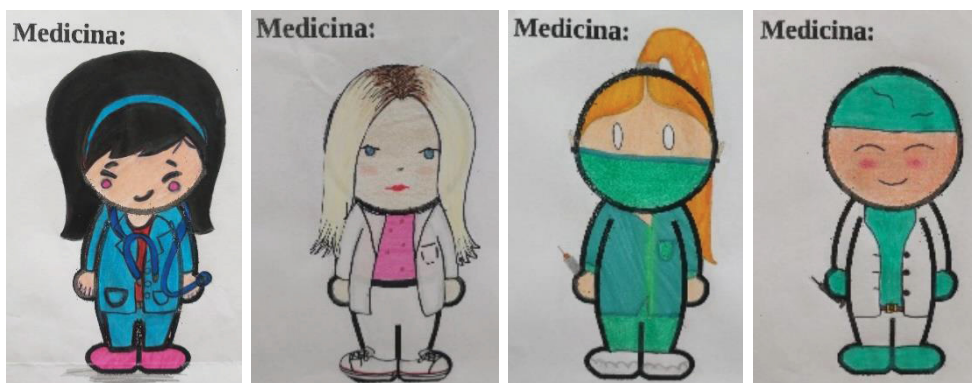
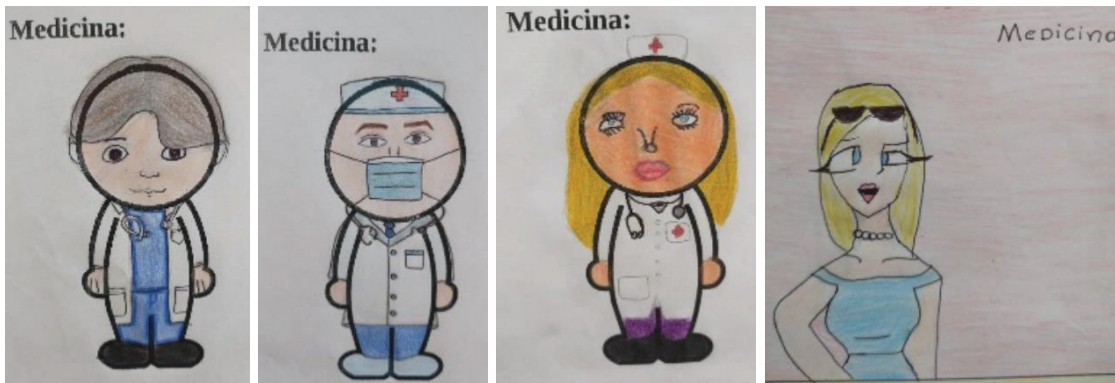
FIGURA 3: Representações sobre profissionais da medicina, pessoas negras.



FIGURA 4: Representações sobre profissionais da medicina, pessoas brancas.







O segundo grupo analisado foram os personagens que trabalham na área da engenharia. Os estudantes realizaram a seguinte definição: das 38 representações, 29 foram caracterizados como brancos(as) e 9 apresentam características de pessoas negras, ou seja, 76,3% dos estudantes percebeu os profissionais da engenharia como pessoas brancas, enquanto 23,7% desse grupo percebe esses profissionais como pessoas negras.

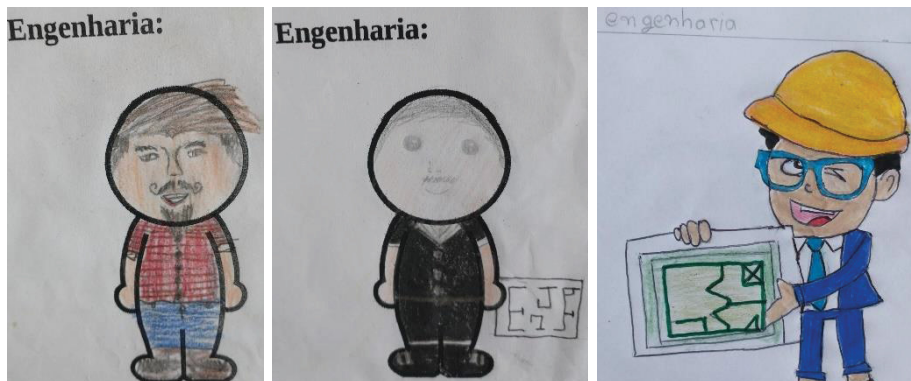
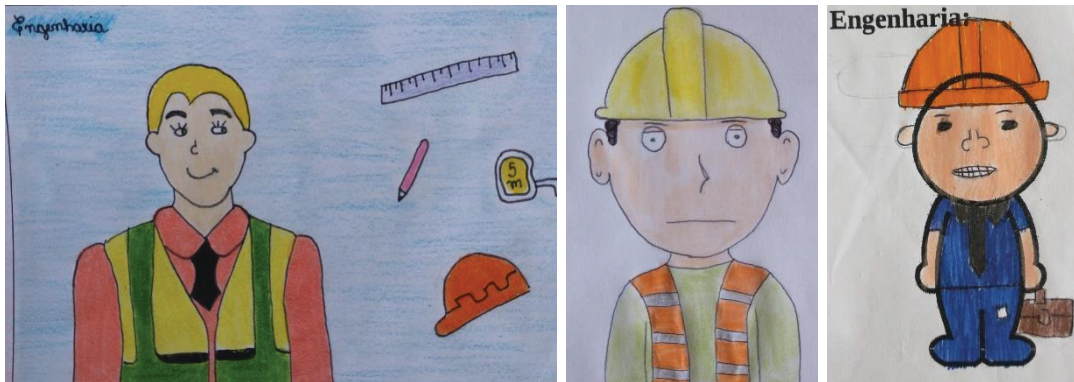
FIGURA 5: Representações sobre profissionais da engenharia, pessoas negras.





FIGURA 6: Representações sobre profissionais da engenharia, pessoas brancas.









O terceiro grupo analisado foram os personagens que trabalham na área de serviços domésticos e nele os estudantes realizaram a seguinte definição: das 38 representações, 13 foram caracterizados como brancos(as) e 25 apresentam características de pessoas negras, ou seja, 34,2% dos estudantes percebeu os profissionais de serviços domésticos como pessoas brancas, enquanto 65,8% desse grupo percebe esses profissionais como pessoas negras.

FIGURA 7: Representações sobre profissionais de serviços domésticos, pessoas negras.





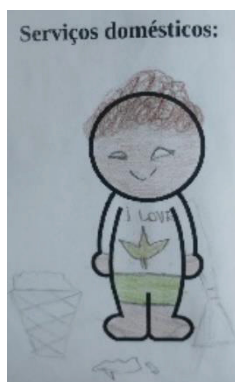
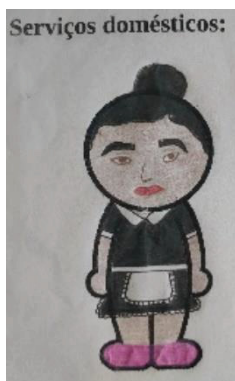
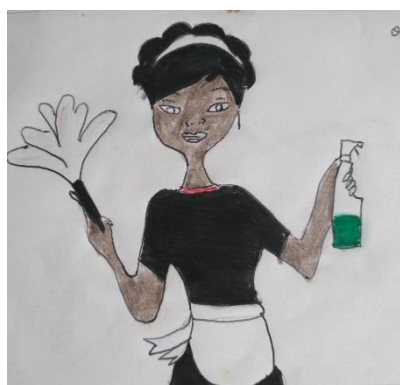




FIGURA 8: Representações sobre profissionais de serviços domésticos pessoas brancas.







O quarto e último grupo analisado pelos estudantes foram os personagens que trabalham na área da manutenção urbana, os estudantes mostraram a seguinte percepção racial: das 38 representações, 12 foram caracterizados como brancos(as) e 26 apresentam características de pessoas negras, ou seja, 31,6% dos estudantes percebem os profissionais da manutenção urbana como pessoas brancas, enquanto 68,4% desse grupo percebem esses profissionais como pessoas negras.

FIGURA 9: Representações sobre profissionais da manutenção urbana, pessoas negras.









FIGURA 10: Representações sobre profissionais da manutenção urbana, pessoas brancas.





A partir das análises realizadas em conjunto com o grupo de estudantes foi possível inseri-los na temática sobre as representações sociais relacionadas aos indivíduos e a seu grupo étnico-racial, possibilitando o debate sobre as desigualdades relacionadas às questões raciais. Desta forma a atividade e a análise sobre as percepções dos estudantes é uma ferramenta de inserção aos estudos sobre o Racismo Estrutural.

## 6.2 COMPREENDENDO O RACISMO ESTRUTURAL

A primeira etapa da intervenção didática foi desenvolvida com o intuito de propiciar aos estudantes a construção de uma leitura crítica sobre as suas percepções e as representações sociais acerca das relações raciais. Considerando as contribuições de Minayo (1995, p. 90) o conceito de representações sociais está relacionado às “categorias de pensamento por meio das quais uma determinada sociedade se desenvolve e expressa sua realidade”. As representações sociais permitem, assim, compreender como os processos e fenômenos socialmente

construídos são compartilhados pelos sujeitos, assim as representações sociais orientam as decisões e atitudes de um indivíduo na vida cotidiana e fornecem um sistema de valores que orientam o seu cotidiano.

A partir da análise realizada pelos próprios estudantes e dos resultados obtidos, o grupo foi questionado sobre o que mais chamou a atenção deles sobre as representações realizadas, tendo como base as questões raciais. Dois pontos foram levantados pelo grupo:

- Destacaram o fato de a maior parte das representações dos profissionais de serviços domésticos e manutenção urbana são caracterizados como pessoas negras;
- Levantaram o fato de que as representações dos profissionais de medicina e engenharia não foram caracterizadas como pessoas negras.

Nesta etapa destaca-se a fala de um estudante sobre esses pontos:

*“As pessoas acham que o racismo é apenas pintar a empregada de preta, mas quando as pessoas não pintam uma médica de preta também é racismo.”*

Essa fala está relacionada aos aspectos estruturais do racismo, no qual a sociedade não apenas subalterniza pessoas negras, mas evidencia a não aceitação dessa população em posições de poder, intelectuais ou de privilégio. Ao escravizar os africanos, as sociedades escravistas definiram negros(as) como uma raça, definindo seu status, a forma como deveriam ser tratados, sua interação com os brancos(as), enfim, a cor da pele negra como uma posição inferior na hierarquia social. Em sociedades multirraciais e racistas, como a brasileira, a raça desempenha um papel simbólico (valorativa e estratificadora), assim, a classe racial permite que os indivíduos sejam atribuídos a diferentes posições na estrutura de classes, dependendo se estão em conformidade com os padrões raciais de classe/raça dominante (SANTOS, 1983, p. 19-20).

Após esses pontos serem levantados pelos próprios estudantes, foram questionados sobre os motivos que levaram o grupo a desenvolver as

representações desta maneira e algumas falas sobre este questionamento se destacam:

*“Por que é assim!”*

*“Isso ocorre por que as pessoas acham que os negros ainda são escravos!”*

*“A sociedade vê os negros como inferiores, como se fossem burros e não pudessem estudar.”*

*“Esses desenhos mostram a realidade, os negros não conseguem estudar e se formar, por isso trabalham com o que podem.”*

Diante dos apontamentos acima, é possível observar que, para os estudantes, as representações realizadas retratam a realidade, onde existem barreiras construídas historicamente que impedem pessoas negras de alcançar uma ascensão profissional.

A partir dessas reflexões os estudantes foram apresentados ao conceito do Racismo Estrutural utilizando como referência Silvio de Almeida (2019) que trata o racismo como resultante dos processos históricos econômicos que definem lugares e papéis sociais para os indivíduos de acordo com a sua definição racial. Ou seja, o racismo passa a ocorrer além das questões morais e individuais; os sujeitos estão inseridos em um contexto social marcado pelas desigualdades raciais que estão presentes em todos os âmbitos que constituem a sociedade, como é o caso das relações com o mercado de trabalho e das funções exercidas abordadas na atividade anterior. Assim, os estudantes passam a compreender que o racismo que foi identificado nas várias representações realizadas pelo grupo, não tem origem no acaso, mas que é algo socialmente construído ao longo dos séculos.

Ao trabalhar o conceito de Racismo Estrutural, os estudantes percebem que as representações da população negra refletem uma visão construída pelas classes dominantes cuja visão racista baseada se baseia em teorias da escravidão e da eugenia que apontam para o atraso e a ignorância negra.



Para aprofundar a discussão, tendo como referência a obra de Djamila Ribeiro (2019) “Pequeno Manual antirracista”, foram apresentadas aos discentes informações e situações que evidenciam a presença do racismo estrutural em diferentes contextos sociais, como a educação, mercado de trabalho, ações policiais, comentários diários. Essas reflexões permitiram a ampliação sobre a compreensão do impacto do racismo estrutural na formação da sociedade e como essa narrativa se estruturou no Brasil, reforçando a imagem de negro(a) associada à preguiça, ao desleixo e à subalternidade.

### 6.3 CONSTRUINDO A CONSCIENTIZAÇÃO ACERCA DO RACISMO ESTRUTURAL.

Tendo desenvolvido o conceito de racismo estrutural e visto o efeito deste fenômeno na vida cotidiana, foi possível observar que os estudantes entenderam o racismo como uma construção social e histórica. As discussões permitiram a reflexão e levaram o grupo a compreender o quanto os efeitos do racismo estrutural causam danos históricos à população negra, importante determinante da desigualdade social.

As discussões e reflexões garantiram que os estudantes ficassem cientes do conceito de Racismo Estrutural. Assim, foi proposto ao grupo desenvolver uma atividade que visa sensibilizar para a existência do racismo estrutural no cotidiano, para obter uma compreensão do entendimento real dos os estudantes sobre o assunto e permitir que se expressem sobre essa temática, buscando garantir a autonomia e protagonismo do estudante. Desta maneira é importante ressaltar que:

“E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isto mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido apreendido a situações existenciais concretas.” (FREIRE, 1983, p. 16).

A proposta da atividade foi para que os estudantes, a partir dos debates realizados, desenvolvessem pesquisas sobre a presença do Racismo Estrutural no Brasil em diferentes setores na sociedade: educação, política, trabalho, violência, saúde,

entre outros. Baseados nas informações levantadas nesta pesquisa, desenvolver um material de conscientização sobre a temática. Como intervenção pedagógica, objetivou-se incluir a utilização de recursos tecnológicos em sala de aula, considerando que:

a escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo a escola, especialmente a escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando. (BELLONI, 2005, p. 10).

Esse material de conscientização poderia ser produzido utilizando recursos como o celular, computador e sites de edição. Os estudantes foram orientados a desenvolver a atividade visando produzir uma postagem voltado para redes sociais, pensando na presença constante desta ferramenta na vida cotidiana dos jovens. De acordo com Castells (2016) a prática dos jovens nas redes sociais contribui para fortalecer sua autonomia e sua capacidade de redefinir a cultura, contribuindo para o empoderamento dos jovens.

Para desenvolver a atividade, os estudantes foram orientados a formar grupos, onde a quantidade de integrantes equipe era livre. Iniciaram a atividade em sala com as discussões nos grupos para definir o setor da sociedade que gostariam desenvolver as pesquisas e para isso utilizaram seus próprios aparelhos celulares para buscar os dados e informações. Foi possível perceber o envolvimento de todos na realização dos debates, discussões e pesquisas.

Após os grupos definirem qual área da sociedade será a base de sua pesquisa, passaram a levantar dados acerca das desigualdades raciais em torno de seu objeto de estudo. Nesta etapa as equipes organizaram rascunhos e foram realizando anotações sobre os aspectos que, para eles, espelham a presença do racismo estrutural.

Com os dados e informações anotados, todas as equipes optaram por realizar o material de conscientização utilizando como recurso os aparelhos de celular e alguns aplicativos com os quais têm maior afinidade. Alguns grupos pediram para realizar a atividade em casa, alegando que moram perto e por isso

podem se reunir para fazer o restante do trabalho, o que não foi permitido para evitar possíveis interferências.

A atividade teve duração de 2 horas-aula, onde foram obtidos um total de nove materiais, que visam sensibilizar as pessoas, para que entendam o quanto o racismo estrutural é prejudicial e presente no cotidiano. Esses materiais expressam as percepções dos estudantes sobre o Racismo Estrutural, a partir das abordagens realizadas, dos debates e reflexões desenvolvidos em sala de aula.

Sendo assim, a análise dessa atividade possibilita compreender como estes estudantes passam a perceber a presença do racismo estrutural em seu cotidiano a partir da inserção neste conteúdo, evidenciando o seu entendimento sobre a temática e como ele se configura em sua realidade.

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de apreender a substantividade do objeto aprendido. A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. (FREIRE, 2001, p. 28)

Não basta apenas os estudantes memorizem o conceito do Racismo Estrutural, para que o conhecimento seja efetivo é preciso que os mesmos reflitam sobre seus impactos e sobre a presença em seu cotidiano dando maiores significados ao termo, principalmente considerando as suas vivências, especificidades e expectativas.

Para finalizar, após concluir a produção dos materiais, utilizando o EDUCATRON<sup>13</sup> disponíveis da sala de aula, as equipes realizaram uma breve apresentação aos colegas de turma expondo seu trabalho e explicando as motivações para o desenvolvimento do material produzido.

O primeiro material expõe diferentes contextos em que se evidencia a manifestação do racismo estrutural. O grupo que desenvolveu o trabalho teve o intuito de conscientizar as pessoas sobre a diversidade do racismo no cotidiano,

---

<sup>13</sup> Aparelho que busca inserir tecnologia nas salas de aula das escolas da rede estadual do Paraná. Compostos por uma TV 43", computador, webcam, microfones, teclado com mouse pad e um pedestal regulável.

que não são percebidas pela sociedade. Apontam a necessidade de que as pessoas precisam aceitar a existência do racismo para que o mesmo possa ser combatido.

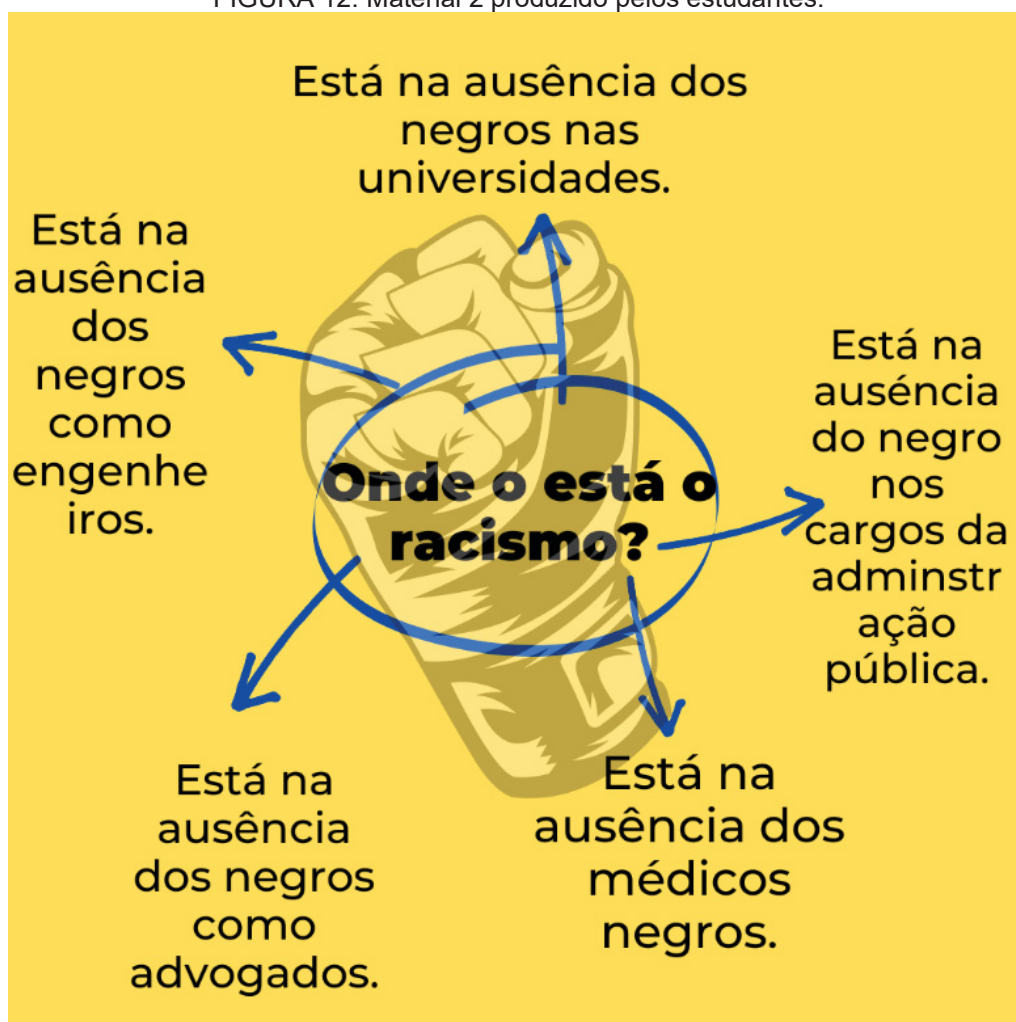
FIGURA 11: Material 1 produzido pelos estudantes.



O segundo material desenvolvido busca abordar o racismo através da exclusão da população negra em diversos setores, trazendo a reflexão de que o racismo pode ser percebido através da ausência da população negra em diferentes

espaços sociais. De acordo com o grupo, é necessário que o racismo seja compreendido como o responsável pela pouca participação da população negra sendo resultado de fatores históricos e sociais que foram planejados.

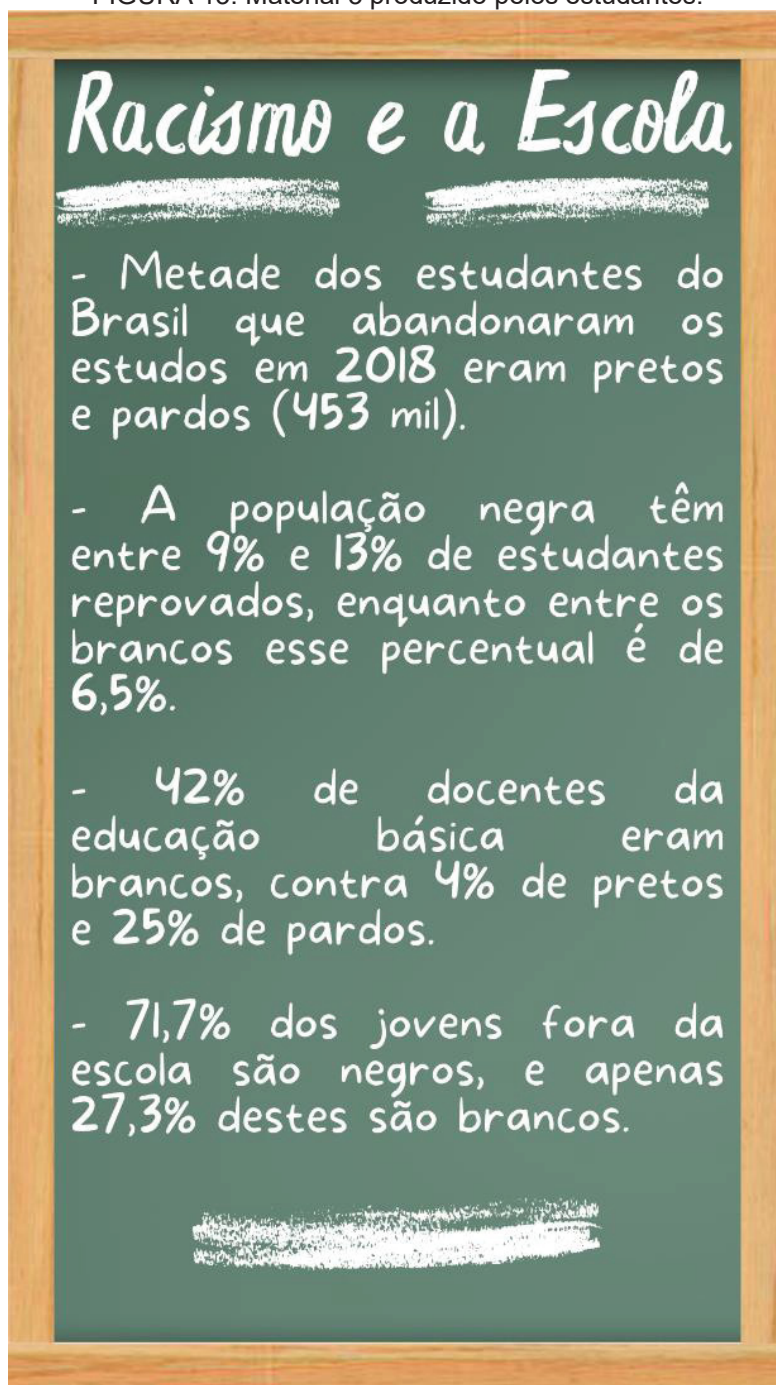
FIGURA 12: Material 2 produzido pelos estudantes.



O terceiro material elaborado pelos estudantes abordou uma reflexão acerca da exclusão da população negra no que se refere ao âmbito educacional trazendo os dados que expõe a desigualdade racial. A equipe afirmou que definiram a temática sobre educação pois, a desigualdade racial na escola irá refletir na exclusão no mercado de trabalho.



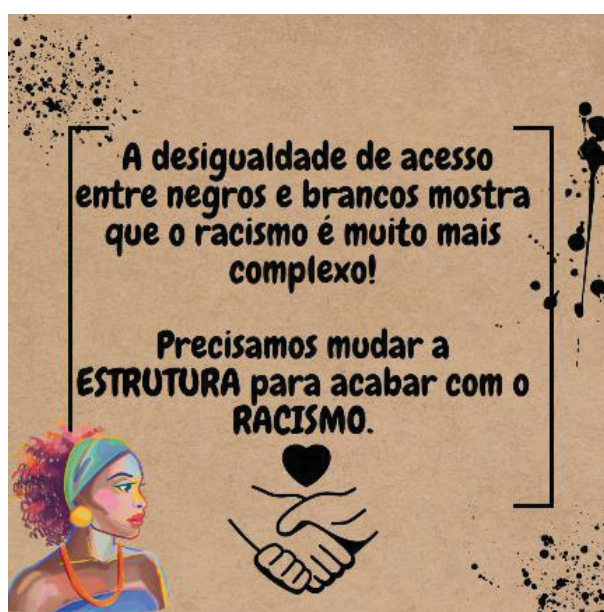
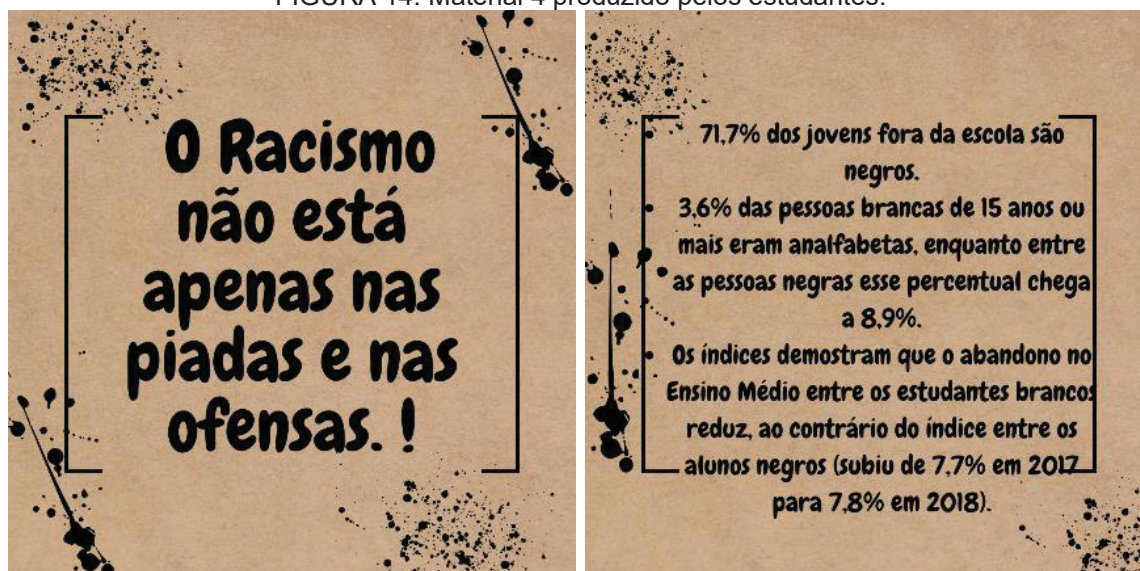
FIGURA 13: Material 3 produzido pelos estudantes.



O quarto material elaborado pelos estudantes também aborda uma reflexão sobre a exclusão da população negra no âmbito escolar, apresentando dados estatísticos que espelham a realidade da população negra em relação ao acesso e permanência na escola. O grupo responsável pelo trabalho afirmou que buscaram

desenvolver uma conscientização sobre a complexidade do racismo, alegando que as pessoas acham que o racismo ocorre apenas através de piadas e apelidos.

FIGURA 14: Material 4 produzido pelos estudantes.



O quinto material elaborado pelos estudantes e alunas levanta reflexões sobre a criminalização do racismo e sobre os efeitos gerados pela escravidão na sociedade. Os estudantes afirmaram que gostariam de gerar uma conscientização sobre os efeitos da sociedade escravocrata na construção e manutenção do

racismo estrutural, influenciando todos os aspectos da sociedade, por isso a necessidade de que a sociedade entenda que o racismo é um crime.

FIGURA 15: Material 5 produzido pelos estudantes.



O sexto trabalho desenvolvido pelos estudantes está relacionada a construção das ideias que defendem a superioridade dos brancos(as) em relação aos negros(as),



destacando as dificuldades que a população negra devido a essas ideias. Também buscam conscientizar as pessoas de que o racismo está presente no cotidiano de forma explícita.

Para os estudantes “*as pessoas precisam refletir sobre como a sociedade é marcada por essas ideias que mantêm as pessoas brancas como superiores, isso causa a exclusão da população negra*”.

FIGURA 16: Material 6 produzido pelos estudantes.



Até quando isso, uma hipocrisia que o 'Branco' criou se achando superior ao negro.

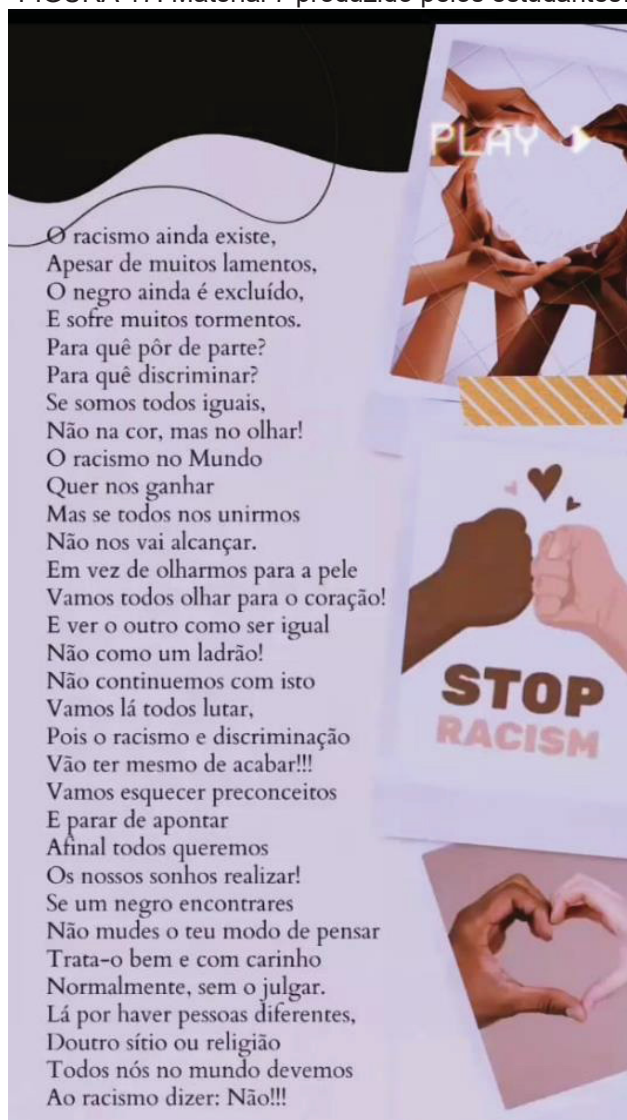
As pessoa no mundo de hoje deveriam pensar mais, para de se importar com a cor do outro, somos todos iguais o tom de pele é um pequeno detalhe que as pessoas nem deveria se importar.

Em pleno século XXI ainda existe pessoas hipocritas.

**O racismo no Brasil não é praticado de forma velada, mas sim escancarada, especialmente considerando os aspectos estruturais e institucionais.** As oportunidades no mercado de trabalho, a distribuição de renda, o percentual da população carcerária e as condições desiguais de moradia só ressaltam isso.

O sétimo material elaborado pelos discentes traz uma poesia, que não é de autoria dos estudantes e que afirmaram não ter a referência<sup>14</sup>. Aborda uma reflexão sobre os problemas causados pelo racismo e a necessidade de a sociedade superar essa problemática. Para a equipe “*é necessário que a sociedade passe a compreender a necessidade de superar os estragos causados pelo racismo estrutural*”, por isso buscam uma conscientização através da arte, que permite que as pessoas compreendam a importância da luta contra o racismo e todas as suas vertentes.

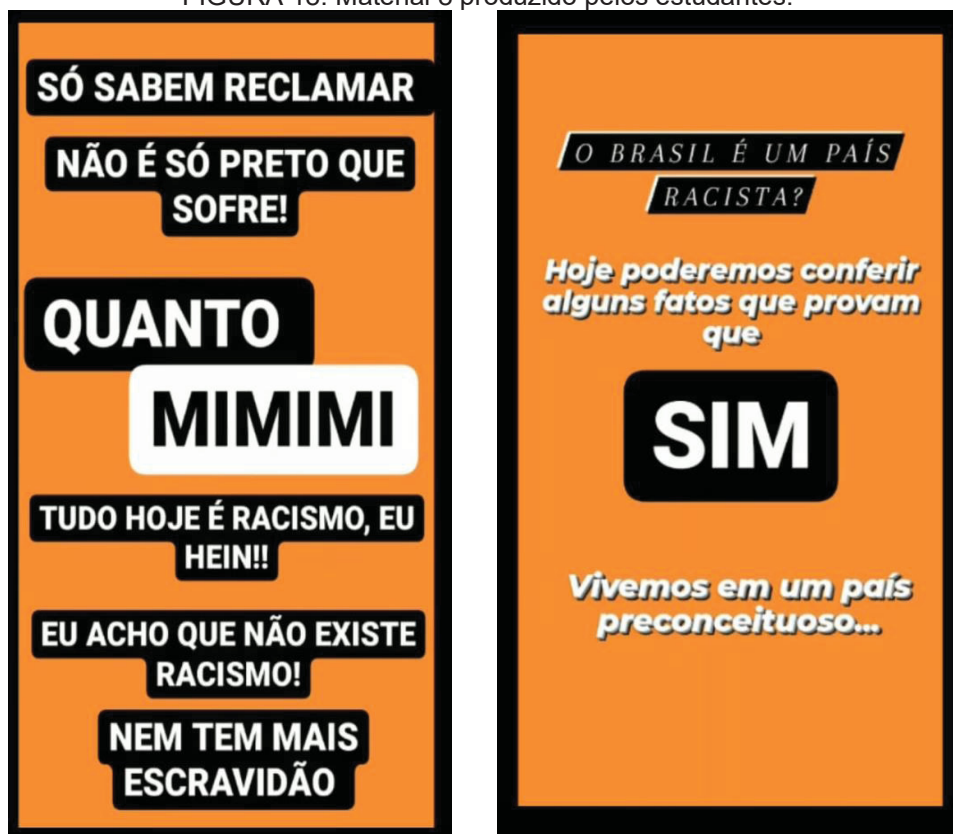
FIGURA 17: Material 7 produzido pelos estudantes.



<sup>14</sup> Em pesquisa, a poesia é de autoria de Carolina Amante, advogada, escritora e poeta que procura em seus poemas sempre proteger os desprotegidos, como o racismo, procurando eliminar o preconceito no Brasil

O oitavo material elaborado pelos estudantes busca gerar um processo de conscientização sobre o racismo estrutural trazendo manchetes e reportagens que evidenciam e comprovam a exclusão social da população negra, demonstrando que o racismo não pode ser tratado como uma reclamação infundada. As alunas responsáveis pela elaboração deste trabalho afirmam que seu principal intuito “é que as pessoas compreendam que as notícias mostram o racismo, mas que a sociedade não enxerga, pois existe uma ideia de que o negro sempre é o culpado e o criminoso”.

FIGURA 18: Material 8 produzido pelos estudantes.



## E ISSO AQUI... ENGANO DA SOCIEDADE?

### Artigo | 80 tiros por "engano"

"Queriam matar um homem negro e sua família ou nossa humanidade inteira?"

Márcio André dos Santos  
Brasil de Fato | São Paulo (SP) |  
15 de Abril de 2019 às 11:10



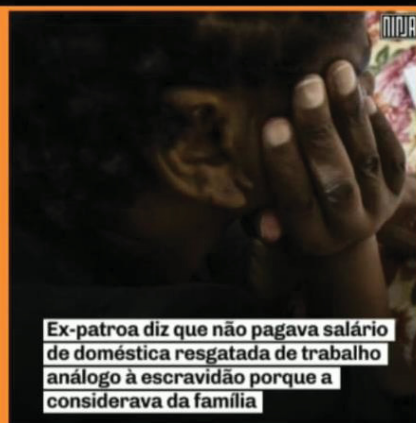
A vítima, Evaldo dos Santos Rosa, morreu na hora do crime - Reprodução / TV Globo e Reprodução / Facebook

### 3 anos da Chacina de Costa Barros: 5 jovens mortos, 111 tiros



### Mãe, negra e lésbica: assassinato de Luana Barbosa permanece impune após três anos

Luana Barbosa foi morta depois de ter sido espancada por PMs em Ribeirão Preto (SP)



Ex-patroa diz que não pagava salário de doméstica resgatada de trabalho análogo à escravidão porque a considerava da família

**ATÉ  
QUANDO  
ISSO  
VAI  
ACONTECER?!**



**VIDAS  
NEGRAS  
IMPORTAM!**

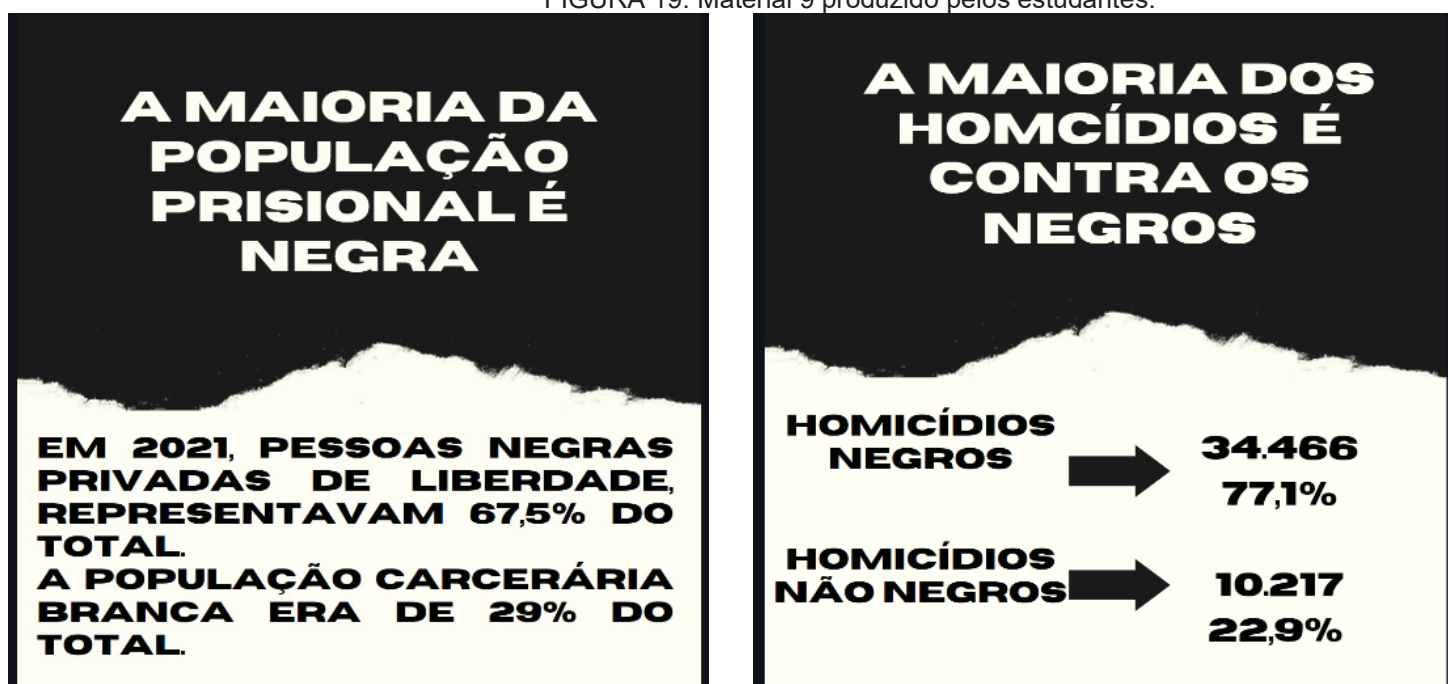


**SEU  
PRECONCEITO  
É  
CRIME!**



O nono material elaborado pelos estudantes faz uma abordagem sobre a violência e sua relação com a população negra, apresentando dados estatísticos que evidenciam a como a população negra é mais vulnerável as principais formas de violência. Para os estudantes que elaboraram o material: “o racismo está tão presente na nossa vida que tornou os negros os principais suspeitos por qualquer crime”.

FIGURA 19: Material 9 produzido pelos estudantes.







Ao desenvolver reflexões e pesquisas sobre os dados e estatísticas que expressam o racismo estrutural no país, buscando desenvolver uma conscientização, os estudantes incentivados a desenvolver uma análise mais complexa sobre as informações, ao relacionar as informações ao contexto e definição do racismo estrutural torna-se inevitável o exercício de uma reflexão crítica. As apresentações aos colegas geraram muita discussão e reflexão, o que incentivou alguns estudantes a compartilharem suas experiências.

Os trabalhos realizados pelos estudantes sobre a conscientização do racismo estrutural, apresentou uma diversidade de temas muito significativos, espelhando as angústias, percepções e expectativas sobre a presença do racismo na estrutura social, econômica e cultural de nosso país. Também possibilitaram uma complexa reflexão sobre o conceito do racismo estrutural e a sua presença no cotidiano, levando-os a um questionamento sobre as construções históricas. Nesta perspectiva, torna-se importante ressaltar a contribuição de MUNANGA (2005, p. 16):

“O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos diariamente é fruto de todos

os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.”

Assim, evidencia-se que para desenvolver uma reflexão sobre presença do racismo como fator estruturante de nossa sociedade, é necessário um resgate sobre a história e memória negra evidenciando os motivos que levaram e levam a exclusão, perseguição e discriminação da população negra, permitindo a construção de uma visão crítica e reflexiva sobre este processo.

A intervenção didática permite aos estudantes compreender que o racismo deve ser visto como um problema estrutural e que a falta de reflexão crítica sobre o tema tornou-se um grande obstáculo para o desenvolvimento da luta contra o racismo no Brasil. Levar os estudantes a desenvolver uma análise sobre suas próprias percepções e percebê-las como influenciadas pelo racismo estrutural permite gerar um impacto que possibilite a transformação, repensando ações e como a sociedade se organiza.

De acordo com Almeida (2019, p. 49) um dos fatores que permite a perpetuação do racismo é “constituir sujeitos cujos sentimentos não sejam profundamente abalados diante da discriminação e da violência racial e que consideram normal e natural que no mundo haja brancos e não-brancos”. Um dos possíveis caminhos para que os sujeitos se sintam abalados por essa segregação racial é o processo educativo, utilizando os recursos metodológicos e pedagógicos para que os jovens desenvolvam a consciência histórica e social e também a sensibilidade diante das injustiças e violências.

Assim, as duas etapas desenvolvidas na intervenção didática desenvolveram a compreensão do racismo estrutural a partir das percepções dos estudantes, sendo assim, expressam as suas vivências e experiências que espelham o contexto social que estão inseridos, permitindo que os mesmos desenvolvam uma análise crítica sobre a sua prática e a partir delas desenvolveram um trabalho de conscientização sobre a temática e através dessa atividade aprofundam a compreensão e os impactos sobre o racismo estrutural.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de conclusão teve como objetivo a realização de uma intervenção didática visando a abordagem do conceito do Racismo Estrutural nas aulas de sociologia a partir das percepções dos estudantes de uma escola estadual do município da Lapa, no Estado do Paraná, marcada pela presença de descendentes de alemães e moradores de uma comunidade quilombola.

O desenvolvimento e análise de uma prática metodológica e pedagógica é uma atividade bastante complexa, mas por meio dela torna-se possível corrigir equívocos e identificar novos encaminhamentos. O processo de pensar uma nova direção pode ser um tanto urgente nas atuais condições políticas, onde as práticas docentes são reduzidas, ao mesmo tempo em que induzem um retrocesso na educação dada a drástica redução da presença da Sociologia, e outras disciplinas, no Ensino Médio.

O PROFSOCIO possibilitou desenvolver um olhar diferenciado ao processo de ensino-aprendizagem e sobre o papel da Sociologia no Ensino Médio, entender o que está acontecendo em sala de aula em relação à história e aprendizagem do aluno, incentivando reflexões sobre o que motiva o aluno a aprender e entender como o aluno se relaciona com o mundo. Através dos aprendizados, debates e reflexões do PROFSOCIO os caminhos deste trabalho foram sendo definidos, partindo do princípio de que no ensino de sociologia, deve-se valorizar uma vivência democrática aliada a uma formação progressista que oriente o aluno para a construção do seu próprio conhecimento e possibilite uma formação emancipatória.

Esta pesquisa e intervenção didática destaca a importância de considerar as percepções dos estudantes e alunas no debate sobre a temática, evidenciando que os debates realizados se tornaram mais significativos para os estudantes, pois a inserção da temática ocorreu a partir das suas contribuições, assim o conceito aproxima-se de sua realidade e suas vivências, deixando de ser algo abstrato. De acordo com Munanga (2005, p. 19) os educadores precisam compreender que a lógica da razão, independentemente de sua importância, não modifica as representações coletivas negativas dos negros(as) na sociedade. “Considerando que esse imaginário e essas representações, em parte situados no inconsciente

coletivo, possuem uma dimensão afetiva e emocional, dimensão onde brotam e são cultivadas as crenças, os estereótipos e os valores que codificam as atitudes”, assim de acordo com o autor, tornam-se necessário desenvolver técnicas capazes de tocar o imaginário e as representações.

A análise coletiva dos materiais produzidos pelos próprios discentes contribuiu para a introdução do conceito do Racismo Estrutural a partir de suas percepções que expressam estes imaginários e representações construídas socialmente. Os recursos utilizados no processo da intervenção didática potencializaram o protagonismo do estudante nos encaminhamentos da construção do conhecimento, partindo das contribuições discentes no processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho oportunizou a verificação, na prática da sala de aula, de que a construção do entendimento acerca do conceito do Racismo Estrutural a partir das percepções dos próprios estudantes, permitiu percebê-lo na sua realidade e suas vivências, possibilitando o desenvolvimento de um processo de questionamento sobre os diversos aspectos que contribuem para a manutenção dos sistemas que estruturam o racismo em nossa sociedade. De acordo com Munanga (2005, p. 17), não existem leis que possam acabar com as atitudes preconceituosas das pessoas, provenientes de culturas de todas as sociedades humanas. Mas, é preciso pensar que a educação é capaz de oferecer “possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados.”

A intervenção didática possibilitou atender as diretrizes da disciplina de sociologia, assim como das leis 10.639/03 e 11.645/08 possibilitando debater os princípios do Racismo Estrutural, e a partir desses debates repensar o papel e a história da população negra no Brasil e no mundo, destacando os preconceitos e discriminações que esse grupo sofreu e sofre, causada por uma história marcada pela hegemonia branca e europeia. Compreender a história africana e afro-brasileira de forma crítica permite um entendimento acerca das inúmeras contribuições no processo de formação cultural, social e econômica do Brasil.

As reflexões relacionadas a compreensão e impactos do racismo estrutural possibilita um processo de desnaturalização no que se refere aos contextos relacionados ao colonialismo e ao processo de exploração dos povos através do racismo científico. Como afirma ADICHE (2019, p. 12): “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. Nesta perspectiva a racismo estrutural se concretiza “ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos.” (ADICHE, 2019, p. 14).

Através do desenvolvimento desta intervenção didática foi possível que estudantes de realidades tão distintas e que compartilham um espaço em comum, pudessem expressar suas percepções e repensar o contexto social e cultural em que foram socializados. É necessário que a juventude contemporânea e futura perceba a importância de conhecer a diversidade histórica e cultural de sua ancestralidade, permitindo repensar e contestar a história única, e a partir disso as estruturas sociais, econômicas e culturais possam ser transformadas respeitando e valorizando os povos e etnias.

O desenvolvimento da prática pedagógica ofereceu possibilidades de desenvolver uma temática complexa e com muitos eixos a partir das experiências dos estudantes, levando-os a desenvolver o senso crítico sobre a complexidade das estruturas sociais em que estamos inseridos, assim como os contextos de exclusão, perseguição e discriminação em que a população negra é submetida, o que é evidenciado pelos estudantes nos trabalhos voltados para o uma conscientização sobre o racismo estrutural.

O presente trabalho propicia questionamentos necessários para os grupos sociais e raciais que são atendidos pela escola pesquisada, possibilitando que os jovens reflitam sobre a presença do racismo estrutural no seu contexto escolar, considerando as especificidades presentes entre o grupo de estudantes da instituição. Considerando a presença majoritária de uma comunidade quilombola, símbolo da resistência negra e da presença do escravismo no Brasil, é possível verificar que existe uma forte reprodução marcada pelo racismo estrutural nas atividades desenvolvidas nesta intervenção didática. A partir das abordagens

realizadas e os próprios discentes entenderem que seus desenhos reforçam um contexto social marcada pelo racismo possibilita que ele enxergue em si mesmo e nas pessoas mais próximas o discurso e a prática que possibilita a manutenção desta estrutura racista.

Nessa perspectiva de refletir sobre os limites e as possibilidades de investigações, concluo o presente trabalho. Que esta pesquisa possibilite a superação das dificuldades presentes no contexto das escolas públicas do país, e no ensino de Sociologia e demais ciências. Considero que as experiências descritas neste trabalho possam oferecer contribuições para o debate do racismo estrutural nas escolas, possibilitando compreender melhor as dinâmicas relacionadas aos processos de aprendizagem a partir das vivências e experiências dos estudantes de todo o país, oferecendo uma reflexão crítica sobre o papel da Sociologia no Ensino Médio.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres na escola**: algumas reflexões sobre o magistério feminino. Caderno de Pesquisas. n. 96, São Paulo, fev. 1996.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: UNESP, 1998.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia educação?** 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.
- BOURDIEU, P. e PASSERON, JC. **A reprodução**. Petrópolis, Vozes, 1998
- BRASIL, **Lei n. 10.639** – 09 de janeiro de 2003. Brasília: Ministério da Educação, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: MEC, 2019.
- BUTI, Rafael Palermo. “**História quilombola no chão: no caminho para um ensino de antropologia imersa na vida**”. Novos debates, 7(1): E7126, 2021.
- CARDOSO, L. **Branquitude acrílica e crítica**: a supremacia racial e o branco anti-racista. Revista Latino-americana de ciências sociais. Vol. 8, nº 1, jan-jun. 2010.
- CARRANO, Paulo César; DAYRELL, Juarez; MAIA, Carla Linhares. **Juventudes e Ensino Médio**: Sujeitos e Currículos em Diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 101-134. 2014.
- COSTA, J.F. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina; VANUCCHI, Paulo (Org.) **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Abramos, 2004. p. 75-88.
- DAMIANI, Magda Floriana et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção didática. Cadernos de educação, n. 45, p. 57-67, 2013.
- DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.24, p. 40-52, 2003.
- DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, v.28 n.100, p. 1105-1128. 2007.
- DURKHEIM, Émile. **A Evolução Pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira. 1968.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e Estado**, vol. 25, núm. 2, maio-agosto, 2010, pp. 185-204 Universidade de Brasília, Brasil

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 17° ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GHIGGI, G.; **Paulo Freire e a revivificação da educação popular**. Educação. Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 111-118, maio/ago., 2010.

GOMES, Nilma Lino. Limites e possibilidades da implementação da lei 10.639/03 no contexto das políticas públicas em educação. In: PAULA, Marilene de; HERINGER, Rosa (Org.). **Caminhos convergentes: estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll/ActionAid, 2009, p. 39-74

GROPPO, Luís Antônio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em Tese**, v. 12, n. 1, Florianópolis, Jan. 2015.

GROPPO, Luís Antônio. Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. **Desidades**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 9-17, mar. 2017.

HALL, S.; JEFFERSON, T. (Org.). Resistance through rituals. **Youth and subcultures in post-war Britain**. Londres: Hutchinson, 1982

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, Janeiro /Junho, 2001. p. 9-43.

KAGEYAMA, Angela; HOFFMANN, Rodolfo. **Pobreza no Brasil: uma perspectiva multidimensional**. Economia e Sociedade. Campinas, v. 15, n. 1 (26), p. 79-112, jan./jun. 2006.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos em ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (org.). **Objetos impuros: experiências em estudos sociais da ciência**. Porto: Afrontamento, 2007. p. 40-61.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANNHEIM, Karl. **Educação e planejamento**. In: FORACCHI, M. (org.). São Paulo: Ática, 1982.

MARIETTO, M. L., & SANCHES, C. Estratégia como prática: um estudo das práticas da ação estratégica no cluster de lojas comerciais da rua das noivas em São Paulo. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v.7, n.3, p.38- 58, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 17, n. 3, 2012.



MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21a. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda; 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. **Textos em representações sociais** (pp. 89-111). Petrópolis: Vozes, 1995.

MÜLLER, Estêvão. **Os ventos sopram liberdade**. Alemães do Volga. A epopeia de um povo. São Paulo – SP: Centro Marista de Estudos e Pesquisas, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude – Usos e Sentidos**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2005.

PARSONS, T. **A classe como sistema social**. In: BRITTO, S. (Org.). Sociologia da juventude. Volume III. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 47-76.

PAULA, Fernanda Maria de Castro. **COMUNIDADES DO FEIXO E DA RESTINGA: Herança dos Afro-descendentes da Lapa**. Curitiba: Edição do autor; 2017.

PINTO, George José. **Do sonho à realidade: Córrego Fundo-MG – Fragmentação territorial e criação de municípios de pequeno porte**. 2003. 248f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

PIZA, Edith. **Porta de vidro: entrada para branquitude**. Petrópolis: Editora Vozes. 2002.

PIZA, Edith. **Adolescência e racismo: uma breve reflexão**. An. 1 Simpósio Internacional do Adolescente May. 2005.

RANGEL, A.R.; LARA, L. M. Festa e funeral: contradições e aproximações em uma comunidade quilombola do Paraná. In: XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte-CONICE, 2011, Porto Alegre. **Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte -CONICE**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBAS, Karin Cristina Siben. **A constituição de identidade quilombola: um olhar acerca da comunidade quilombola do município da Lapa-PR**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas) - Universidade Federal da Fronteira Sul.

RODRIGUES, Guilherme. **Entre o visível e o invisível: um estudo sobre as Congadas na Lapa-PR**. Orientadora: Silvana Maura Batista de Carvalho. Ponta Grossa, 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2021.

RODRIGUES, Ruth Meyre Mota. **Educação para as relações étnico-raciais no Brasil: um termômetro**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2017

SILVA, M.; CIGOLINI, A. A. Comunidades remanescentes quilombolas: iconografias e circulações na comunidade da Restinga - Lapa-PR, Brasil. **Geografar revista eletrônica do programa de pós-graduação em geografia da UFPR**, v. 12, p. 98-118, 2018.

SILVA, Petronilha B. G. Aprender, ensinar e relações étnico -raciais no Brasil. In: FONSECA, Marcos Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexandra Borges. (org.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. p. 11 -37.

SOUSA, Maria Solange Alves de. **Educação étnico-racial e racismo na escola: reflexos na vida das crianças negras**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2016.

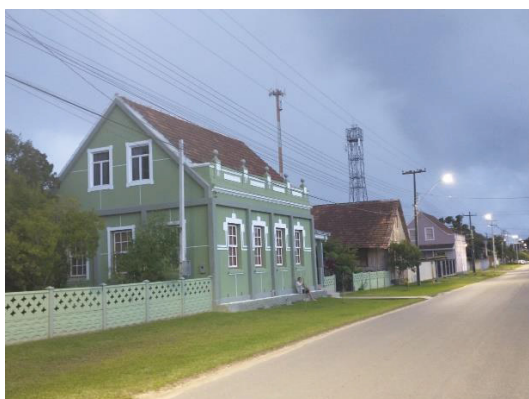
SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SANTOS, Marzo Vargas dos; MOLINA NETO, Vicente. **Aprendendo a ser negro: a perspectiva dos estudantes**. Cadernos de pesquisa, v. 41, n. 143, maio/ago. 2011.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: insurgir, re-existir e re-viver**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.

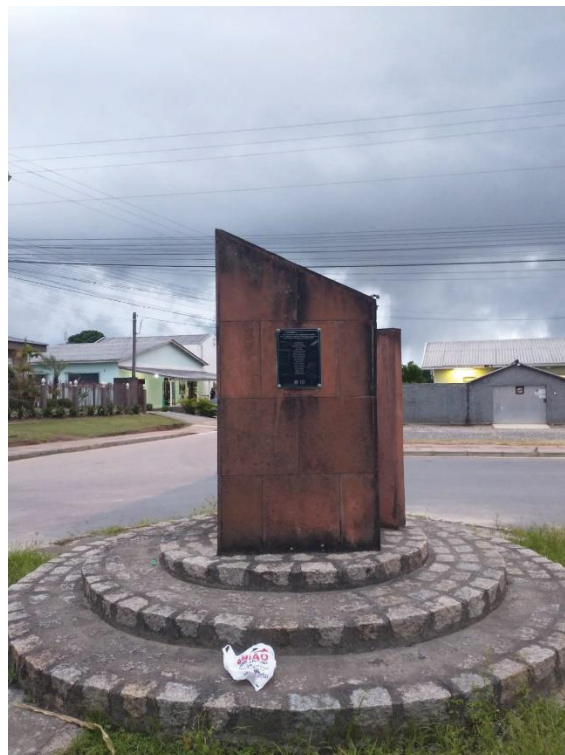
## ANEXOS

### ANEXO 1 – Aspectos arquitetônicos da comunidade de Mariental



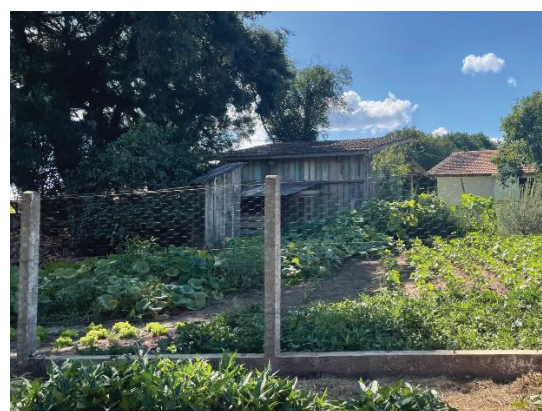
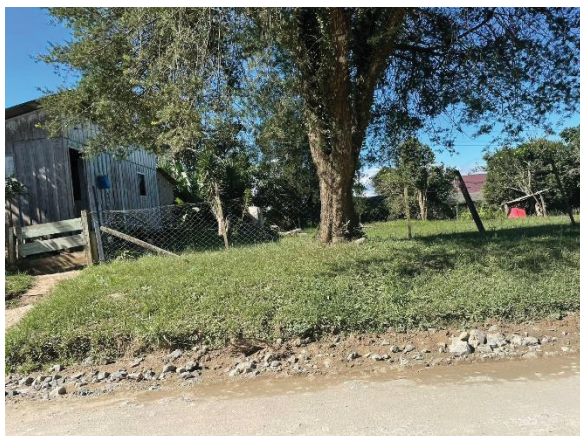


**ANEXO 2 – Monumento em homenagem às famílias colonizadoras da comunidade de Mariental.**





### ANEXO 3 – Imagens da Comunidade Remanescente Quilombola Feixo



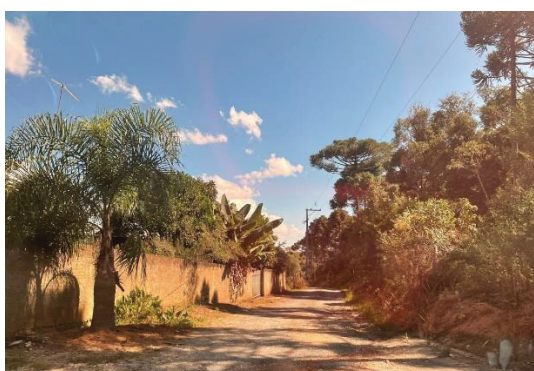


### ANEXO 4 – Imagens da Comunidade Remanescente Quilombola Restinga





## ANEXO 5 – Imagens da Comunidade Remanescente Quilombola Vila Esperança



**ANEXO 6. Questionário realizado para apreender o perfil dos estudantes:****QUESTIONÁRIO – PERFIL DOS ESTUDANTES**

- 1) Qual o gênero que se identifica:  
 Masculino  
 Feminino  
 Outro. Qual? \_\_\_\_\_
  
- 2) Qual a sua idade?  
 14  
 15  
 16  
 17  
 18.  
 Outra. Qual? \_\_\_\_\_
  
- 3) Atualmente, em qual localidade você vive?  
 Mariental  
 Feixo  
 Outra. Qual? \_\_\_\_\_
  
- 4) Em relação a classificação racial, como você se autodeclara?  
 Preto  
 Pardo  
 Branco  
 Indígena  
 Amarela

**ANEXO 7: Questionário realizado para apreender o perfil dos profissionais da escola:**

**QUESTIONÁRIO – PERFIL DOS PROFISSIONAIS**

- 1) Qual a função exercida no colégio?  
 Manutenção, limpeza e alimentação.  
 Equipe pedagógica.  
 Professor  
 Administrativo  
 Biblioteca  
 Gestão
  
- 2) Qual o gênero que se identifica:  
 Masculino  
 Feminino  
 Outro. Qual? \_\_\_\_\_
  
- 3) Em relação a classificação racial, como você se autodeclara?  
 Preto  
 Pardo  
 Branco  
 Indígena  
 Amarela